UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

BRUNA BALDINI DE MIRANDA

**A trajetória editorial da obra de
Gabriel Soares de Sousa**

**São Paulo
2015**

BRUNA BALDINI DE MIRANDA

A trajetória editorial da obra de Gabriel
Soares de Sousa

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre
em Filologia e Língua Portuguesa
Área de Concentração: Linguística Histórica
Orientador: Profa.Dra.Maria Clara Paixão de
Sousa

São Paulo

2015

Nome: MIRANDA, Bruna Baldini de

Título: A trajetória editorial da obra de Gabriel Soares de Sousa

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Mestre em Filologia e Língua
Portuguesa

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Resumo

MIRANDA B. B. **A trajetória editorial da obra de Gabriel Soares de Sousa.**

2015. 340 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar considerações e os resultados obtidos a partir da pesquisa de mestrado: *A Trajetória editorial da obra de Gabriel Soares de Sousa*. Pretende-se levantar aspectos filológicos cuja análise resultará nos fundamentos basilares para a confecção de uma edição crítica digital futura a ser elaborada após a obtenção do título de Mestrado, ou seja, essa edição se destina a ser desenvolvida posteriormente no Doutorado. Partindo da transcrição da primeira parte do manuscrito “Roteiro Geral ...” os aspectos observados na transcrição irão pautar toda a análise feita. A resultante direta desta etapa será a categorização dos aspectos linguísticos, e filológicos, e outros ainda necessários ao estruturamento da pesquisa; bem como uma classificação dos fenômenos encontrados no texto, cujo objetivo maior e mais amplo é delinear os problemas relativos à confecção da edição crítica digital futura.

Palavras-chave: Notícia do Brasil – Filologia – Linguística Histórica

Abstract

MIRANDA B. B. **The editorial trajectory of Gabriel Soares de Sousa's work.**
2015. 340 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,
Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

The starting point for this study was the observation of a rare and unusual editorial path of the publishing history of Gabriel Soares de Sousa's work, composed in the sixteenth century and printed only 250 years later. G. S. Sousa wrote two essays on the territory which he occupied as a settler in the Northeast region in Brazil: *Roteiro Geral com Largas Informações de toda a Costa do Brasil* and *Memorial e Declaração das Grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade, e das notáveis partes que tem*. These manuscripts were presented in 1587 as a treatise entitled *Notícia do Brasil*. However, only in 1851 the text was printed in an edition commented and analyzed by F. A. Varnhagen, with the title *Tratado Descritivo do Brasil de 1587*. This research analyses some hypotheses in order to explore some differences found in the texts as well as to point out some passages which are worthy of further analysis.

KEYWORDS: Historical linguistics. Philology. Chronicle.

Sumário

Introdução 7

Capítulo I – Contextualização 13

- I.1 Preâmbulo sobre o autor e o editor 15
- I.2 Memória e circulação do conhecimento 24
- I.3 Séculos XVI e XIX – manuscrito e publicação 31

Capítulo II - Proposta de interpretação para *Roteiro Geral*...

- II.1 Considerações sobre o tema do texto 43
- II.2 Uma proposta de interpretação de texto para o manuscrito \Resenha de apresentação Notícia do Brasil \ Tratado Descritivo do Brasil em 1587 48

Capítulo III – Aspectos filológicos 54

- III.1 Cópias e estabelecimento de texto 54
- III.2 Aspectos filológicos 58
 - III.2.1 Língua portuguesa sob uma perspectiva histórica 58
 - III.2.2 Língua portuguesa em Notícia do Brasil 61
 - III.2.3 Análise filológica 69
 - III.2.3.1 Intervenções textuais 70
 - III.2.3.2 Intervenções estruturais 74
- III.3 Observações gramaticais 86

Capítulo IV - Transcrição 98

- IV.1 Análise bibliográfica e normas de transcrição 99
- IV.2 Transcrição 101

Considerações finais 239

Referências Bibliográficas 243

Introdução

O ponto de partida para este trabalho foi a observação da rara e incomum trajetória da história editorial da obra de Gabriel Soares de Sousa (GSS), composta no século XVI e impressa apenas cerca de 250 anos mais tarde. O autor escreveu duas crônicas sobre o território que ocupava como colono no Nordeste brasileiro: *Roteiro Geral com Largas Informações de toda a Costa do Brasil* e *Memorial e Declaração das Grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade, e das notáveis partes que tem*. Esses textos foram apresentados sob a forma de manuscritos em 1587 na corte ibérica e a partir do século XVII os dois textos reunidos recebem o nome de *Notícia do Brasil*. Somente em 1851 o texto seria impresso, em uma edição comentada e analisada por Francisco Adolfo de Varnhagen, sob o título *Tratado Descriptivo do Brasil de 1587*.

Para fins de recorte do objeto de estudo, apenas o primeiro texto foi transcrito: *Roteiro Geral com Largas Informações de toda a Costa do Brasil*. Contudo ambos foram lidos e optou-se por um conhecimento global do conteúdo desta obra, que poderia auxiliar a esclarecer informações e aspectos obscuros do texto como um todo. Inclusive é importante pontuar que vários exemplos ao longo desta pesquisa foram extraídos do segundo texto *Memorial e Declaração das Grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade, e das notáveis partes* *que* *tem*.

Assim sendo, é necessário revelar uma das problemáticas mais instigantes que a presente pesquisa de mestrado revelou: o manuscrito estudado não é o original e sim uma cópia apócrifa. Conhece-se a autoria do texto pois Francisco Adolfo de Varnhagen (Varnhagen), autor das edições impressas póstumas do manuscrito, a contestou e atribuiu corretamente a GSS.

Localizada na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São

Paulo (BBM – USP) esta cópia integra a Coleção Brasileira. Vale a pena ressaltar logo nas primeiras páginas do presente trabalho que a BBM – USP recebeu por doação essa coleção, então pertencente a José Mindlin, reconhecido bibliófilo em 2009 e a partir de então, parte do acervo particular a ele pertencente se torna público; justamente a parte que corresponde à Coleção Brasileira. De cabal importância para esta pesquisa é explicitar que essa coleção, a partir do momento que fica sob a guarda da BBM – USP deixa de compor um acervo particular e assume todas as características de um acervo público. A BBM – USP, por sua vez, cataloga o acervo recebido por doação sem ter informações detalhadas acerca da aquisição dos itens do mesmo. Em termos práticos isso significa dizer que: a BBM – USP não possui informações detalhadas em função da tardia construção do prédio oficial, sendo a doação efetivamente executada após o falecimento de José Mindlin, o que dificulta estabelecer a procedência deste acervo, e mais especificamente, para o objetivo principal desta pesquisa, não existem informações precisas acerca da referida cópia manuscrita, assunto que será oportunamente retomado ao longo deste texto, dada a sua importância relativa ao tema.

É necessário estabelecer também a princípio uma distinção entre os objetivos de estudo e os autores estudados nesta presente pesquisa. Uma vez que o original está perdido cf. Varnhagen (1851), a cópia manuscrita consultada nesta pesquisa, localizada na BBM – USP, receberá esta mesma denominação e as edições impressas no século XIX (1851 e 1879, respectivamente) serão chamadas de “edições impressas póstumas”. O próprio Varnhagen teria falecido em 1878.

De acordo com dados e fontes sobre o tema pesquisado, a presente cópia manuscrita pesquisada localizada na BBM – USP seria tardia e teria recebido o título de

Notícia do Brasil. Uma questão premente acerca desse cenário não seria outra: qual o intuito de se produzir uma cópia tardia quando se existe imprensa em pleno funcionamento? É preciso lembrar que a imprensa já estava em pleno funcionamento e que mesmo em Portugal já existia desde o final da década de 1480, segundo Hallewell (2005).

As edições impressas póstumas fizeram surgir a questão: que modificações um editor do século XIX pode imprimir a um texto manuscrito do século XVI, e o que essas modificações podem revelar sobre a língua em cada um desses estágios? Assim, a motivação primeira do presente trabalho é investigar as possíveis mudanças na estrutura do texto nesse percurso, identificando diferenças entre a cópia manuscrita e as edições impressas póstumas. A transcrição da primeira parte do manuscrito permitirá identificar mudanças aplicadas e características próprias aos contextos de escrita (século XVI) e de publicação (século XIX).

A problemática acima exposta permite inferir que a peculiar história editorial da obra motiva a necessidade de traçar uma análise em duas vertentes: a historiográfica e a filológica. A reconstituição dos contextos históricos de produção das duas versões do texto nos séculos XVI e XIX remeterá o trabalho à pesquisa historiográfica, ao mesmo tempo em que pode evidenciar interessantes aspectos filológicos da língua portuguesa. Ao comparar as duas versões do mesmo texto, a pesquisa pode chegar a contribuir para a compreensão das mudanças que se observam na língua portuguesa – em especial considerando-se as hipóteses segundo as quais o século XVI e o século XIX compreendem duas etapas gramaticais distintas (cf. por exemplo GALVES *et al* 2005). Paralelamente, se constituirá um *corpus* de pesquisa que pode ser posteriormente utilizado para análises linguísticas e historiográficas.

Considerando que a essência do presente trabalho se constitui no trato com o texto

em si, se utilizará o princípio de que exista verdade intrínseca nas páginas da cópia manuscrita e de que essas crônicas, na verdade, se configuram como documentos testemunhais, portadores dessa experiência relatada, ou seja, as crônicas são fontes fidedignas que materializam impressões, percepções e relatos a nós inalcançáveis devido ao intervalo de tempo. De modo que para a exploração dos aspectos filológicos, as crônicas se configuram como de vital importância, pois por meio de sua estruturação textual é possível investigar não só os já mencionados aspectos linguísticos e filológicos, mas também questões voltadas ao emprego de determinadas estruturas, bem como a elucidação de determinados fatos históricos que teriam influenciado, de alguma forma, a esfera filológica do documento. Os paleográficos e codicológicos, que embora não estejam correlacionados ao cerne do presente trabalho, ainda assim se mostram de vital importância para o desenrolar da pesquisa e estarão devidamente desenvolvidos em uma futura edição crítica digital, etapa posterior ao presente trabalho. É muito importante pontuar também no início que outro grande objetivo da presente pesquisa foi o de lançar as bases para uma edição crítica filológica, dada a falta desse tipo de edição para o texto desta cópia manuscrita. Como se trata de um dos primeiros textos sobre o Brasil escrito em português percebeu-se a necessidade de abordá-lo do ponto de vista da língua, pois este texto foi escrito em determinado ponto evolutivo da língua portuguesa e foi publicado em outro, muito diferente.

Como é possível inferir, todo esse contexto interfere diretamente no comportamento da língua portuguesa no momento de escrita e entrega do manuscrito, sendo esse o verdadeiro ponto fulcral de muitas das considerações aqui engendradas. Sobre a entrega do manuscrito é importante que se diga que quem o recebeu foi Cristóvão de Moura, bilíngue, uma espécie de conselheiro do rei na corte ibérica; uma vez que o rei Filipe II não falava português, se fez necessário ter esse tipo de intermediação na entrega

do manuscrito. Esse fato se mostra muito emblemático para pensar na questão da língua em que o documento foi escrito e em sua parcial circulação na época. Considerando os aspectos linguísticos que o presente trabalho pretende estudar, não se pode deixar de considerar que essa questão da recepção da língua se mostra de vital importância para entender a trajetória do texto destas crônicas aqui estudadas.

Ainda nesta Introdução é importante pontuar que o presente trabalho está estruturado sob três grandes eixos: a contextualização da obra, a transcrição do primeiro manuscrito - *Roteiro Geral com Largas Informações de toda a Costa do Brasil* e a análise dos aspectos filológicos.. É importante dizer que optou-se pela transcrição apenas do primeiro manuscrito por questões de recorte, pois como se trata de uma cópia apócrifa mostrou-se necessário estudar em profundidade a história em torno do texto e principalmente levantar informações sobre os contextos de surgimento e publicação. E justamente por descobrir que existem uma série de cópias, cujo original acredita-se estar destruído sendo sua procedência também desconhecida, mostra-se necessário fazer uma comparação entre elas, para que se possa eleger a melhor cópia; esta etapa irá compor a futura edição crítica supracitada. Em termos práticos significa dizer que este trabalho é a etapa inicial desta futura edição crítica. Como não se poder afirmar com certeza qual seria a procedência do mesmo, de modo que se mostrou extremamente relevante ler acuradamente e conhecer em profundidade o texto dos dois manuscritos que compõem o *corpus* desta pesquisa, dos quais extraíram-se exemplos que corroborassem diversas ideias em inúmeros pontos deste trabalho. Contudo, é importante reforçar, a transcrição – outro importante eixo deste trabalho – apresentará apenas o texto do primeiro manuscrito.

Antes de passar à próxima seção, é preciso deixar claro que a relação entre a formação do Brasil enquanto nação se coaduna com o texto do manuscrito que surge em um determinado estágio de evolução da língua portuguesa e é publicado e entra em

circulação em outro estágio de evolução da língua portuguesa, esse aspecto, por si só, é muito rico e permite estruturar as explanações que irão compor as próximas seções do presente trabalho.

Capítulo I – Contextualização

Este eixo encabeça a pesquisa pois assume um importantíssimo papel, conforme dito na seção anterior. Sendo o original destruído, as informações que se podem obter do contexto são valiosas para entender qual a situação de produção desse texto. Entende-se que é de vital importância a contextualização do texto, ainda que se corra o risco de se fornecer demasiadas informações históricas, o contexto se faz necessário para que se possa entender o que de fato o texto diz.

Segundo Marcuschi (2008, 67):

... língua é uma atividade cognitiva. Pois ela não é simplesmente um instrumento para reproduzir ou representar ideias (pois a língua é muito mais do que um espelho da realidade). A língua é também muito mais do que um veículo de informações. A função mais importante da língua não é a informacional e sim a de inserir os indivíduos em contextos socio-históricos e permitir que se entendam.

Fica muito claro de acordo com a citação acima que existe uma dimensão maior e mais abrangente no texto, que não se pretende apresentar contextos e fazer os envolvidos compartilharem uma mesma determinada realidade. A realidade em questão, apresentada e explicada na presente pesquisa de mestrado faz parte da contextualização que uma edição filológica pretende oferecer, uma vez que este texto não conta com nenhuma edição deste tipo filológica propriamente caracterizada, como se considera que uma edição nesses moldes deve ser. Na maioria das vezes o que se apresenta são edições históricas, cujo foco dificilmente recairá sobre a língua portuguesa propriamente dita.

Posto isto, é sempre importante considerar que o texto é um produto direto do espaço e do tempo em que foi produzido. Essa característica por si só já evidencia a necessidade de contextualizar ambas as épocas, e principalmente, a função que desempenharam nessas diferentes épocas, abarcando sempre os diferentes momentos em

que a língua portuguesa se encontrava. Tal questionamento suscita uma importante problemática do texto: considerando a longa trajetória editorial, é comum que hajam algumas edições publicadas em diferentes momentos, com diferentes objetivos. Para contextualizar melhor este importante aspecto da trajetória editorial, segue um quadro com as principais edições completas do presente texto estudado.

Essas são as edições conhecidas. Neste trabalho estarei tratando de uma das cópias manuscritas, a cópia da BBM – USP; com a qual foi feito o cotejo com as edições impressas de Varnhagen: 1851 e 1879.

Edições catalogadas e com exemplares disponíveis

[3.1] Manuscrito apógrafo e não-datado. Documento da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, disponível para consulta; Fac-simile digital, cota interna.

Ed. 1825.

[3.2] *Notícia do Brazil, descripção verdadeira da costa daquelle estado que pertence à coroa de Portugal, sitio da bahia de Todos os Santos*. In “*Collecção de noticias para a historia e geografia das Nações Ultramarinas, que vivem nos dominios portuguezes, ou lhes são visinhas [...]*”. Lisboa : Typografia da Academia, **1825**. Tomo 3.

Exemplar da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Fac-simile digital: [<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00545630>].

Ed. 1851.

[3.3] Sousa, G. Soares de. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587*. Edição de Francisco Adolfo de Varnhagen . Rio de Janeiro : Typographia Universal de Laemmert, **1851**.

- Exemplar da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, disponível para consulta; Fac-simile digital, [<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01720400>].
- Exemplar da Biblioteca da Universidade de Harvard, Fac-simile digital, [<http://books.google.com.br/books?id=wWYCAAAAYAAJ>]

Ed. 1879.

[3.4] Sousa, G. Soares de. *Tratado descritivo do Brazil em 1587*. Edição de Francisco Adolfo de Varnhagen. Rio de Janeiro : Typographia de João Ignacio da Silva, **1879**.

Exemplar da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, disponível para consulta;
Fac-simile digital, [<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01720500>].

[3.5] Sousa, G. Soares de. *Tratado descritivo do Brazil em 1587*. Edição de Francisco Adolfo de Varnhagen. 3ª edição. São Paulo, Cia. Editora Nacional, **1939**.

Exemplar do Projeto Brasileira Eletrônica, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Edição digital, [<http://www.brasiliana.com.br/obras/tratado-descritivo-do-brasil-em-1587>].

[3.6] Sousa, G. Soares de. *Notícia do Brasil*. Comentários e notas de Varnhagen, Pirajá da Silva e Edelweiss. São Paulo [s.n.], **1974**.

Exemplar do Instituto de Estudos Brasileiros, disponível para consulta (21400078204-S).

[3.7] Sousa, G. Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Organização de Fernanda Trindade Luciani. São Paulo : Hedra, **2010**. Título em catálogo no mercado.

O presente quadro se mostra muito útil no processo de datação da cópia manuscrita, visto que não existem muitas informações sobre a cópia em questão, este quadro pode auxiliar muito. Inclusive estabelece um interessante parâmetro entre autor e editor, devidamente explorado na próxima seção.

I.1 Preâmbulo sobre o autor e o editor

Antes de iniciar as considerações sobre o texto da crônica e suas duas edições impressas, é necessário tecer alguns comentários que compõem a escrita deste manuscrito.

Pensando detidamente em seus contextos de produção, duas figuras se delineiam: o autor e o editor. Sobre eles é interessante pontuar alguns aspectos, conforme seguem abaixo.

Gabriel Soares de Sousa (GSS), autor da crônica, fez parte da chamada primeira escrita colonial juntamente com Fernão Cardim, Ambrósio Fernandes Brandão e Frei Vicente do Salvador, ou seja, sua crônica dividida em duas partes compôs o primeiro conjunto de textos sobre o Brasil algumas décadas após o descobrimento. Ainda que se saiba que circulam textos e mapas sobre os novos territórios, que viriam a ser conhecidos como “América” séculos mais tarde, mesmo antes de se oficializarem as suas descobertas. Esse fato incomum implica em uma problemática com relação à denominação dessas localidades. O objetivo do presente trabalho não é se aprofundar nesta questão, contudo não se pode deixar de pontuá-la. Em termos práticos, o principal desdobramento deste aspecto para esta pesquisa de mestrado é que o Brasil, enquanto região recém-descoberta já havia recebido essa denominação. Havia um contexto, na época, sobre essas novas regiões, ou seja, esse tipo de conhecimento circulava e essa chamada primeira escrita colonial absorveu isso tudo. Isto posto, esta crônica se configura como de vital importância para entender a dinâmica da colonização na época. Como o foco do presente trabalho recai sobre a língua portuguesa, se mostra relevante considerar esse aspecto no processo de espalhamento da língua portuguesa para fora do continente europeu, esta questão será oportunamente retomada e explicada.

Ainda que não existam muitas e precisas informações sobre o autor em questão, o que se sabe é que chegou ao Brasil aproximadamente em 1569. Acredita-se, conforme Azevedo (2007), que das três embarcações que seguiam de Portugal para as Índias, uma cumpriu o trajeto, a outra retornou a Portugal e aquela em que estava o autor se perdeu e foi aportar na Bahia, depois de reabastecer retomou o trajeto, mas curiosamente GSS não prossegue na viagem, permanecendo no Brasil. Ao longo de sua vida se torna senhor de

engenheiro, vereador e grande proprietário. No decorrer dos 17 anos em que aqui viveu, escreve os dois textos que irão compor sua crônica que receberá no século XVII o nome de *Notícia do Brasil*, que por sua vez será o texto-base do *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*: 1º) *Roteiro Geral com largas informações de toda a Costa do Brasil* e 2º) *Memorial e Declaração das Grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade e das notáveis partes que tem*.

Uma questão que logo vem à mente seria justamente qual a razão em se escrever dois textos tão extensos sobre um território desconhecido e a resposta a esse questionamento recai justamente no fato de o colono Gabriel Soares de Sousa estar interessado nas mercês reais para continuar a explorar o território, sendo que precisaria de permissão e recursos para tal. Ele chega a receber as mercês, contudo falece logo após retornar ao Brasil em 1591. Sobre a permanência do autor é necessário dizer, que naquela época, no período que permaneceu no Brasil, fez e participou de algumas expedições justamente com o intuito de conhecer e explorar o local. De acordo com a extensão da cópia manuscrita e seu nível de detalhamento, é de se supor que o autor em questão tenha participado de algum tipo de rede de comunicação e troca de informações, conforme será explicado oportunamente na seção “I.2 Memória e Circulação do conhecimento”. De toda a forma, esse fato deixa claro que havia efetivamente uma circulação do conhecimento no Brasil e que nesse movimento a língua portuguesa já começava a se disseminar. Realmente essa questão da circulação do conhecimento já no século XVI se comprova em Torres Megiani et al. (2014) uma vez que se estabelece todo um cenário no Brasil do século XVI desconhecido para a maioria, em que a comunicação e a circulação do conhecimento ocorriam no âmbito da colônia.

Não se pode deixar de notar que o nome de Gabriel Soares de Sousa, custou a aparecer relacionado aos primeiros escritos sobre o Brasil. Deve-se a isso o fato de que colonos e jesuítas se envolviam constantemente em brigas e dada a influência que os

jesuítas exerceram na época, tem-se aí uma possível explicação para um certo silêncio em torno do nome do autor. Como o próprio autor diz na epístola, ele não tinha aspirações a ser um autor\escritor e escreve poucos textos: testamento, carta e os dois manuscritos. Não se poderia deixar de notar uma interessante questão sobre a autoria do texto presente na cópia manuscrita: ainda que o autor seja GSS, muitas vezes, quando se objetiva um pontual acesso o texto que se encontra com maior facilidade para pensar o contexto do século XVI é aquele publicado no XIX, editado por Varnhagen. Esse fato demonstra que pode haver um certo ruído na compreensão de que foram textos com contextos de publicação diversos e sobretudo: a língua portuguesa se encontrava em momentos distintos nesses dois contextos; essa discussão será retomada na seção “I.3 Séculos XVI e XIX – manuscrito e publicação”.

Na época em que GSS vem ao Brasil, havia um verdadeiro movimento de viagens para as colônias portuguesas da África e da Ásia, apesar do descobrimento em 1500, apenas tardiamente Portugal se interessa em explorar terras brasileiras. É interessante perceber que GSS se encontra justamente nesse contexto: um colono que precisa relatar fatos e acontecimentos relativos a uma região visitada por piratas e corsários franceses, ingleses, holandeses. Não seria por outro motivo que o último capítulo da segunda parte do manuscrito encerra pontuando a necessidade de se proteger este território brasileiro dos “estrangeiros”, pois havia um grande risco de se perder território para eles. É preciso ressaltar que nesta altura o português não era considerado o “estrangeiro”. O questionamento interessante que se desmembra é: este texto foi utilizado como base para fundar uma memória para uma nação recém-independente, cuja língua se encontrava em outra etapa de evolução (Galves, 2006), ou seja, essa crônica fundante do Brasil teve um uso seletivo e direcionado para este determinado fim.

Nesse preâmbulo, a outra personagem igualmente importante é Francisco Adolfo de Varnhagen (17 fevereiro de 1826 a 26 de junho de 1878) (nome da historiografia brasileira, um dos primeiros pesquisadores acerca do tema indígena, membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro – IHGB) que se utilizou dos escritos de GSS para construir uma memória para o recém-independente Brasil. E aqui surge um interessante paralelo: GSS começou a escrever sua obra nos idos dos 1500 (aproximadamente 20 a 30 anos depois que o Brasil foi descoberto) e Varnhagen publica a primeira edição em 1851, também no mesmo século em que o Brasil se torna independente. Da mesma forma que houve um contexto específico no século XVI para o surgimento do texto estudado em questão, também houve um contexto específico de surgimento no século XIX, aspecto que o presente trabalho entende como essencial para desenvolver a questão dos diferentes períodos em que a língua portuguesa se encontrava nessas épocas. De acordo com Monteiro (2001), o Brasil da época, recém-independente, tinha na questão do indígena um ponto fulcral para seu desenvolvimento. Ainda que o momento e os desdobramentos históricos não sejam o foco desta pesquisa, é necessário pontuar o contexto histórico e identificar que a escolha dos manuscritos por Varnhagen não ocorreu aleatoriamente, ou seja, havia uma questão de interesse nessa escolha, tanto que Varnhagen teria também trabalhado nos textos do jesuíta Fernão Gomes Cardim. Dada a complexidade da questão do indígena, Varnhagen busca em dois autores da primeira geração cronística – um colono (Gabriel Soares de Sousa) e um jesuíta (Fernão Gomes Cardim) o aprofundamento nessa questão. Tal busca demonstra que havia a necessidade, no século XIX, de acessar informações, algumas desconhecidas, sobre as populações autóctones. Isso se deve à formação de uma sociedade propriamente brasileira, já que no século XVI o texto do manuscrito apresenta informações relativas a um território português colonizado e no XIX, a um país recém-independente que se encontrava no contexto de legitimar valores

nacionais, inclusive em relação à própria língua em que os documentos **oficializantes*** estavam escritos. Entende-se que as crônicas escritas por GSS se enquadram justamente na classificação de documentos oficializantes dado o teor documental de relatório da crônica em questão, que se mantém nas edições impressas de 1851 e 1879.

Tal contexto se verifica facilmente nesta passagem de Monteiro (2001:26)

O interesse de Varnhagen pelos textos de Gabriel Soares foi muito além desse mero exercício acadêmico. Como membro de destaque do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, Varnhagen situava-se na linha de frente de uma geração de intelectuais e estadistas que enfrentava a tarefa de inaugurar uma tradição histórica nacional. Como parte deste ambicioso projeto coletivo, a Revista Trimensal do Instituto trazia muitos relatos coloniais inéditos, com certa ênfase nas descrições de populações indígenas, sobretudo os Tupi da Costa.

Com certeza, um dos mais árduos desafios residia na descoberta, recuperação e edição de textos que esboçavam um pano de fundo histórico e etnográfico para os primórdios da civilização brasileira, textos estes em sua maioria soterrados embaixo de camadas de papéis e de poeira em instituições situadas na Europa. Com o intuito de reverter a pesada imagem de uma sociedade escravista atrasada, precariamente civilizada e profundamente miscigenada, os membros do Instituto buscaram conciliar as origens americanas com os princípios civilizadores que guiavam os estados-nação do século XIX. Na falta de ruínas espetaculares de antigas civilizações - problema que foi debatido em algumas reuniões do Instituto - e enfrentando um conflito acirrado com as populações indígenas contemporâneas, a geração das elites que atingia a maioria junto com o próprio imperador começou a esboçar uma mitografia nacional que colocava os nobres, valentes e, sobretudo, extintos Tupi no centro do palco.

Essa informação é muito relevante pois evidencia que havia um determinado interesse específico na questão do indígena, justamente pela dificuldade em resolvê-la. Em termos práticos isso significa: como acomodar os interesses de uma nação em desenvolvimento e a não adesão de suas populações autóctones? Conforme aponta a passagem supracitada, Varnhagen, na qualidade de membro dessa elite intelectual, nesse sentido, será um dos responsáveis por articular esse conhecimento pouco difundido nesse cenário colonial que se delineava.

Um aspecto pouco pontuado ao se considerar o diálogo intertextual entre a cópia manuscrita e as edições impressas póstumas, mas ainda assim extremamente relevante, seria o cenário político brasileiro naquela época: a questão indígena se mostra como um aspecto fulcral ao desenvolvimento de ‘um Brasil’ que precisava se posicionar quanto a esta questão, ou seja, havia a necessidade de alavancar e concretizar o desenvolvimento econômico em detrimento das populações autóctones. Varnhagen publicou algumas obras durante o século XIX motivado em grande parte pela não tradição portuguesa em publicar trabalhos sobre o Brasil, pode-se concluir que Varnhagen trabalhou com autores dos séculos XVI a XVIII para justamente entender as especificidades do território brasileiro, suas riquezas, seus perigos e toda a informação relevante de que dispunham. Neste aspecto é importante considerar que Varnhagen teria consultado os escritos de GSS e também de Fernão Cardim para se aprofundar no conhecimento do território brasileiro. Evidentemente toda as épocas têm a sua especificidade e é necessário que se considere isso na análise desta cópia manuscrita em seus diferentes contextos de surgimento e publicação.

É importante frisar que é necessário um trabalho mais aprofundado sobre os condicionantes das épocas para examinar mais detidamente as intervenções nos textos, mas de toda forma é possível perceber que denotam um trabalho acurado e valioso para a posteridade.

Identifica-se justamente nessas intervenções um ponto de articulação com disciplinas dos campos da Filologia e da História, pois do ponto de vista editorial essas alterações constituem uma opção do organizador – Varnhagen – e somente estudando os processos e os movimentos do Período Colonial é possível determinar as possíveis razões dessas novas opções. Muitos podem pensar que uma simplória troca de termos não tenha nenhum propósito, entretanto, uma vez que o editor fará parte da primeira geração de uma elite intelectual responsável por construir uma memória nacional para o Brasil, conforme

dito anteriormente, evidentemente é muito relevante estabelecer, e até mesmo sugerir hipóteses, para a estruturação desse constructo cultural por ele engendrado.

De maneira que investigar a trajetória dessa obra pode esclarecer relevantes aspectos da sociedade e da cultura de ambas as épocas. Além disso, existe uma necessidade premente de se estabelecer os contextos distintos de ambas as épocas sem que se cometa a incorreção da anacronia, portanto, se faz necessário resgatar ambos os contextos dos séculos XVI e XIX.

O resgate desses contextos revela uma outra questão muito importante: a autoria. Não se pode deixar de considerar que se chega ao texto que surgiu no século XVI através das edições impressas no século XIX, conforme dito anteriormente. Em termos práticos, isso significa dizer que muitas vezes encontra-se a versão mais modernizada do texto atribuindo-a ao autor do século XVI, o que se configura como inadequado. De modo que essa peculiaridade sobre a autoria torna o trabalho filológico com o texto ainda mais relevante e necessário.

Ainda discutindo as duas vozes que reverberam no texto desta crônica, do autor e do editor, mesmo que Varnhagen não tenha feito uma edição filológica crítica – isso será explicado oportunamente – ele empreendeu um trabalho crítico de muita importância e relevância, pois o próprio Varnhagen estabeleceu a autoria do documento, conforme se verá adiante. Além disso empreendeu correções e alterações no texto, que se mantiveram nas edições estabelecidas, que ecoam até hoje, e que revelam dois aspectos muito interessantes: o grau de minúcia do texto e como essas informações circularam e passaram a fazer parte de textos fundantes do próprio Brasil.

Ainda que já tenha sido mencionado anteriormente, é necessário retomar a questão da cópia manuscrita sem original. Uma vez que um dos pontos-chave da presente pesquisa

de mestrado se tornou identificar exatamente como o manuscrito localizado na BBM – USP se coloca na trajetória editorial desta obra de GSS, é muito importante, do ponto de vista da filologia, que se estabeleça uma cronologia entre as cópias, uma vez que o original se perdeu, conforme supracitado, e Varnhagen estabeleceu a autoria, fica nítido que é muito importante entender como essa cópia tardia, localizada na BBM – USP, poderia fazer parte desse conjunto maior de cópias completas e incompletas, localizadas na Europa. Esse dado, por si só evidencia que havia realmente uma circulação desse conteúdo, pois cópias manuscritas foram feitas enquanto já havia imprensa em Portugal. Isso em termos de circulação do conhecimento, se mostra relevante, uma vez que irá compor o universo imagético do território brasileiro, ou seja, esse processo promoveu a absorção dessas ideias pelas gerações seguintes.

Considerando essa questão supracitada, segundo Luciani (2010), o texto estudado no presente trabalho seria uma cópia tardia (provavelmente do século XVII) e o original teria se perdido. Este fato estabelece que não existe proximidade física entre o conjunto de cópias manuscritas examinado por Varnhagen e esta cópia manuscrita estudada na atualidade, contudo o texto em questão é substantivamente próximo, pois na presente pesquisa de mestrado foi feita uma exaustiva comparação entre os textos – cópia manuscrita e edições impressas póstumas – e percebe-se que considerando a extensão do texto não existem trechos extensos suprimidos ou numerosas trocas de termos; há algumas trocas pontuais que pretendo explorar oportunamente na edição crítica digital futura.

Uma vez que o autor e o editor provêm de diferentes épocas e, justamente por isso os contextos de surgimento e publicação são muito diversos entre si, é necessário apresentar uma reflexão mais aprofundada a respeito, o que ficará a cargo da próxima seção.

I.2 Memória e circulação do conhecimento

Com o objetivo de iniciar o necessário embasamento retomando os diferentes contextos de surgimento e publicação do texto, é importante pontuar que dois temas serão abordados nesta seção, serão eles: o manuscrito / a escrita e o bilinguismo. Estes dois temas se revelaram de extrema importância ao longo de todo o levantamento feito até o presente momento.

Apesar de longo o trecho a seguir de Azevedo (2007) ilustra um importante aspecto acerca do contexto da entrega do manuscrito em 1587:

O caderno apresentado por Gabriel Soares em Madrid, que veio a constituir um dos registros mais importantes do primeiro século de colonização, requer duas considerações preliminares. Em primeiro lugar a questão da obra em seu contexto espaço-temporal de produção, em que se postulam as perguntas elementares de uma análise documental: a quem Gabriel Soares se dirigira, como se apresentou, quais foram seus pares nesta aventura da escrita? A historiografia recente articula estas perguntas a uma problemática em fase atual de aprofundamento, que diz respeito à abordagem do período da União Ibérica como específico na história das relações político-administrativas, entre metrópole e colônia.

No outro encaminhamento persiste uma questão comum a maior parte dos relatos coloniais: a defasagem temporal entre o lugar de produção, descobrimento e valorização historiográfica. Esta vertente interpretativa se inicia no século XIX, com a historiografia da nação recém emancipada e segue até hoje, num refazer-se de concepções teóricas e metodológicas e consequente enfrentamento e absorção do documento original.

A distância temporal que marca o momento da elaboração do texto do da sua recepção estabelece um vácuo, uma distensão para a compreensão do discurso colonial, que passa a ser instrumento na reconstrução ou reinterpretação de um tempo pretérito. Esta recuperação que transforma o testemunho em fonte histórica nos insere na relação entre história e memória. Relação sempre estreita que marca a leitura e o recorte que se fez sobre o texto e que permite percepções diversas tanto do período original em que foi elaborado quanto do próprio autor.

(AZEVEDO, 2007:17)

O que este longo trecho ilustra é precisamente a forma como o texto histórico é capaz de corporificar a memória que irá se consolidar acerca de um determinado evento do passado, a presente citação pretende inferir que existe todo um movimento de contextualização e reconstrução textual que perpassa o campo da circulação das ideias, que por sua vez também é responsável pela consolidação da memória.

Um questionamento absolutamente lícito seria aquele referente à forma como todo esse caminho – escrita/circulação das ideias/memória – se erige; a resposta a tal questionamento recairia sobre:

O texto é a trama: um tapete de vários fios que constroem uma imagem. Mas as imagens não são vistas da mesma forma pelos espectadores, o olhar é quem faz os sentidos e reconstrói os fios. É através deste olhar que se faz presente, individual, único e múltiplo que podemos nos aproximar do legado de Gabriel Soares
(AZEVEDO, 2007:112).

Ou seja, ao explorar os aspectos filológicos do texto, é possível se determinar como essa memória se construiu, quais elementos foram elencados, qual a correlação que se estabelece entre eles e etc. No caso específico da presente trajetória editorial, a comparação entre o texto original e a edição crítica sempre revela importantes aspectos de ambos os períodos em que surgiram.

A respeito da tão necessária contextualização:

Quando se aborda o *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, há uma contextualização geral que não se pode perder de vista. Em termos econômicos, isto significa salientar a rede mercantil na qual a colônia estava inserida; do ponto de vista político, cabe enfatizar o Estado Absolutista em sua afirmação de autoridade. Já no âmbito social, implica em destacar os conflitos entre autoridades seculares, eclesiásticas e colonos. Ao mesmo tempo, a tentativa de recuperar o momento histórico onde o texto se situa é uma construção. E, no caso aqui abordado trata-se de uma construção sedimentada em reconstruções já feitas deste passado histórico.
(AZEVEDO, 2007:113).

A ideia contida neste trecho também pode ser observada em Koselleck (2011) - ou

seja, ambos os autores pontuam a mesma questão: a partir de um dado conhecimento consolidado no passado parte-se para novas reconstruções daquele mesmo conhecimento. De modo que, é possível concluir que este também seria um dos movimentos capazes de consolidar a memória, conforme dito anteriormente.

Cattozzi (2006) faz importantes observações sobre este mesmo aspecto:

...Bouza preocupa-se com os usos destes manuscritos, compreendendo-os em sua própria materialidade, bem como o papel que ocupavam em uma sociedade altamente iletrada, mas que começava a conferir à escrita um significado de progresso e civilização. Desde a introdução do livro, o leitor depara-se com um mundo repleto de manuscritos, trazendo a ideia de que a imprensa não afeta tão diretamente sua circulação no Século de Ouro espanhol e português. O autor afirma que os manuscritos também eram feitos para circular, para ‘correr’, e que havia uma ‘competição’ entre eles e os impressos.

Estas observações apenas enfatizam o que havia sido dito antes, isto é, que a escrita – elemento que compõe a tríade citada na Introdução – circulou enquanto manuscrito, e nessa modalidade competiu com o impresso, inclusive é sabido, que determinados conteúdos tinham mais credibilidade quando se apresentavam sob a forma de manuscrito. De forma que se pode deduzir que os manuscritos e a escrita desempenharam um papel de destacada relevância na circulação do conhecimento.

Essa perspectiva da circulação do conhecimento levanta uma importante questão: o período estudado por Fernando Bouza, fato público e notório, é conhecido por apresentar analfabetos nos mais variados estratos, de modo que pode-se pensar que a escrita e o manuscrito não teriam especial relevância, no entanto uma outra observação de Cattozzi (2006) desfaz qualquer inconsistência:

Bouza está preocupado com a circulação de textos em uma sociedade iletrada, por isso busca relações que vão além da do texto e

seu leitor, mostrando que o analfabeto pode ler através dos outros ou estabelecer relações com a escrita que não dependam da leitura.

Este trecho permite pontuar, como é sabido, que a leitura em voz alta era prática comum até idos do século XVII, aproximadamente. Com isso, fica claro que a circulação do conhecimento e a consolidação da memória antes representam processos muito mais dinâmicos e complexos do que se pode pensar.

Ainda refletindo sobre o status dos manuscritos, é importante atentar para duas observações de Algranti e Megiani (2009: 165 e 166):

Compostas por volumes predominantemente manuscritos antes da invenção da imprensa, as livrarias de reis e rainhas, clérigos e aristocratas eram formadas com fins nem sempre ligados ao conhecimento em si.

e:

Para o historiador Fernando Bouza, no decorrer dos séculos XVI e XVII os atos de escrita/leitura travaram um verdadeiro combate com os sentidos da visão e da oralidade pela preservação da memória, combate este que levou à separação entre as formas de expressão conhecidas a partir do século XVIII, resultando na predominância dada à combinação ler/escrever para a preservação do conhecimento. Até o final do século XVII a escrita era considerada uma imitação do visual e do oral, diferentemente do resultado da disputa entre escrita/leitura e imagem, que termina favorável à escrita no ocidente a partir do XVIII. Desse modo, o ato de escrever passa a ser associado à racionalidade, enquanto a representação por imagens torna-se atributo das artes plásticas no nível erudito, e a oralidade limita-se ao ensino e educação de analfabetos no nível popular.

Separadamente estas duas citações permitem concluir que as livrarias das casas reais foram também as responsáveis pela circulação do conhecimento e, por conseguinte, da consolidação da memória, uma vez que as coleções (manuscritos, códices, pinturas, objetos de arte e etc.) compuseram o acervo de vários museus e institutos culturais.

Do mesmo livro segue a citação que encerra o primeiro tema apresentado nesta seção (Algranti; Megiani, 2009: 176):

Contudo, o desenvolvimento das pesquisas acerca da cultura escrita no

Império português tem nos levado, como vimos anteriormente, à necessidade de ultrapassar as relações entre escrita-leitura-memória formuladas por esses autores [Daniel Roche, Lucien Febvre, Roger Chartier, Peter Burke, Robert Darnton, Carlo Ginzburg e Natalie Z. Davis], já que se trata de um vasto mundo conectado por meio de papéis escritos, raramente fixados na forma impressa, excetuando-se sempre o caso dos jesuítas detentores de uma tecnologia comunicativa altamente sofisticada em função da natureza de sua missão universal civilizadora.

Esta citação ilustra de maneira irrepreensível o cenário com que se trabalha em termos de reconstrução de uma trajetória editorial, ou seja, todas as nuances, todos os detalhes, todas as dinâmicas e etc. que nem sempre são evidentes em uma primeira leitura.

O segundo tema que esta seção pretende tratar, o bilinguismo, se configura em uma situação política muito peculiar à época e que deve ser examinada mais detidamente, por apresentar desdobramentos filológicos igualmente peculiares. Ilustram tal situação duas importantes citações, são elas Megiani (2005):

Enquanto Portugal e Espanha viveram a experiência da monarquia dual, estavam em gestação novas ideias políticas que procuravam adaptar as concepções do poder real e da soberania régia, herdadas da Antiguidade, da tradição medieval e escritas pelos humanistas, à realidade do império ultramarino. Os novos mundos e as novas humanidades que passaram a ser conhecidos desde as expansões e conquistas eram uma realidade indiscutível, e era necessário inseri-los na razão de Estado e na política que vigoravam no seio da recente coroa luso-espanhola.

e Cuesta (1989):

A união ibérica não foi fruto de uma inteligente atuação do monarca espanhol ao produzir-se no reino vizinho a crise dinástica de 1578, mas também não pode ser qualificada de acontecimento inesperado e fortuito. Somente alimentado durante mais de um século pelos reis castelhanos e portugueses, era a consequência quase inevitável de uma persistente política de casamentos entre os príncipes das duas coroas, política essa que, mais tarde ou mais cedo, tinha de conduzir à sua fusão, sobretudo tendo em conta a elevada mortalidade da época, que favorecia a substituição da linha direta de herança pelas colaterais; mas além disso, em 1580 essa fusão era algo tão querido pela alta burguesia, pela nobreza e pelo alto clero lusitanos que um investigador contemporâneo se viu tentado a falar de uma ‘anexação de Filipe’ pelas classes dominantes portuguesas.

Essas duas citações revelam um contexto extremamente específico que por se

inserir em um momento político e apresentar desdobramentos territoriais também apresentou impactantes consequências no campo linguístico. Ora, se em um período não abordado pela presente pesquisa, ambas as línguas – português e castelhano – tiveram uma origem comum no período contemplado por este estudo voltam a se “amalgamar” durante a regência dual; de acordo com a história da língua portuguesa o termo “amalgamar” precisa receber grifo porque há uma distinção nesse fenômeno, por assim dizer. Mesmo que os dois reinos que compunham a Península Ibérica se separem e se agrupem num relativamente curto período de tempo, se observará na língua, portanto também na produção escrita, na qual este trabalho se concentra, uma produção bilíngue, mesclada e, além disso, o livre trânsito de considerados eruditos nas cortes, como por exemplo Gil Vicente, Garcia de Resende e Sá de Miranda, lembrando que também o próprio Camões apresenta uma produção de poemas em castelhano. Essa pretensa junção, essa habilidade para compor, escrever e – por dedução – se comunicar em duas línguas em cortes diferentes e vizinhas traz à tona um questionamento: o perfil bilíngue pertence ao cidadão comum ou a uma classe privilegiada.

Esse questionamento se tornou claro à medida que a presente pesquisa para o projeto avançava e que era possível perceber a relevância dessa questão em razão de haver cópias em castelhano do original de GSS, conforme dito anteriormente.

Ainda sobre este assunto uma observação pertinente: a lombada da cópia em português utilizada no cotejo do presente trabalho está em castelhano, o que será devidamente explicado na seção de Bibliografia material.

Outra importante questão que se impõe de maneira voraz: se a escrita era uma técnica pertencente a letrados de privilegiada condição e se esses letrados pertenciam a um ambiente reconhecidamente bilíngue, porque teria então GSS, nobre – conforme Azevedo

(2007:15)

... o jovem Gabriel Soares preferiu ficar aonde chegou, e fez uma carreira próspera; tornou-se senhor de pelo menos dois engenhos na região do Recôncavo baiano, proprietário de éguas, bois de carros, escravos, móveis e índios forros, além de possuir grande quantidade de terras e casas na cidade de Salvador. Também participou da administração da capitania e, em 1582, assinou como vereador, o Auto de Aclamação e Juramento de Fidelidade, prestado pelo Senado da Câmara da Bahia a Filipe II da Espanha

– escrito a crônica com a qual pretendia conseguir privilégios do rei espanhol em português? Ainda mais levando-se em conta que os portugueses entendiam os castelhanos, mas o contrário não era verdadeiro.

A junção desses dois temas revela que o presente trabalho ao invés de apresentar respostas prontas, se ateve a levantar questões e identificar outras fontes de pesquisa que possam dar continuidade à própria pesquisa em si.

Muitos dos temas levantados permaneceram em aberto e se complementam, no entanto, percebeu-se que existem outros aspectos e percursos a serem explorados. Mesmo assim sua relevância é enorme para a presente pesquisa, no sentido de tentar elucidar a trajetória editorial da presente obra, conforme os objetivos principais desta pesquisa.

Para tanto, é interessante considerar que duas diferentes e distantes épocas delimitam a trajetória do presente texto, ou seja, os séculos XVI e XIX se configuram, na presente pesquisa, como épocas de especial relevância, já que representam, respectivamente, épocas de surgimento e publicação do texto estudado em questão.

Nesta seção é importante pontuar que se pode perceber no texto um elevado grau de minúcias e detalhes, sendo que nenhuma fonte é citada, pode-se depreender desse fato que se torna mais uma evidência de que havia uma determinada circulação do conhecimento na colônia naquela época, ainda que seja difícil comprovar. Esta é a única

hipótese que se pode considerar para explicar todo esse grau de detalhamento que não era sem razão: o objetivo principal sempre foi sensibilizar o rei e convencê-lo a financiar expedições exploratórias na colônia.

I.3 Séculos XVI e XIX – manuscrito e publicação

Esta seção se ocupará de dois períodos distintos: os séculos XVI e XIX. É necessário pontuar que estas duas épocas moldarão a análise da cópia manuscrita, pois sabe-se que o texto é sempre o produto de uma determinada época e de um determinado contexto. De modo que, para os objetivos de análise desta presente pesquisa e por conseguinte, do estudo da trajetória editorial deste texto, é necessário colocar em paralelo estas duas épocas para que se tenha uma clara noção de seus contextos e desdobramentos. Nota-se uma profunda influência direta de ambas as épocas no texto, obrigatoriamente pode-se identificar na camada externa mais evidente uma concreta modernização na grafia, para a época, ou seja, houve modernização na grafia do texto do século XVI para o século XIX. Contudo esta camada mais externa não é a única que apresenta influência da época em que surgiu. Os contextos de surgimento e publicação nos pontuam aspectos importantes sobre a própria língua portuguesa que serão oportunamente explorados. Além destes, nos pontuam também determinados aspectos voltados à própria compreensão do texto em si, ou seja, determinadas estruturas e referências fazem menção a diferentes significados.

Antes de passar propriamente às considerações acerca dos séculos XVI e XIX em território brasileiro, algumas colocações sobre a Europa e a Península Ibérica se fazem relevantes. Há tempos, antes da época estudada, já haviam exploradores do mar e

navegantes que já escreviam cartas de navegação, mapas, roteiros e que já haviam feito uma série de avistamentos, ou seja, a exploração marítima era uma realidade no século XVI, e somando-se a isso deve-se pontuar que devido à permanência dos árabes e povos arabizados na Península Ibérica por trezentos anos e por terem fundado muitos centros voltados à ciência e ao saber, os portugueses, pela lógica, absorveram todo esse conhecimento e efetivamente o colocaram em prática navegando pelo oeste.

Na época, a rota marítima mais comum e menos longa passava pelo Mar Mediterrâneo, que foi praticamente controlado pelos muçulmanos. Como as trocas comerciais aconteciam majoritariamente por esta rota marítima, os povos não muçulmanos se viram em situação muito prejudicial, a outra rota, terrestre era muito perigosa e mais sujeita a pilhagens, por isso a rota que todos preferiam era a marítima. Não é exagero dizer que muitos, se não a quase totalidade, dos recursos obtidos por esses povos vinham do comércio de produtos como: pimentas, sedas, temperos e etc. De acordo com esta nova situação, a solução encontrada foi contornar toda a costa da África para continuar a comerciar estes produtos. Como esta nova rota é muito mais longa e os navegantes suspeitavam que houvesse outras terras a serem encontradas, alguns começaram a desviar desse trajeto inicial e passaram a avistar e a aportar em diferentes partes do território que seria conhecido como América. Isto teria acontecido ao autor GSS: desviou da rota original e acabou permanecendo no novo território.

Aqui cabe uma reflexão: como a empreitada marítima era muito dispendiosa, geralmente levavam-se escrivãos justamente para que se pudessem registrar novas rotas e tudo que pudesse ter algum valor para ser comercializado. Dado o fato de que um dos primeiros relatos sobre o Brasil foi escrito em italiano em 1507, e com isso corriam informações sobre os territórios a oeste, ou seja, os territórios que seriam conhecidos como América, posteriormente, e que se diziam haver muitas riquezas. De modo que

existem grandes chances de que o autor GSS poderia saber que esses novos territórios continham essas tais riquezas, apesar de não saber exatamente onde se localizassem. Essa hipótese é mais plausível do que aquela que diz que o autor permaneceria em um território desconhecido sem uma razão aparente. Mesmo Portugal tendo descoberto o Brasil, ainda em 1569, ano aproximado de chegada do autor, ainda não tinha registros suficientes para considerar que se conhecesse o território em sua totalidade, circulavam informações no ‘estrangeiro’, conforme já citado, de modo que as informações que circulavam restritamente ainda o faziam por meio dos relatos de exploradores e navegantes, que na verdade, serviam mais em causa daqueles que custeavam a empreitada do que a algum povo e\ou futura nação.

Conforme dito anteriormente, é muito importante estabelecer o contexto existente no Brasil no próprio século XVI. Para tanto recorro às necessárias observações de Megiani et al. (2014) quando se aponta para o século XVI no Brasil: os territórios em destaque na época se localizavam na África e na Ásia, ou seja, esses territórios apresentavam uma concreta rentabilidade e eram considerados estratégicos. Conhecidamente se sabe que estes não eram os únicos territórios pertencentes a Portugal e que na América havia outros territórios. Sobre este território na América é que corriam boatos e histórias e é neste território, recém-descoberto e periférico em relação aos territórios africanos e asiáticos, que houve sempre uma circulação do conhecimento em grande parte desenvolvida e fortalecida por essa primeira geração cronística. O supracitado livro também pontua a questão das mercês recebidas e distribuídas no período juntamente com a tardia e paulatina chegada dos agentes de governo de Portugal. Do ponto de vista da história da língua portuguesa, perspectiva esta de especial interesse para o presente trabalho, isso significa que instâncias ditas “oficiais” começam a se instaurar no Brasil e isso se reflete de uma maneira muito peculiar na própria língua em si, pois começam a surgir equivalências entre itens lexicais de

diferentes famílias, por exemplo quando há a comparação entre diferentes tipos de palhas, espécies vegetais e etc - itens locais e itens reinois - e se estabelece um contexto comum intercambiável entre ambos, assunto que será oportunamente retomado, mas que é necessário pontuar desde já, para que se possa considerar um contexto de utilização de uma língua trazida em um específico e pontual estado de evolução.

Partindo deste aspecto, é necessário construir uma breve linha cronológica e retomar alguns fatos anteriormente pontuados. Primeiramente nos idos de 1500, o Brasil havia sido descoberto, no entanto por questões políticas e econômicas apenas entre 1522-32, Portugal envia colonos para explorar as terras “recém-descobertas” (Boxer, 2008) e, justamente, nesse movimento GSS, colono português, acaba por se fixar no Brasil, ainda que não fosse o plano original, onde viveu por volta de 17 anos, e durante esse tempo escreveu dois textos: *Roteiro Geral com largas informações de toda a costa do Brasil* e *Memorial e Declaração das Grandezas da Bahia de Todos os Santos, de sua fertilidade e das notáveis partes que tem* e os apresentou à coroa ibérica. É preciso enfatizar que a obra foi entregue a Cristóvão de Moura, uma espécie de intérprete da corte ou um agente de integração de Portugal, conforme nos diz Ramos (2009), uma vez que Filipe II não falava português. Há um relevante aspecto que emoldura a entrega do manuscrito: esse fato ocorre em 1587, ou seja, 7 anos após a tomada de Portugal por Espanha. Isso significa que durante a escrita do texto muito tempo se passou tanto que houve uma alteração bastante significativa no governo, com implicações estratégicas e políticas muito importantes, até mesmo decisivas. A questão da língua em que o texto foi concebido se coloca como central em sua entrega, pois inicialmente, quando começou a ser escrito o texto se destinaria ao um vindouro monarca português e no momento da entrega o texto se destinou de fato a Filipe II, como este texto em si foi o resultado de aproximadamente 17 anos de levantamento e pesquisa, não poderia

ser vertido para o espanhol, pois totalizava 500 páginas manuscritas, o que para a época representava um enorme esforço.

De modo que o texto destinava-se a um determinado rei, foi entregue a um outro, que não dominava a língua em que estava escrito, e coube ao intérprete, Cristóvão de Moura, a quem a Epístola que encabeça o texto foi dirigida, receber a obra. Entende-se que a união de três perspectivas fulcrais possa ter calado a voz de GSS nesses 250 anos sem publicação mesmo com a imprensa devidamente estabelecida no mundo ibérico: 1.) o fato crucial das línguas de escrita e recepção não serem as mesmas; 2.) o texto continha informações extremamente sigilosas e estratégicas e claramente o objetivo no século XVI não era fazê-las circular; 3.) a Espanha estava envolvida em conquista de territórios no próprio continente europeu, diferentemente de Portugal que se lança ao ultramar.

Unidas, essas três perspectivas podem revelar algumas das razões do lapso de 250 anos da publicação do texto conforme dito anteriormente.

Devido ao fato de GSS ter escrito um dos primeiros textos sobre o Brasil Colonial esperava-se encontrar um sem-fim de menções a seu nome, tanto no plano da historiografia, como no plano da história e até mesmo no plano da filologia. Contudo se observa antes o contrário: apenas aqueles que pesquisam algo muito específico, como o texto das crônicas, se depara com o autor. Não se pode deixar de considerar que o apagamento de sua voz enquanto autor da 1ª escrita colonial pode ter ocorrido também devido a brigas que ele teve com os jesuítas. Talvez o fato de ter morrido no anonimato também se deva a essas brigas, conforme Azevedo (2007). Mas o fato é que isso resultou em dissolver todo o trabalho por ele empreendido por tantos anos.

Há uma interessante peculiaridade que esta pesquisa levantou e que já foi mencionada em alguns pontos do presente trabalho e que será devidamente explicada no

momento oportuno, mas que se faz necessário introduzi-la aqui: no século XVI havia um certo conhecimento sobre o território brasileiro, porque a costa era visitada constantemente por corsários e piratas ingleses, franceses e holandeses, na maioria das vezes. De modo que a entrada no léxico português de termos indígenas não foi uma completa novidade, uma vez que há relatos sobre uma encenação em Rouen em 1550 (Uma festa brasileira) e o primeiro relato sobre o Brasil teria sido publicado na Itália em 1507, conforme dito anteriormente. Essa dinâmica social ilustra muito bem que, já naquela época, havia um conhecimento compartilhado sobre os novos territórios descobertos e isso imprime uma marca distintiva ao texto do manuscrito estudado em questão: GSS teria externado em português informações e conhecimentos sobre um determinado território brasileiro parcialmente conhecido, a costa certamente era conhecida, de modo que fica claro porque os colonos teriam preferência por adentrar no território: no interior estariam as riquezas de que tanto tinham ouvido falar.

Considerando que Gandavo inicia o prefácio de *A história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* (ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, 1858) pontuando a questão de que, naquela época, já faziam 70 anos que Portugal havia descoberto aquele território – O Brasil - e que não havia ainda tomado o devido conhecimento. Neste prefácio, Gandavo afirma que os estrangeiros conheciam com maiores detalhes um território que pertencia aos portugueses. Tal desconhecimento resultou em gerar a necessidade de escrever crônicas, relatos e etc. Justamente neste ponto observemos a presente cópia manuscrita, cujo primeiro texto se denomina *Roteiro Geral com Largas Informações de toda a Costa do Brasil*; tal título não poderia se mostrar mais adequado, uma vez que, nesse período em que o texto da cópia manuscrita foi escrito, havia conhecimento apenas da costa do Brasil.

Ainda no século XVI, segundo Braudel (1983), é importante tentar recuperar a

dinâmica desse período, cujo reflexo na língua será inconfundível. Um outro tipo de dinâmica, demora nas comunicações, falta de padronização nos textos e documentos, outros objetivos estratégicos na interação de povos e territórios são apenas alguns exemplos. O continente europeu daquela época contava com uma movimentação de mercadorias, cargas, valores que enriquecia os envolvidos, segundo Braudel (1983). Além disso, é neste século que surgem as primeiras gramáticas da língua portuguesa, tema de especial interesse para a presente pesquisa e que será oportunamente retomado e explicado, contudo é importante pontuar que considerando um texto que possa ter surgido em uma determinada época, este é um aspecto que dirá muito sobre este texto em si.

Nesta altura se mostra adequado justapor os séculos XVI e XIX - ainda que numa primeira análise aproximá-los possa soar um tanto quanto anacrônico – pois ao tomar como ponto de partida os textos que compõem esta cópia manuscrita fica evidente que sofreram alterações linguísticas relevantes, não passaram apenas por uma atualização ortográfica e, principalmente, porque serviram a propósitos diferentes em períodos igualmente diferentes: XVI informar o rei; no XIX: construção de uma memória para o Brasil. Em ambos os séculos uma nova conformação geográfica e política se instaura: no XVI tem início na Europa, já no XIX formam-se as bases dos tempos atuais. Essa análise permitirá elucidar, nos textos, algumas substituições de termos, assim como intervenções na formulação e etc., uma vez que, é sabido, existir um intenso diálogo entre o texto e o tempo-espço em que foi concebido, assim como igualmente não se pode desprezar as veredas ideológicas que permeiam e açambarcam os textos na época e na localidade em que foram construídos, tudo isso ainda recebe o matiz das condições de publicação e circulação das ideias e do conteúdo do texto em questão.

Pensando na trajetória editorial da presente obra, resgata-se o que Monteiro (2001) postula: em 1825 surge uma primeira edição do presente manuscrito estudado publicada

pela Real Academia das Ciências de Lisboa, como parte de um projeto que compilava narrativas e relatos de viagens, contudo por não apresentar um resultado satisfatório, Varnhagen se lança a esse trabalho de sólida reconstrução do texto, engendrando mais uma etapa na trajetória editorial desta obra.

Prosseguindo na reconstrução da trajetória editorial desta obra, antes de mais nada é necessário justapor, mais uma vez, variados aspectos aparentemente não relacionados entre si. Essa estratégia se mostrou adequada e eficiente pelo fato da ausência de informações sobre determinados aspectos levantados durante a pesquisa desenvolvida no decorrer de todo esse tempo a ela dedicado e também a partir da leitura de alguns trabalhos de maior fôlego, ainda que não muitos sobre este tema. O fato mais preocupante, do ponto de vista da pesquisa acadêmica é o lapso de tempo entre a produção do manuscrito original destruído e a publicação póstuma associados à extensão do texto em si. De modo que a falta de determinadas informações mais precisas sobre o texto da cópia manuscrita e a troca de algumas palavras nas edições póstumas organizadas por Varnhagen juntamente com a ausência da epístola, endereçada a Cristóvão de Moura, que encabeça essa cópia manuscrita foram os elementos responsáveis por estabelecer os ditames para a reconstrução desse cenário. Completando esse esquema interpretativo há ainda a perspectiva de que a escolha lexical é, no mais das vezes, ideológica, no entanto também o é, ou pelo menos no limite não aleatória, a reestruturação de um texto a ser publicado.

Esse texto, desta cópia manuscrita, em especial apresenta uma relevância inquestionável justamente por ter sido escrito no século XVI - que é um século em que se conformavam as bases para a formação do Estado Moderno ao mesmo tempo em que a imprensa toma fôlego e que surgem gramáticas e outros instrumentos oficializantes da língua portuguesa. Uma vez que a imprensa surge por volta de 1450 - trocas culturais importantes responsáveis por moldar ideologias circulam como traduções, ao passo que

informações cartográficas estratégicas são produzidas e controladas com claros objetivos militares-estratégicos, não se pode esquecer ainda, conforme supracitado, da formação de uma primeira geração de cronistas e por ter sido publicado no século XIX que é o século que se volta para a Ciência; cuja produção científica publicada foi incipiente no século XVI ocupando um papel marginal (org. Burke, 2009). No Brasil em especial, conforme dito anteriormente, o XIX foi um século em que se originou uma identidade nacional, em que se construiu uma memória para a nação brasileira, inclusive ocorre a formação de uma primeira elite intelectual no Instituto IHGB, com a participação do próprio Varnhagen, que teria sido um dos primeiros pesquisadores do tema do indígena, devido ao fato desta questão ter especial importância no contexto do Brasil independente, conforme dito anteriormente.

Pensando ainda no século XIX, é preciso deixar claro, que no limite, destrinchar a trajetória editorial de uma determinada obra, no tempo e no espaço é recuperar, também, ideias e conceitos em evidência, identificar sua relevância nos planos econômico e ideológico, uma vez que existem custos para a publicação aliados a um determinado contexto social e ideológico que comporta e absorve a produção e a circulação desses determinados conceitos e ideias.

Pensando em uma sucinta, porém necessária caracterização do século XIX, não se pode deixar de pontuar que nesse período, a Europa começava a entrar em uma fase de modernização e desenvolvimento, é importante lembrar ainda que, em Paris, surgem os magazines com grandes estoques de mercadorias, surge também a iluminação a gás e começam a tomar conta dos centros urbanos a construção de ferro e a engenharia, conforme se verifica em Benjamin (1985). De modo que considerando o contexto europeu, pode-se afirmar que o Brasil precisava se inserir neste contexto também de alguma forma. Da elite da época fazia parte Varnhagen e justamente daí vem a necessidade de se

conhecer profundamente o território do Brasil. Exatamente por isso, é importante revisitar obras antigas sobre o Brasil (em outras palavras, isso significa dizer: reler GSS e Fernão Gomes Cardim) que revelem suas riquezas e que possam esclarecer quais possíveis obstáculos serão enfrentados.

Partindo dessa perspectiva de considerar essa pluralidade de aspectos, um dos propósitos desta pesquisa será evidentemente localizar e entender de que forma a concatenação desses fatos foi responsável por engendrar a publicação póstuma, e a não publicação no ano em que foi escrito. Para tanto a seguir, com o respaldo da bibliografia adotada, traçam-se algumas linhas que têm por objetivo elucidar a própria trajetória em si.

Ao examinar todos os fatores supracitados o próprio século XVI se mostra um interessante ponto de partida para essa reflexão, reconhecido como o século de hegemonia espanhola, sob a perspectiva política há um importante aspecto levantado por Anderson (1985):

As enormes operações militares e navais de Fillipe II, do canal da Mancha ao Egeu e de Túnis a Antuérpia, somente foram possíveis em razão da extraordinária flexibilidade financeira propiciada pelo excedente da América.

Se faz necessário justapor a esta uma outra citação muito importante também (org. Burke, 2009): “No século XVI, a Espanha assumiu gradualmente um papel ainda maior na publicação e disseminação de literatura devocional”. Essas duas citações trazem aspectos muito importantes do século XVI, ou seja, pode-se caracterizá-lo por uma constante guerra intercontinental na Europa, isso quer dizer que o Império Habsburgo se moldou e agregou inúmeros territórios na Europa à custa de conquistas mediante a guerra, o conflito e o embate. Nesse contexto de combates excessivos é importante considerar que a mola propulsora dessa engrenagem bélica será o dinheiro e a captação de riquezas e nesse ponto

entram os Grandes Descobrimentos tanto pelas riquezas que propiciavam quanto pela força de trabalho escravo mediante conversão que também propiciou, tomando-se a América portuguesa como exemplo. De modo que é inquestionável que existisse uma ideologia catolicizante na Europa no século XVI, que o advento da imprensa ajudou a disseminar e tal ideologia foi transplantada na América pelos jesuítas.

Sob a perspectiva política se identifica o epicentro da questão editorial inerente à cópia manuscrita: as informações extremamente sigilosas que continha não deveriam circular, pois simbolizavam no limite as tão almejadas riquezas potenciais que propiciariam a continuidade das conquistas intercontinentais e ultramarinas, por isso não se encontra na literatura hipóteses sobre o destino dos originais. Pode-se identificar nesse fato uma das causas para o lapso de 250 anos para sua publicação, conforme dito anteriormente.

Depois da entrega do manuscrito segue-se o *silêncio*. No entanto esse silêncio é por si só muito característico da época, uma vez que é sabido que não havia tradição para a publicação de textos do século XVI, antes sua publicação, no mais das vezes, é tardia. Uma hipótese para esse fato encontra-se no texto de Curto (2010):

A transformação das práticas de comunicação estabelecidas por diversos tipos de intérpretes revela que a expansão da língua portuguesa é um processo lento e circunscrito. Ao longo do século XVI, o trabalho de mediação entre o português e as línguas de contacto acentua algumas das mudanças já registadas e apresenta algumas novidades.

Ao se retomar a questão de que o manuscrito se insere nesse contexto justamente pelo fato de ter sido entregue a Cristóvão de Moura, homem de confiança do rei, uma vez que o rei Filipe II não dominava a língua portuguesa, este se mostra crucial para tentar reconstruir a trajetória editorial dessa obra pensando no próprio estatuto do português enquanto língua. Segundo o texto de Curto (2010) a função de intérprete e, no limite, a

tradução como um ofício são muito relevantes, pois produzem documentos, um intercâmbio de trocas culturais entre diferentes idiomas e culturas e aponta ainda um curioso aspecto: a cristalização de uma identidade própria de um determinado grupo - no caso os portugueses, tanto europeus quanto ultramarinos – enquanto esta concorre com outros grupos: cristãos-novos, muçulmanos, negros, indígenas, apresentando como resultante de todo esse movimento a própria interação entre essas línguas e culturas que se pode identificar na língua portuguesa.

Nesta altura, é importante introduzir considerações acerca do texto em si, ou seja, apresentar uma proposta de interpretação para ele, pois além deste aspecto ocupar segundo plano em outros estudos sobre este mesmo tema, poderá haver um melhor aproveitamento das explicações e dos exemplos que se seguirão nas seções seguintes do presente trabalho. Conforme se disse anteriormente, já que o texto constitui unidade de sentido, mostra-se adequado após a contextualização apresentar alguns aspectos voltados à matéria em si de que o texto trata, como mostra a seção seguinte.

Capítulo II – Proposta de interpretação para *Roteiro Geral ...*

Na maioria dos trabalhos consultados durante esta pesquisa de mestrado sobre o texto da presente cópia manuscrita, foram poucos aqueles que trouxeram efetivamente o texto transcrito, conforme dito anteriormente são eles: Luciani (2010) e Varnhagen (1851).

Entende-se que é de extrema importância situar o leitor sobre o conteúdo que se encontrará nessa cópia manuscrita.

Como esta etapa de interpretação do conteúdo do texto sempre vem separada do texto em si, percebeu-se que facilita muito a compreensão oferecer os dois resultados: a interpretação do texto e o próprio texto transcrito, como se pode ver no *Cap.IV – Transcrição*.

II.1 Considerações sobre o tema do texto

A transcrição propriamente dita necessita ser antecedida por uma contextualização unida a uma espécie de interpretação de texto, para que o conteúdo se torne mais claro. Esta seção reunirá algumas informações ditas anteriormente e algumas observações relevantes sobre o assunto de que trata o texto do primeiro manuscrito.

A tabela a seguir mostra os títulos divididos por tema, é importante observar que a grafia está modernizada, apenas por questões didáticas. Os títulos mostram com segurança alguns aspectos interessantes.

Tabela - Títulos

Antropônimo

Cap.55 – Em que se trata de como foi governador do Rio de Janeiro Antônio Salema

Colonização

Cap.1 – Em que se declara quem foram os primeiros descobridores da província do Brasil, e como está arrumada

Cap.2 – Em que se declara a repartição que fizeram os reis católicos de Castela com el-rei D.João II de Portugal

Indígena

Cap.13 – Que trata da vida e costumes do gentio pitiguar

Cap.19 – Que trata de quem são estes caytes, que foram moradores na costa de Pernambuco

Cap.45 - Em que se diz quem são os Guaitacazes e de sua vida e costumes

Cap.46 - Em que se declara, em suma, quem são os Papanases e seus costumes

Cap.58 - Em que se declara quem é o gentio Tamoio de que tanto falamos

Cap.63 - Em que trata de quem são os guoianazes e de seus costumes

Cap.68 - Em que se declara parte dos costumes dos Carijós

Misto

Cap.10 - Em que se declara a terra e costa do porto dos Búzios até a baía da Traição, e como João de Barros mandou povoar a sua capitania

Cap.28 - Em que se declara como Francisco Pereira Coutinho foi povoar a Bahia de Todos os Santos e os trabalhos que n'isso teve

Cap.31 - Em que se contém como se começou de povoar a capitania dos Ilhéus por ordem de Jorge de Figueiredo Corrêa

Cap.53 – Que trata de como o governador Mem de Sá foi ao Rio de Janeiro

Cap.54 – Que trata de como Mem de Sá foi povoar o Rio de Janeiro

Cap.56 - Em que se conclui com o Rio de Janeiro com a tornada de Salvador Correa a ele

Topônimos

Cap.3 – Em que se declara o princípio de onde começa a correr a costa do Estado do Brasil

Cap.4 – Em que se dão em suma algumas informações que se têm deste rio das Amazonas

Cap.5 – Que se declara a costa da ponta do Rio das Amazonas até o do Maranhão

Cap.6 – Em que declara a costa do Rio do Maranhão até o Rio Grande

Cap.7 – Em que declara a costa do Rio Grande até o de Jagoarive

Cap.8 – Em que se declara a costa do rio de Jagoarive até o cabo de S.Roque

Cap.9 – Em que se declara a costa do cabo de São Roque até o porto dos Búzios

Cap.11 – Em que se declara a costa da baía da Traição até a Paraíba

Cap.12 – Em que se trata de como se tornou a cometer a povoação do rio da Paraíba

Cap.14 – Em que se declara a costa do rio da Paraíba até Tamaraqua, e quem foi o seu primeiro capitão

Cap.15 – Que declara a costa do rio de Igarusu até Pernambuco

Cap.16 – Do tamanho da vila de Olinda e da grandeza de seu termo, quem foi o primeiro povoador dela

Cap.17 – Em que se declara a terra e costa que há do porto de Olinda até o cabo de Santo Agostinho

Cap.18 – Em que se declara a costa do cabo e rio do Ipojuqua até o rio de São Francisco

Cap.20 – Que trata da grandeza do rio de São Francisco e seu nascimento

Cap.21 – Em que se declara a costa do rio de São Francisco até o de Seregipe

Cap.22 – Em que se declara a costa do rio de Seregipe até o rio Real

Cap.23 – Que trata do rio Real e seus merecimentos

Cap.24 – Em que se declara a terra que há no rio Real até o rio de Tapicuru

Cap.25 – Em que se declara a terra que há do Tapicuru até Tatuapara

Cap.26 – Em que se declara a terra e costa de Tatuapara até o rio de Joane

Cap.27 - Em que se declara a costa do Rio de Joanne até a Bahia

Cap.29 - Em que se torna a correr a costa e explicar a terra d'ella da ponta do Padrão até o rio de Camamú

Cap.30 - Em que se declara a terra que há do rio de Camamú até os Ilhéus

Cap.32 - Em que se declara quem são os Aymorés, sua vida e costumes

Cap.33 – Em que se declara a costa do rio dos Ilhéus até o Rio Grande

Cap.34 - Em que se declara a costa do Rio Grande até o de Santa Cruz

Cap.35 - Em que se declara a costa e terra d'ella do rio de Santa Cruz até o Porto Seguro

Cap.36 - Em que se declara quem povooou a capital do Porto Seguro

Cap.37 - Em que se declara a terra e costa do Porto Seguro até o rio das Caravelas

Cap.38 - Em que se declara a terra que há do rio das Caravelas até Cricare

Cap.39 - Em que se declara quem são os Tupiniquins e sua vida e costumes

Cap.40 - Em que se declara a costa de Cricare até o rio Doce, e do que se descobriu por ele acima, e pelo Açęci

Cap.41 - Em que se declara a costa do rio Doce até a do Espírito Santo

Cap.42 - Em que se declara como el-rei fez mercę da Capitania do Espírito Santo e Vasco Fernandes Coutinho, e como a foi povoar em pessoa

Cap.43 - Em que se vai declarando a costa do Espírito Santo até o cabo de São Tomę

Cap.44 - Em que se trata de como Pedro de Góis foi povoar a sua Capitania de Paraíba ou de São Tomę

Cap.47 - Em que se torna a dizer de como corre a costa do cabo de São Tomę até o cabo Frio

Cap.48 - Em que se explicam os recôncavos do cabo Frio

Cap.49 - Em que se declara a terra que há do cabo Frio até o Rio de Janeiro

Cap.50 - Em que se declara a entrada do Rio de Janeiro e as ilhas que tem defronte

Cap.51 – Em que particularmente se explica a baía do Rio de Janeiro da ponta do Pão de Açúcar para dentro

Cap.52 - Em que se explica a terra da baía do Rio de Janeiro da ponta da cidade para dentro até tornar à barra

Cap.57 - Em que se declara a costa do Rio de Janeiro até São Vicente
Cap.59 - Em que se declara a barra e povoações da capitania de São Vicente
Cap.60 - Em que se declara cuja é a capitania de São Vicente
Cap.61 - Em que se declara a Capitania de Santo Amaro, e quem a povoou
Cap.62 - Em que se declara parte da fertilidade da terra de São Vicente
Cap.64 - Em que se declara a costa do rio de Santo Amaro até a Cananea
Cap.65 - Em que se declara a costa da Cananea até o rio de São Francisco
Cap.66 - Em que se declara a costa do rio de São Francisco até a de Jumirim ou Itapucuru
Cap.67 - Em que se declara a terra que há de Itapicuru até o rio dos Patos
Cap.69 - Em que se declara a costa do rio dos Patos até o da Alagoa
Cap.70 - Em que se declara a costa do porto da Alagoa até o rio de Martim Afonso
Cap.71 - Em que se declara a costa do rio de Martim Afonso até o porto de São Pedro
Cap.72 - Em que se conta como corre a costa do rio de São Pedro até o cabo de Santa Maria
Cap.73 - Em que se declara a costa do cabo de Santa Maria até a boca do rio da Prata
Cap.74 - Em que se declara a terra e costa da ponta do rio da Prata da banda do sul até além da Baía de São Matias

A leitura da cópia manuscrita e a análise dos títulos permite identificar que havia um certo desconhecimento sobre o que de fato existia nesta Colônia. De acordo com que já foi citado, outros povos estavam interessados neste território, pois corriam informações de riquezas e vantagens que se poderiam obter a partir de sua exploração. A grande questão que se impôs foi: onde se encontram tais riquezas? Como encontrá-las, coletá-las e comercializá-las? Justamente por haver a necessidade de se encontrar tais riquezas é que aponta-se em especial o título do primeiro texto da cópia manuscrita: *Roteiro Geral* ... O nome realmente não poderia ser outro, pois conforme dito anteriormente e conforme se dirá novamente, havia relatos sobre o Brasil escritos em outras línguas, que alertavam para riquezas desconhecidas. Faz todo o sentido que este manuscrito comece com este título, pois assim seria menos difícil encontrar as localidades com riquezas a serem exploradas. Esta é uma importante questão que a análise dos capítulos suscita.

Por todo um universo de escritos e pesquisas sobre a exploração colonial em todas as suas vertentes, muitas vezes parece que este processo é direto, certo e objetivo. O que

a presente pesquisa de mestrado possibilitou compreender é que se passou na verdade o contrário: o processo da colonização foi exatamente isso: um processo, algo que ocorreu em etapas, que possuía nuances e que passou longe de ser certo e objetivo. Como o que de fato é relevante para o estudo da língua portuguesa, o que é necessário ressaltar é que a língua carrega muito marcadamente as gradações deste processo que se pode perceber bem através do texto da cópia manuscrita que, segundo Marcuschi (2008), devido ao fato de o texto ser um sistema de conexões (entre vários elementos) fica evidente como o texto escrito se torna o verdadeiro protagonista e como corporifica a expansão da língua portuguesa, principalmente no caso do Brasil, que com o surgimento do português brasileiro viria a representar uma outra etapa na evolução da língua portuguesa.

Principalmente se formos considerar que este novo território a se explorar se encontrava na América – território novo e que ainda passava por um processo de legitimação e de reconhecimento como um território pertencente a um outro mundo, que de uma certa forma contradizia a sabedoria da época, ou seja, o que diziam Ptolomeu e Sócrates a respeito de novos mundos. Nesse contexto se inserem os mapas, instrumentos de categorização dessas novas realidades, ou seja, os mapas refletem em boa medida o que se dizia nos relatos de viajantes e cronistas. Como essas expedições eram muito caras e onerosas, sempre se fazia necessário relatar o que se tinha visto e passar o maior número possível de informações a respeito da localização de determinada riqueza ou determinado território. Seguindo este raciocínio, esta cópia manuscrita se insere nesse mesmo contexto.

Essas respostas apenas se obteriam quando realmente se encontrassem essas riquezas e depois de se analisar como poderiam ser lucrativas. Para tanto seria necessário adentrar o território, ultrapassar o litoral e, literalmente, se embrenhar na mata para que essas riquezas pudessem ser encontradas. De modo que, num primeiro momento, pode-se pensar que essa literatura de viagens, ou descritiva, estivesse descortinando um mundo

desconhecido completamente, o que não se mostrou verdadeiro. Antes, essa literatura foi a responsável por mostrar aos portugueses em que medida as notícias que corriam no estrangeiro eram verdadeiras ou não.

Na época em que o “*Roteiro Geral ...*” foi escrito no século XVI e posteriormente quando foi publicado no século XIX, uma mesma importante questão perpassava seu íntimo: a questão indígena ou como explorar eficazmente um território já habitado. Essa questão é fulcral na correta interpretação dos escritos deste manuscrito, pois não foi sem propósito que Varnhagen fez um detalhado estudo sobre os indígenas. Varnhagen fazia parte da frente que desejava modernizar e obter progresso econômico para o Brasil, de modo que, não explorar regiões por já estarem habitadas se mostrava como um impasse a essa elite modernizadora que se instaurava.

Considerando essas duas perspectivas: o século XVI em que se desejava identificar exatamente onde se encontravam tais riquezas e como fazer para explorá-las e o XIX em que se desejava construir uma memória para um recém-independente país e conhecer minuciosamente todas as suas complexidades, tem-se então perspectivas que se tangenciam, mas ao mesmo tempo, se diferenciam enormemente.

II.2 Uma proposta de interpretação de texto para o manuscrito \Resenha de apresentação Notícia do Brasil \ Tratado Descritivo do Brasil em 1587

Com igual, ou até mesmo maior importância introduz-se nesta seção uma importante questão: a interpretação do texto contido no primeiro manuscrito “*Roteiro Geral ...*”. Em toda a bibliografia levantada e estudada muito se fala sobre o texto, sobre a época e sobre o autor, contudo não se fala quase nada sobre o texto em si, o que pretendia transmitir, como o fazia e etc.

Considerando mais esta peculiaridade deste texto estudado nesta pesquisa, antes de se passar efetivamente à transcrição da cópia manuscrita, é necessário apresentar o texto e elencar alguns aspectos necessários à análise. Com isso pode-se iniciar esta seção começando pelos nomes atribuídos ao texto em diferentes épocas: não se sabe ao certo o nome que recebeu quando foi entregue, apenas que já no século XVII recebeu o nome de *Notícia do Brasil* e que no século XIX recebeu o nome de *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. É importante considerar que na época estes relatos de viagem, como se convencionou chama-los, ou crônicas, eram muito importantes e valorizados pois traziam informações concretas sobre essas novas localidades até então desconhecidas. Nesta época este tipo de relato testemunhal ganhou importância pois, como aponta Brotton (2014) uma vez que os postulados de Ptolomeu caíram por terra, quando diziam que não poderia haver vida em outras regiões do planeta. Com as novas descobertas mapas e relatos eram feitos a partir de observações *in loco*, esse conhecimento novo era muito mais valorizado e esperado, pois representavam informações estratégicas importantes. Nesta característica reside uma das principais chaves da interpretação deste texto: o objetivo principal era conseguir apoio real para explorar um território desconhecido informando a corte sobre esse território, em certa medida recém-descoberto, que ocupava uma posição de segundo plano em relação a outras colônias estabelecidas na Ásia e na África. Diferentemente de outros contemporâneos seu texto não foi publicado em Portugal, mesmo com o advento da imprensa que havia se estabelecido em Portugal em 1481. Pois bem, este relato serviu de base no século XIX para se tornar um dos principais relatos sobre o Brasil, o que é intrigante e inquietante é que estes relatos e mapas dos viajantes compõem a memória do brasileiro sobre o Brasil, ou seja, um relato que era direcionado para interesses de pessoas que já ocupavam outros territórios e que não necessariamente contavam com a possibilidade de lá se estabelecerem. O curioso e inquietante desta história, é que o século XIX poderia ter partido de outro

ponto para construir um ideário e um passado histórico para o Brasil, contudo, ainda que parecesse que esta era uma das principais razões para se voltar a estudar o Brasil

era realmente conhecer este território que apesar dos mapas e relatos existentes, ainda era um desconhecido. Esse tipo de relato e a conjuntura das épocas colocam em evidência a própria noção de “conhecer”: o que significa efetivamente conhecer, ter a clareza de todas as vantagens, desvantagens e pormenores acerca do assunto? No século XIX a intenção era competir em desenvolvimento com outras nações e por isso as riquezas, como no século XVI, desempenhavam um papel importante: onde estão, como explorá-las, sua viabilidade econômica é vantajosa e etc.

Contudo a grande diferença é que no século XVI não havia nação, como se entende na modernidade, no próprio século XIX, por exemplo. Entre estes dois períodos estudados pode-se perceber que a questão da posse se coloca muito centralmente, ou seja, que governante chegou em que determinada localidade e como sua povoação se iniciou, como se pode perceber ao longo do texto da cópia manuscrita, com especial ênfase para o segundo manuscrito. Sobre o primeiro manuscrito é importante retomar a questão de que se constituiu como uma espécie de roteiro no século XVI, pois sempre poderia haver a necessidade de povoar para ocupar o território como um todo, pois no próprio século XVI conhecia-se bem o litoral, mas não o interior do Brasil e pode-se perceber ecos desse desconhecimento no século XIX, pois esta seria uma das principais razões para se buscar em um texto de mais de duzentos anos atrás respostas que no próprio século XIX ainda não existiam.

Nesta seção que se propõe como uma possibilidade de interpretação para o texto, é necessário elencar alguns aspectos principais perfeitamente reconhecíveis no texto, como por exemplo: esse território recém-descoberto, interessa a quem precisamente, representa

alguma vantagem estratégica ou econômica e etc; de que elementos trata o texto efetivamente: sobre costumes das populações existentes, sobre regiões povoadas e etc; a região em questão não era habitada por povos que tivessem línguas aparentadas, então de quais opções são selecionadas para grafar termos estrangeiros, como se explicam diferentes conceitos em diferentes línguas e etc. Em outras palavras: o objetivo principal do texto se torna evidente na leitura e etc. A interpretação por tópicos se apresenta a seguir pautada nas supracitadas.

- interesse de Portugal/Espanha p.61 em conhecer o território recebido. Como se disse anteriormente, na época em que este manuscrito é entregue à corte, a Espanha está no comando do território português e antes mesmo disso se concretizar, Portugal não tinha o conhecimento exato do território e nem de que tipo de riquezas existiam, se é que realmente existiam, onde estariam de fato e sobretudo como se daria o seu transporte para o reino. Precisamente neste ponto (BRAUDEL VOL 1) faz-se necessário associar a esta problemática proposta uma questão apresentada por Braudel que seria a da medida do século XVI, ou seja, como seria a dinâmica desse período e por conta da lentidão dos transportes, dos correios, da precariedade da circulação das informações e sobretudo da manobra estratégica que significa explorar riquezas e torná-las economicamente viáveis em seus territórios. De modo que percebe-se que houve um esforço especial do autor GSS em sensibilizar o rei, no caso Filipe II, e justamente por isso, como pontuam Lima (2009, 61) e Gabriela (2010,) o autor teria passado a limpo seus escritos antes de entregá-los à corte.

Essa dimensão se constitui como uma nova perspectiva interpretativa relevante para o presente trabalho, uma vez que evidencia que o texto que se lê nesta cópia manuscrita se distancia essencialmente do original em sua própria concepção, uma vez que foi, nas palavras dos autores supracitados: “passado a limpo” e “tirado a limpo”. Considerando uma perspectiva filológica, genética, inclusive, percebe-se que o interesse em sensibilizar o

rei foi maior do que o de relatar apenas e tão somente. Deve-se justamente a este aspecto o grau de detalhamento e minúcia tantas vezes citado neste trabalho.

-canibalismo p.63

-vocábulos indígenas p.85. Na época em que o texto do manuscrito é entregue, se verifica uma verdadeira obsessão segundo Lima (2009) em comparar a língua portuguesa ao latim e com isso assegurar uma espécie de filiação direta, o que resultaria numa espécie de *status* para a língua portuguesa. Vale observar que este texto está repleto de termos indígenas, que segundo Fernão de Oliveira: os termos estrangeiros são grafados seguindo a lógica de como seriam pronunciados. O curioso é notar que são absorvidos de uma forma ou de outra no texto escrito esclarecendo e exemplificando comparações. De modo que o habitante do Novo Mundo, as línguas que lá se falavam não representavam fatos completamente desconhecidos. O que não se sabia precisar com exatidão era o que havia de fato neste território, o conhecimento dos habitantes do Velho Mundo se limitava ao litoral, ou seja, não havia a certeza de que se poderia explorar economicamente algum recurso de maneira viável. Essa perspectiva para a interpretação de texto, perspectiva esta mais relevante para esta seção, se mostra útil para perscrutar as ditas “entrelinhas” do texto, ou seja, existem recursos, outros povos estão se articulando para alcançá-los e explorá-los e se alguma medida não for tomada, pode-se perder território.

- sobretudo esta primeira parte do texto do manuscrito pretende apresentar uma visão geral do território, descrevendo seus pontos geográficos de localização e suas localidades internas, numa tentativa de situar aquele que viesse de Portugal a se localizar neste pouco conhecido território. Lima 2009, p.22.

- objetivo do texto: convencer o rei a financiar expedições exploratórias na colônia

capitaneadas pelo autor do texto. O presente trabalho não se embrenhará pela complicada vereda de argumentar se tal posição se basta com o perfil do autor o não. A questão é que no século XVI uma nova forma de se administrar um império começa a tomar corpo e a se mostrar muito lucrativa:

A riqueza que entrava em Lisboa e as riquezas da coroa possibilitaram que Portugal se transformasse em um dos impérios mais ricos da Europa. A riqueza e o poder do país não estavam mais na posse de território, mas no controle estratégico de redes comerciais que estavam a milhares de quilômetros de distância do centro imperial. Diferentemente dos antigos impérios construídos sobre a aquisição e o controle da terra, tínhamos um novo tipo de império, construído sobre a água.

(BROTTON, 2014)

Isto significa que mapas e relatos desses territórios recém-descobertos eram valiosos porque mostrariam não apenas onde se localizariam as tão cobiçadas riquezas como também as rotas e os trajetos para alcançá-las, tais informações eram altamente prezadas na época, pois como é sabido, na época das Grandes Navegações, os navegantes avistavam territórios e depois faziam anotações em diários de bordo para justamente conseguirem retornar.

No caso do texto estudado em questão, o autor optou por permanecer no território e participar da busca por riquezas. Mesmo assim, pode-se identificar que o relato dele se configurava como de extrema importância por fornecer as indicações dessas riquezas.

Capítulo III – Aspectos linguísticos e filológicos

Devido à falta de uma edição filológica do presente texto, torna-se difícil estabelecer uma posição exata desta cópia manuscrita presentemente estudada no conjunto de cópias mencionado na Introdução.

III.1 Cópias e estabelecimento de texto

O século XIX impôs uma sistematização no estudo das línguas em suas várias vertentes, de modo que, dada a falta de uma edição crítica filológica para a presente obra torna-se imprescindível considerar que a presente cópia manuscrita se insere em um conjunto de cópias e se faz necessário trabalhar mais detidamente com a problemática do estabelecimento de texto. Partindo dessa etapa do estabelecimento de texto será possível avaliar o grau de fidelidade e analisar quais modificações foram feitas e de que maneira o foram nas edições impressas.

O que remete à questão do estabelecimento de texto que revisita a questão anteriormente explicada da cópia sem original. É importante nesse ponto retomar o cerne dessa questão: um dos aspectos centrais que esta pesquisa pretende explorar é a questão do estabelecimento de texto das edições impressas e sua relação com o manuscrito que se encontra na BBM - USP. Como aponta Luciani (2010, 25): “Vale ressaltar ainda que, como se observará, o códice que nos propomos a restaurar e que certamente não foi consultado por Varnhagen, guarda grande semelhança com o texto por ele estabelecido.” Esse é o ponto crucial que leva a identificar o motivo pelo qual o estema para este texto, por exemplo, ainda não foi proposto: pelo que se percebe Varnhagen, na etapa do estabelecimento do texto, se utilizou de outras cópias, isto quer dizer que a cópia que me utilizo no presente e que Luciani (2010) também se utilizou - em seu valiosíssimo trabalho

histórico que muito contribuiu para a presente pesquisa de mestrado - não fazem parte daquele conjunto que Varnhagen teria examinado para concluir o trabalho de edição póstuma da obra. De modo que no âmbito da história, existem poucos e bons trabalhos – dentre eles Varnhage (1851) e Luciani (2010) - que nos possibilitem o acesso ao texto da presente cópia manuscrita, o que é decisivo para se tomar conhecimento, empreender as primeiras análises e adquirir a clareza sobre de que fala o texto, o que é importantíssimo. Completando esse quadro, se insere a edição crítica filológica futura, que construirá análises relevantes e necessárias ao texto da presente cópia manuscrita.

De acordo com Luciani (2010), as cópias por ela consultadas, foram: três na Biblioteca Eboense, três na Portuense e outras na das Necessidades em Lisboa; dois exemplares em Madri (não cita instituição ou biblioteca), um na Biblioteca de Paris, um no Convento da Congregação das Missões e três da Academia de Lisboa, três no Rio de Janeiro, a avulsa da coleção de Pinheiro na Torre do Tombo e uma em Neuwied.

Nessa altura da pesquisa, é importante relembrar uma das definições que a recolha de termos técnicos da disciplina de Crítica Textual revelou e que se mostra bastante adequada para pensar a problemática dessa questão das cópias de um mesmo manuscrito ou das filiações manuscritas:

Entre os textos franceses modernos de transmissão manuscrita, apenas alguns escritos clandestinos anônimos foram submetidos a condições tão desfavoráveis quanto os textos clássicos e medievais. A datação, a origem geográfica, a qualidade geral, quando é possível determiná-las, só nos permitem esboçar algumas tímidas suposições quanto ao valor do conteúdo. Hoje em dia, perderam o seu crédito os adágios que baseavam na ancianidade a superioridade de uma lição (estado do texto em um determinado trecho do texto), a qualidade material do manuscrito ou da classe de manuscritos (conjunto de manuscritos próximos), bem como a concordância do maior número de manuscritos: Não

existem bons manuscritos’, afirma Alphonse Dain (*Les Manuscrits*). Com efeito, a representatividade de uma tradição manuscrita é sempre terrivelmente duvidosa, já que apenas uma ínfima maioria dos manuscritos foi conservada.

(ROGER LAUFER, 1980)

Essa afirmação se mostra relevante porque permite o questionamento quanto à qualidade dessas cópias, em que sentido é possível aproximar, identificar e afirmar que estas cópias, uma vez que o original se perdeu, fazem parte de uma mesma filiação manuscrita. De modo que a presente pesquisa pretende justamente erigir e lançar as bases para que essas questões sejam devidamente aprofundadas em uma futura edição crítica digital.

Seguindo esta linha de raciocínio, o trabalho de cotejo lançará essas bases evidentemente após consulta e exame das potenciais cópias envolvidas, no limite, pelo menos as localizadas em Évora. Existem informações e indícios que precisam ser profundamente averiguados de que a cópia localizada na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin foi adquirida em Lisboa, o que apenas sugere que talvez realmente não sejam as mesmas a cópia consultada atualmente e aquelas consultadas por Varnhagen.

O trabalho empreendido por Varnhagen na primeira metade do século XIX revela um interessante questionamento: qual a metodologia empregada, quais as características das duas edições póstumas e o que se pode considerar é que a edição feita por Varnhagen não foi considerada uma edição filológica clássica lachmanniana, uma vez que, como o próprio editor aponta:

Para melhor intelligencia das doutrinas do livro acompanho esta copia dos commentos que vão no fim. Preferi este systema ao das notas marginaes inferiores, que talvez seriam para o leitor de mais commodidade; porque não quiz interromper com a minha mesquinha prosa essas paginas venerandas de um escriptor quinhentista. Abstive-me também da tarefa, aliás enfadonha para o leitor,

de acompanhar o texto com variantes que tenho por não legítimas.

(VARNHAGEN, 1851:09)

Em termos práticos isso significa que, de acordo com o texto por ele estabelecido não seria possível examinar variantes, substituição de termos e alterações na pontuação, por exemplo, aplicadas ao texto do manuscrito. Essa problemática pontua muito claramente que falta uma edição crítica moderna. Como Lachmann lançava sua teoria a partir de 1850, pode-se concluir que Varnhagen, ao publicar a primeira edição em 1851, não pode absorver toda essa teoria nova que surgia. Ainda que os métodos lachmannianos não tenham sido sistematicamente explicados (Fiesoli *apud*. Spaggiari e Perugi, 2004) é possível identificar que o editor não teria seguido esses preceitos recém-integrados à tradição, à época.

De toda a forma, é possível salientar que as edições de Varnhagen também revelam características próprias do período em que foram publicadas e que o editor trabalhou com o texto de acordo com as características próprias do conjunto de cópias por ele examinado, ou seja, ele, enquanto editor, determinou uma série de ajustes e alterações que deveriam ser feitos naquele texto especificamente (Anastácio, 2009).

Esta problemática das cópias e do estabelecimento do texto se delineia muito em função da questão da autoria e principalmente pelo fato de o original estar perdido, e todos os trabalhos posteriores se realizarem com base em cópias que se tomam como o original. Desta peculiaridade advém a polifonia em torno da questão da autoria, pois por não ter sido publicado, como por exemplo Gandavo, apenas se chega ao texto de Gabriel Soares de Sousa pelas edições póstumas de Varnhagen. Como Gandavo fazia parte do meio letrado, gramático que foi, seus escritos teriam mais condições de serem publicados, do que os de GSS, que era apenas colono e proprietário de terras, conforme dito anteriormente.

Nesse ponto é importante destacar que, justamente esta questão da autoria do

manuscrito, que se relaciona com a questão do estabelecimento de texto, revelam alguns pontos que precisam ser estrategicamente trabalhados para que se consiga analisar de maneira acurada a fidedignidade do texto. Essa etapa só se completa de maneira adequada se o texto das cópias manuscritas forem analisados à luz de seus aspectos linguísticos e filológicos, conforme explicitam as respectivas duas seções a seguir.

III.2 Aspectos filológicos

III.2.1 Língua portuguesa sob uma perspectiva histórica

Faz-se necessário iniciar esta seção tecendo considerações sobre a história da língua portuguesa, bem como sobre o papel das crônicas enquanto fontes para o estudo da língua portuguesa (PAIXÃO DE SOUSA, MIRANDA, LOMBARDO, MENEZES DA SILVA, 2013). Mostra-se muito necessário e relevante estabelecer estas colocações, pois em dois períodos diversos ocorreram o surgimento e a circulação desse texto, ou seja, nos séculos XVI e XIX. Em termos práticos, isso quer dizer que a língua portuguesa passou por dois momentos muito distintos nesses dois períodos e para que isso possa ser devidamente explicitado é necessário remontar à história da língua portuguesa, seu contexto de origem e formação.

Seguindo este raciocínio, propõem-se considerar a situação de povoamento da Península Ibérica, região de surgimento e formação da língua portuguesa. É preciso pontuar que houve uma verdadeira profusão de povos e culturas nessa região em um período muito específico entre 218 a.C. até o século XV, o que se pode perceber pelas contribuições à língua portuguesa. Em termos práticos, isto quer dizer que houve três

contextos de interação específicos que estão abaixo elencados. Antes de proceder à explanação é necessário pontuar que estes contextos ocorreram mediante interação entre diferentes povos, a saber: romanos, germânicos e dinastias arabizadas do norte da África. Tais contextos foram decisivos para a formação da língua portuguesa, pois o contato foi frequente e duradouro, o que se pode comprovar pelas trocas lexicais em vários âmbitos: como a nomenclatura das áreas jurídica, biológica e etc.

Brevemente recuarei ao período compreendido entre 218 a.C. até o século V (Teyssier, 2001) no Noroeste da Península Ibérica, região tardiamente romanizada em comparação ao restante do território da península. Esta região apresenta diferenças contrastantes, traços delimitadores em relação aos outros falares da época. Pode-se afirmar que na época da chegada dos romanos havia outras populações – como os celtas e as populações autóctones - e que o latim teria se amalgamado a esses falares, é necessário considerar que a ocupação romana não foi homogênea em todas as regiões e contou com diferentes períodos de duração de acordo com o território específico levado em consideração. Muitos fatores levaram à queda do Império Romano, o que não é o foco da presente pesquisa, contudo é importante pontuar no plano da história da língua, esse é um dado de muita relevância, pois, paralelamente aos embates e conflitos, houve uma profunda interação entre as populações que ocuparam a região na época e que mesmo depois que o Império Romano deixou de existir, considerando especificamente essa perspectiva da formação da língua portuguesa, essa profunda interação se corporificava justamente na língua, cuja prova existe no plano da escrita, sendo que algumas palavras são derivadas do latim, como por exemplo: dor (*dolorem*), mau (*malum*), rasgar (*rasicare*) e etc (BASSETTO, 2013).

Conforme dito anteriormente, o segundo contexto de interação diz respeito à ocupação germânica. É necessário dizer que algumas tribos germânicas ocuparam a

Península Ibérica no período compreendido entre 409 até 711 (Teyssier, 2001). Sobretudo, a região de especial interesse, aqui examinada, o noroeste da península foi tomado pelos suevos; godos e visigodos ocuparam outras regiões. Vale a pena pontuar que a região de especial interesse o Noroeste da península gozou de relativo isolamento até a ocupação dos povos arabizados, ponto a ser oportunamente explicado. Ainda que a ocupação dos povos germânicos tenha durado menos tempo, é possível perceber que houve a absorção de determinados vocábulos, como por exemplo: britar (**britutan*), agasalhar (**gasalya*), guia (**wida*), ganso (**gansus*) e etc (Bassetto, 2013).

O terceiro momento diz respeito à ocupação por populações arabizadas, que se estende de 711 a 1492 (Teyssier, 2001). Há uma particularidade interessante sobre esse período: o moçárabe – textos produzidos com alfabeto árabe e estrutura latina. Certamente neste período houve um relativo isolamento em relação às outras regiões, de modo que esse fator poderia ser o responsável pelo não uso de um alfabeto latino. Principalmente se se considerar a pujança e o desenvolvimento existentes durante esse período, pois os povos arabizados teriam instituído os scriptorium, banhos públicos e etc. Como exemplo de termos absorvidos cita-se: alcachofra, arrabalde, alcova, almofada, azul e etc (Bassetto, 2013).

Pode-se concluir que em termos de permanência na Península Ibérica, o latim e o árabe - línguas de cultura de dois grupos que reuniam uma infinidade de outros povos – ocuparam o território da Península Ibérica pelos períodos mais longos, sendo o latim correspondente a aproximadamente 600 anos e o árabe correspondente a aproximadamente 781 anos.

De modo que pensar na formação da língua portuguesa é considerar esses três contextos de interação e perceber que foram os responsáveis por moldar as feições deste

língua no momento em que aqui chegou no século XVI. Posto isso a próxima subseção tratará da problemática da língua portuguesa nos textos que compõem o manuscrito com o intuito de identificar não só a periodização da língua portuguesa bem como sua estrutura-base. O que fornece o aparato necessário para se empreender uma reflexão sobre a língua portuguesa presente no próprio manuscrito, conforme mostra a seção a seguir.

III.2.2 Língua portuguesa em *Notícia do Brasil*

Uma peculiar situação gestou a língua portuguesa na Península Ibérica, conforme já citado, contudo, não se pode acreditar que a estes três contextos de interação teriam sido os únicos na história da língua portuguesa, de modo que esta subseção iniciará analisando um outro contexto de interação na formação desta língua em território brasileiro.

Nesse ponto se fazem necessárias algumas considerações acerca de um quarto contexto de interação. Trata-se do período compreendido a partir do século XV com as Grandes Navegações. Não nos podemos esquecer que à medida em que avançavam, levavam consigo a língua portuguesa, de modo que é necessário considerar e analisar suas características no próprio objeto de estudo em si. Essa análise se mostra relevante, pois elucidará questões de fidelidade em relação às duas edições impressas. Pensando na conhecida citação de Duarte Nunes de Lião: “Da mudança que as lingoas fazem per discurso de tempo: Assi como em todas as cousas humanas ha continua mudança & alteração, assi he tambem nas lingoages” (LIÃO *apud* PAIXÃO DE SOUSA, 2006) percebe-se que se faz mister determinar e analisar como essas diferenças se processaram. É necessário considerar também que o século XIX estabelece parentescos e situa as línguas românicas como oriundas de um mesmo contexto, a saber a queda do Império Romano, que uma vez fragmentado conta com línguas vernáculas ou vulgares e a partir dessa

separação teriam se originado as línguas românicas que passariam a ter inúmeros contatos com outras línguas. No caso da Península Ibérica fica muito claro: que as interações com os romanos, os germânicos e os povos arabizados foi muito decisiva para a conformação atual da língua portuguesa, conforme dito na seção anterior.

Contudo, é necessário refletir sobre a filiação romana da língua portuguesa proposta e defendida por humanistas, sobretudo. Considerando o contexto de sua formação da e pensando na forma como uma língua adquire este *status* como tal, torna-se claro que havia a necessidade de se formar uma tradição correlacionada ao período de pujança e desenvolvimento trazido pelos romanos: banhos públicos, estradas e vias, aquedutos, administração e leis e etc. Para além disso, formar esta tradição deveria determinar que o português, enquanto língua, se diferenciava do espanhol e do galego.

No contexto da época, havia a necessidade de se determinar uma esfera de ação para a língua portuguesa, assegurando sua filiação latina e deslegitimando o parentesco com o galego e o castelhano, por meio do discurso e de instrumentos oficializantes da língua, como por exemplo: *Regras que ensinam a maneira de escrever a ortografia da língua portuguesa* de Pero de Magalhães Gandavo, *Gramática da Lingoagem da Língua Portuguesa* de Fernão de Oliveira e *Gramática da Língua Portuguesa* de Duarte Nunes de Lião.

Esse movimento de determinar uma esfera de ação para a língua portuguesa poderia hipoteticamente representar medidas que hoje, anacronicamente são chamadas de medidas de políticas linguísticas, como por exemplo a presença de corte com instituição de leis, responsáveis pela chancela de uma série de documentos, como testamentos, forais e etc. Medidas que se mostrariam extremamente úteis no período das Grandes Navegações, pois os portugueses implantaram sistemas de governo nos territórios colonizados, que logo iriam requerer um aparato legal para sua implementação. Isso se observa no caso do Brasil,

que ocupava uma posição de segundo plano no contexto dos territórios colonizados. Essa informação é relevante, pois sinaliza que houve produção de documentos, que conforme visto anteriormente, se constituem como fontes para o estudo da língua.

Em termos práticos, esse movimento das Grandes Navegações significa um outro momento de interação, pois falantes de língua portuguesa estavam se dirigindo a um outro território desconhecido, ocupado por falantes de um outro idioma, a perspectiva muda completamente de lugar, pois não se trata mais do local de surgimento da língua portuguesa e sim de um de seus locais de disseminação. Sendo assim, focando especificamente o caso da América enquanto continente descoberto, a marca do espalhamento da língua portuguesa se dá no plano da escrita que comprova mudanças e inserção de determinados vocábulos em textos que seriam os primeiros registros feitos no Brasil, ainda que o próprio Brasil estivesse sob uma outra conformação social e política. O ponto relevante desta reflexão é justamente a mudança que se percebe na escrita, processo não natural, ou seja, independentemente dos contextos de interação verbal-oral de falantes da língua portuguesa com habitantes autóctones, é a escrita que perpetua esse contexto de interação; alguns exemplos serão oportunamente explicados.

E esse contexto de interação também pretende se ater às mudanças ocorridas na língua portuguesa, principalmente considerando a periodização dos contextos de surgimento e publicação – os séculos XVI e XIX, conforme já mencionado. De modo que, é nesse bojo que as diferenças nas edições serão exploradas, levando em consideração essa pluralidade de diferentes contextos de interação em sua formação, origem e disseminação. É muito importante ressaltar neste momento uma reflexão sobre a periodização da língua portuguesa presente em Galves (2006) que identifica com muita precisão, além de propor uma nova periodização para esta língua, que no século XVI o que chegou nas caravelas, ou seja a língua trazida pelos portugueses era o português médio e que no século XIX essa

classificação se altera e se chega ao português moderno europeu. Considerando os contextos de surgimento e publicação, esta se mostra como uma questão central para entender as modificações implementadas por Varnhagen nas edições póstumas. De modo que esta questão da periodização geralmente não é levada em conta quando se estuda diferentes edições de um mesmo texto em séculos diferentes, entretanto percebe-se que esta questão é fundamental para que o editor possa preservar a essência do texto em si. De acordo com o que foi dito anteriormente, há uma questão que envolve a autoria do texto: cita-se GSS sempre utilizando as edições de Varnhagen, de modo que seria extremamente útil pontuar esta questão da periodização da língua portuguesa ao se trabalhar com um texto como este cujo lapso de tempo se mostra maior que um século. Posto isso, ainda é sempre preciso considerar que tipo de texto surge no contexto de fundação de uma língua.

Considerando a língua portuguesa em sua fundação e a utilização da forma escrita, fica nítido que o que se produzia, pensando nos primeiros textos que surgiram, não eram crônicas e sim textos notariais, mesmo os literários terão aparecimento tardio, em comparação aos outros dois tipos. De modo que as crônicas possuem um contexto de aparecimento muito específico. Isso significa dizer que muitas estruturas serão típicas das crônicas, nesta época, assim como uma determinada estruturação textual, que se fundamenta em uma perspectiva eminentemente descritiva, conforme nos aponta Artur Anselmo (1991: 27):

... embora a língua portuguesa tivesse adquirido uma certa autonomia na época da Fundação, os primeiros textos escritos em português só aparecem nos fins do século XII (e são todos de natureza jurídico-prática), enquanto a literatura apenas surge no século XIII.

Objetivando o aspecto das mudanças ocorridas nas línguas, uma esclarecedora citação revela um outro interessante ponto de análise:

Esta perspectiva implica num pressuposto forte: o de que as línguas naturalmente mudam com o tempo. Ou seja: na tradição genética, qualquer língua, em qualquer contexto (espacial, temporal, social), sofre e sofrerá necessariamente mudanças. Esta reflexão concebe portanto a mudança como processo internamente motivado: as línguas *engendram sua própria evolução*.

(PAIXÃO DE SOUSA, 2006: 17)

Esse é um aspecto central na análise da trajetória editorial, pois as mudanças acontecem em vários planos, de como por exemplo as mudanças fonéticas, que claramente não são o foco da presente pesquisa, contudo evidentemente ocorrem; no entanto, também ocorrem mudanças no plano da escrita, para essas mudanças a Filologia se compromete estudar e definir, delimitar suas esferas de ação. A última sentença dessa citação é especialmente verdadeira se formos pensar que o real e concreto espalhamento da língua portuguesa no continente americano foi o responsável pelas adaptações lexicais e pelos americanismos léxicos observados na transcrição desse manuscrito. Sobre as crônicas é relevante dizer que de maneira geral, evidenciam esse potencial de transformação e mudança das línguas porque revelam como diferentes realidades se aproximam, a plasticidade ou não dos vocábulos para darem conta de diferentes contextos, a ação no tempo e no espaço da possibilidade de comunicar conteúdos e fatos em um determinado tempo-espaço estabelecido. Aqui se tangenciam evidentemente os conteúdos transmitidos e a memória que deles se formou. Enquanto relato documental, as crônicas são o instrumento pelo qual esses conhecimentos se disseminam. Revelam ainda que havia circulação de ideias e de conhecimento em épocas difíceis de se determinar tais movimentos.

É relevante considerar que essa crônica é a prova concreta dos estágios iniciais do contato entre as línguas da época e por conseguinte, das mudanças que esses contatos

obrigatoriamente trariam em ambas as direções, ainda que o termo ‘ambas’ esteja sendo utilizado de maneira simplificada, pois sabe-se que o ‘europeu’ que chegou não representava uma identidade homogênea e única, e também não o eram os nativos aqui encontrados (MONTEIRO, 2003). É importante pontuar que sobre os idiomas falados no território correspondente ao Brasil no século XVI, os jesuítas, que possuíam rixas e rivalidades na época com os colonos, - notadamente o Padre José de Anchieta, estudaram e categorizaram o tupi, estabeleceram uma gramática e produziram textos nesta língua, até então, esta língua era exclusivamente oral. No século XIX, século da Independência, a questão do indígena adquire especial relevância, pois construindo brevemente o contexto cientificizante do século XIX aliado ao fato da própria Independência que fomentaria uma situação de desenvolvimento, percebe-se que o papel do indígena nesta nova nação que começa a se delinear passa a se definir. De modo que, seria necessário conhecer a questão a fundo, reconhecer especificidades entre diferentes tribos e regiões.

Portanto, é necessário refletir sobre o fato de que as crônicas erigem o constructo da variante escrita da língua e que justamente podem fornecer indícios únicos e valiosos sobre seu estado ao retratarem realidades não conhecidas. Em termos práticos, analisar a língua portuguesa contemplada no texto das crônicas permite não só o pleno acesso ao seu conteúdo, como também um aprofundamento único. Outro aspecto relevante é aquele concernente ao das gramáticas, pois, como pontua Marquilhas (2010) as gramáticas apresentam um componente que perdura ao longo do tempo e que guarda semelhanças quando observadas ao longo de um determinado período; em outras palavras não se pode desconsiderar sua dimensão histórica e cultural.

Não se pode deixar de considerar como ponto-chave para explorar a trajetória editorial uma outra citação:

Ora, esses registros representam um fragmento dos acontecimentos. Mais que isso: um fragmento daquilo que um determinado contexto histórico julgou relevante registrar; que um segundo momento histórico julgou importante preservar; e que um terceiro momento histórico considerou pertinente examinar.

(PAIXÃO DE SOUSA, 2006: 36)

Esta citação é o cerne dos aspectos evidenciados pela trajetória editorial de uma determinada obra em questão. Este ponto se coloca como central para revelar o trabalho empreendido por Varnhagen nas etapas de estabelecimento de texto e atribuição da autoria ao manuscrito. Em termos práticos isso significa que no século XIX o recém-independente Brasil se depara com a necessidade de ter um passado para contar e de ter uma tradição a qual perpetuar. Justamente nesse momento é facilmente perceptível ser indispensável resgatar todo o universo que as crônicas traziam em seu bojo. Sendo desafiadores os processos de determinar datação, modernização da grafia e das estruturas sintáticas, estas últimas tão áridas para os leitores modernos. Não é fastidioso lembrar que todas essas etapas foram ultrapassadas por Varnhagen, cuja contestação da autoria do manuscrito jamais ocorreu. Varnhagen chegou a corrigir a autoria erroneamente atribuída a Francisco da Cunha (AZEVEDO, 2007).

Difícilmente todo esse trabalho poderia ser feito sem que se considerasse possíveis termos absorvidos pela língua portuguesa, e uma vez que se conhece seu extenso histórico de contatos estrangeiros torna-se evidente perceber que a crônica estudada traz muito fortemente esta questão; conforme corrobora Piel (1989) - considerando o grande palimpsesto que se mostrou a língua portuguesa no período das Grandes Navegações - do Brasil seriam provindos dois termos: ‘mandioca’ e ‘tapioca’, sendo que estes se encontram na referida crônica de Gabriel Soares de Sousa.

É muito importante frisar que a crônica em questão não representa o contato ocorrido entre essas duas realidades, antes representa alguns aspectos observáveis na língua

portuguesa, (PAIXÃO DE SOUSA, 2006), ou seja, torna muito nítido que as adaptações lexicais e os americanismos léxicos se configuram também como um exemplo das mudanças sofridas pela língua portuguesa através dos contatos por ela travados.

De modo que o exame detido da obra de GSS possibilitará uma aprofundada análise do léxico dos textos, nos quais prevê-se (pelos exames preliminares) encontrar numerosas palavras de origem indígena que consigam nomear entidades desconhecidas do universo luso-europeu, no contexto da tentativa de explicar um universo tropical aos reis, à corte e à nobreza europeias – que formam o público a quem se dirige essa obra. Com isso, delineia-se assim um intrigante aspecto de interesse para investigações futuras: em que medida e como, no período colonial, a língua portuguesa teria absorvido itens lexicais (incluindo palavras indígenas) para expressar realidades até então nunca vistas? Nesse âmbito do léxico, quais teriam sido as soluções escolhidas para dar conta dessas realidades desconhecidas? Essas são algumas questões de análise linguística que poderão vir a ser trabalhadas a partir dos resultados desta pesquisa.

Com o intuito de analisar mais detidamente as características da língua portuguesa presentes no manuscrito, é necessário inserir o conceito dos campos vocabulares presente em Mattos e Silva (2008); que por sua vez cita outra autora: Maria Alexandra Tavares Carbonell Pico (1963). Esse conceito auxiliará a detectar palavras de origem não portuguesa e determinar em que contextos eram utilizadas, o que pode ajudar também a entender o mecanismo de absorção de diferentes palavras na língua portuguesa. Isso se mostra muito útil nesta etapa da pesquisa, pois permitirá identificar termos não portugueses e seus equivalentes em português, como por exemplo: *periperi* – palha; *carimã* – farinha de guerra e etc.

De modo que, é possível verificar no próprio texto exemplos que permitem

contextualizar de que maneira foi estruturado e quais conteúdos objetivava compartilhar em determinados contextos. Também é necessário lembrar que esse trabalho mais detido com o texto permite avaliar o grau de fidelidade entre a cópia, considerada como o original, e as duas edições impressas póstumas, conforme supracitado.

Assim sendo, as próximas seções se encarregarão de apresentar as análises linguística e filológica tão necessárias para empreender uma pormenorizada análise do texto.

III.2.3 Análise filológica

Sendo o outro eixo de análise da presente pesquisa os aspectos filológicos, faz-se necessário expor duas diferentes perspectivas de análise de trechos do próprio manuscrito e de suas versões impressas. Analisando os aspectos filológicos, pode-se saber com certeza como o estabelecimento se deu, conforme dito anteriormente, esta é uma etapa nem sempre explicitada na prática editorial, contudo para estudos acadêmicos é de fulcral importância para que se possa fazer uma avaliação precisa do tipo de intervenção que um determinado documento ou texto sofreu, o que, por si só, influencia muito no texto final, ou seja, o texto que será publicado.

De modo que, com o intuito de analisar essas intervenções, analisa-se dois conjuntos de exemplos, todos retirados do próprio texto. Este primeiro conjunto se refere a **intervenções textuais**, ou seja, itens lexicais modernizados ou alterados que podem ser observados nas edições impressas póstumas. O segundo conjunto diz respeito às **intervenções estruturais**, como por exemplo, algumas trocas de termos ou intervenções na pontuação encontradas nas edições impressas. As duas respectivas subseções

apresentarão alguns exemplos e uma análise dos mesmos.

III.2.3.1 Intervenções textuais

Constatou-se no cotejo com as duas edições póstumas de Varnhagen algumas variações ortográficas e algumas informações inquietantes citadas no texto, as quais necessitam de contextualização para que possam ser intrinsecamente compreendidas em nossos tempos atuais, para tanto proponho aqui uma proto-categorização das alterações, ilustradas com imagens dos próprios textos. As imagens certamente apresentarão variação no tamanho e formato das letras e uma série de outras diferenças, no entanto, gostaria aqui de trabalhar com aspectos textuais observáveis nas três imagens. No momento, me atenho mais a supressão e substituições de termos, alterações na pontuação, regularidade em topônimos. A questão da variação ortográfica será futuramente trabalhada com mais profundidade. Cito poucos exemplos de variação ortográfica apenas para ilustrar tal fenômeno. Seguem abaixo os exemplos estruturados da seguinte forma: carta do manuscrito, páginas das edições de 1851 e 1879, tipo de alteração, linha do manuscrito e linha do impresso.

Carta 7, p.17, p.5 – Inserção de pontuação: ‘,’ entre ‘Conquistas’ e ‘o que se fez’ (ms.l.1; impr.l.1).

Gabriel Soares de Sousa (cópia)

**Reis na repartição de suas conquistas , o que se fez por esta maneira.
Os Reis catholicos de Castella , D. Fernando e D. Isabel , sua**

Varnhagen, 1851

mos como se avieram os Reis na repartição de suas conquistas, o que se fez por esta maneira. Os Reis Catho-

Varnhagen, 1879

Carta 8, p.18, p. 6 – Supressão do numeral ‘dezessete’ (ms.l.5; impr.l.2); he – é (ms.l.7; impr.l.4 e 5); variação na grafia: Nestas – N’estas (ms.l.7; impr.l.5); boca – bocca (ms.l.3; impr.l.2)

Gabriel Soares de Sousa (cópia)

rio á outra ponta da banda de leste são trinta e seis leguas. E ao mar doze leguas da bocca d’este rio estão ilhas, as quaes demoram em altura de um terço de gráo da banda do sul. Estas ilhas se mostram na carta mais chegadas á terra, o que é erro manifesto. N’estas ilhas ha bons portos para surgirem navios, mas para bem hão

Varnhagen, 1851

outra ponta da banda de leste são trinta e seis leguas. E ao mar doze leguas da bocca d’este rio estão ilhas, as quaes demoram em altura de um terço de gráo da banda do sul. Estas ilhas se mostram na carta mais chegadas á terra, o que é erro manifesto. N’estas ilhas ha bons

Varnhagen, 1879

Carta 10, p.19, p. 7 – Variação em topônimos: Espanha e Hespanha – Hespanha (ms.l.1 e 14; impr.l.1 e 13, 1 e 16); variação na grafia: Caravella – caravella – caravela (ms.l.3; impr. l. 3) Aglutinação de partículas: sevejo, se veio, se veiu (ms.l.14, impr.l.13 e 16); variação na grafia: Jlha damargarita – ilha da Margarita (ms.l.9; impr.l. 9 e 10)

Gabriel Soares de Sousa (cópia)

d'onde sua mulher se tornou com a mesma armada para Hespanha.

N'este tempo pouco mais ou menos andava correndo a costa do Brazil em uma caravella como aventureiro Luiz de Mello, filho do alcaide mór de Elvas, o qual, querendo passar a Pernambuco, desgarrou com o tempo e as aguas por esta costa abaixo, e vindo correndo a ribeira, entrou no rio do Maranhão, e n'este das Amazonas, de cuja grandeza se contentou muito; e tomou lingua do gentio, de cuja facilidade ficou satisfeito, e muito mais das grandes informações que na ilha da Margarita lhe deram alguns soldados, que ali achou, que ficaram da companhia do capitão Francisco de Arellhana, os quaes facilitaram a Luiz de Mello a navegação d'este rio, e que com pouco cabedal e trabalho adquirisse por elle acima muito ouro e prata. Do que movido Luiz de Mello, se veio á Hespanha e alcançou licença

Varmhagen, 1851

armada para Hespanha.

N'este tempo pouco mais ou menos andava correndo a costa do Brasil em uma caravela como aventureiro Luiz de Mello, filho do alcaide-mór de Elvas, o qual, querendo passar a Pernambuco, desgarrou com o tempo e as aguas por esta costa abaixo, e vindo correndo a ribeira, entrou no rio do Maranhão, e n'este das Amazonas, de cuja grandeza se contentou muito; e tomou

lingua do gentio de cuja fertilidade ficou satisfeito, e muito mais das, grandes informações que na ilha da Margarita lhe deram alguns soldados, que alli achou, que ficaram da companhia do capitão Francisco de Arellhana, os quaes facilitaram a Luiz de Mello a navegação d'este rio, e que com pouco cabedal e trabalho adquirisse por elle acima muito ouro e prata. Do que movido Luiz de Mello, se veio á Hespanha e alcançou

Varnhagen, 1879

Carta 19, p. 26, p. 14 – Variação em topônimos: Itacoatijara, Itacoatajara e Itacoatigara (ms.l.1; impr.l.1)

Gabriel Soares de Sousa

Do Porto dos Buzios á Itacoatajara são nove leguas, e este rio se chama d'este nome por estar em uma ponta d'elle uma pedra de feição

Varnhagen, 1851

Do porto dos Buzios á Itacoatigara são nove leguas, e este rio se chama d'este nome por estar em uma ponta d'elle uma pedra de feição de pipa como ilha, a que o

Varnhagen, 1879

O exemplo referente aos topônimos é muito revelador, pois evidencia, que em cada texto uma variante foi adotada. Esse tipo de profundidade no trabalho com o texto se faz necessário para que se investigue qual e como foi o processo de adoção de uma dessas variantes, o que pode ser extremamente esclarecedor para identificar como toda essa problemática se desenrolou.

III.2.3.2 Intervenções estruturais

De vital importância é a contextualização da obra partindo do próprio texto em si, de modo que esta subseção se ocupará em explorar algumas trocas lexicais e alguns trechos importantes da obra, com o intuito de apresentar possíveis aspectos do trabalho filológico mais detido com o texto. Evidentemente, em uma pesquisa filológica a busca por informações históricas e historiográficas chega a ser demasiadamente profunda em alguns momentos, no entanto, o centro da pesquisa são o texto e o conteúdo que carrega em seu

bojo. De modo que não existe uma melhor forma de se trabalhar toda a problemática envolvida em sua concepção a não ser explorando fatualmente em seus próprios trechos aspectos correntes na literatura especializada na área.

Abaixo alguns exemplos são analisados a seguir:

GSS	Varnhagen
eomais estado do Brasil	e demais Estados do Brasil (carta 2)
mandarprouer	mandar prover (carta 3)
Erepartir aterra della e~ Capitánias	e repartir a terra dela por capitães (carta 6)

É interessante focar a primeira e a terceira trocas, que não foram efetuadas aleatoriamente, antes se configuram como uma prova e uma constatação de que se tentou promover o esquecimento do período em que ocorreu a monarquia dual na construção de uma memória nacional para o Brasil. Ao longo do manuscrito pode-se perceber uma série de trocas de termos e, partindo-se do princípio da fidelidade do texto, essas trocas precisam ser pontualmente avaliadas. É necessário rastreá-las e compará-las ao longo do texto, ou seja, é necessário chegar ao fim da transcrição para se estabelecerem e se identificarem no próprio texto, enquanto constructo cultural, os desdobramentos dessas referidas trocas.

Examinando a primeira substituição – GSS “eomais estado do Brasil” e Varnhagen “e demais Estados do Brasil”: claramente, nessa troca, Varnhagen atualiza a passagem e faz menção a um Brasil moderno, com estados da federação, no qual as fronteiras são conhecidas e demarcadas; já GSS faz menção à totalidade daquele território parcialmente inexplorado, sob determinados aspectos desconhecido e no qual as fronteiras

ainda vão passar por um processo de delimitação.

Mais curioso ainda é a terceira substituição – GSS “Erepartir aterra della e~ Capitancias” e Varnhagen “e repartir a terra dela por capitães”. Essa troca também não foi aleatória e é, por si só, especialmente inquietante, uma vez que é um reconhecido fato da História do Brasil que seu território foi dividido em propriedades. Faz-se necessária uma pesquisa de maior fôlego que sugira outras hipóteses que a esclareçam.

Sob uma determinada perspectiva política se identifica o epicentro da questão editorial inerente ao manuscrito: as informações extremamente sigilosas que continha não deveriam circular, pois simbolizavam, no limite, as tão almejadas riquezas potenciais que propiciariam a continuidade das conquistas intercontinentais e ultramarinas, por isso não se encontra na literatura hipóteses sobre o destino dos originais; pode-se identificar nesse fato uma das causas para o lapso de 250 anos para sua publicação. Paralelamente a isso, o Brasil, no período da colonização com as consequências e os desdobramentos há muito conhecidos, sempre teve inquietações quanto à sua origem, quanto à formação da população, quanto ao ideário nacional, em suma quanto à sua própria identidade enquanto nação. Toda essa questão nebulosa acabou por dar origem à formação de uma primeira elite intelectual no século XIX (da qual Varnhagen foi um dos pioneiros), a responsável direta pela formação de uma memória nacional do Brasil, país que almejava o *status* de nação, conforme dito anteriormente. É necessário dizer que também compõe o manuscrito a Epístola destinada e entregue a D. Cristóvão de Moura, que não consta das edições póstumas de Varnhagen, justamente pelo fato de Portugal se encontrar sob domínio espanhol na época em que o manuscrito foi escrito e principalmente na data da entrega: março de 1587, conforme Luciani (2010) e Azevedo (2007).

Como o texto contém tantos exemplos a serem explorados, nesse momento se faz

necessário iniciar uma análise um pouco mais detida do texto em si, com o objetivo de refletir sobre como foi estruturado e quais conteúdos pretendeu publicar.

Com o intuito de aproximar e revelar significados restritos a determinados círculos, esta seção pretende apresentar uma série de exemplos extraídos do texto estudado objetivando alcançar leitores modernos. Ainda que o objeto de estudo e discussão seja a língua portuguesa, não se pode ignorar o fato do distanciamento da variedade antiga para a moderna. Esse fato afasta e cerceia, para o leitor moderno, a total compreensão do conteúdo e das ideias contidas no texto. De modo que, para ilustrar essa perspectiva, foram selecionados alguns trechos no texto de GSS que serão sucintamente explicados.

De suma importância é a contextualização da obra partindo do próprio texto em questão, com o intuito de apresentar possíveis aspectos do trabalho filológico mais detido com o texto. Evidentemente, em uma pesquisa filológica, a busca por informações históricas e historiográficas chega a ser demasiadamente profunda em alguns momentos, no entanto, o centro da pesquisa são o texto e as verdades intrínsecas que carrega em seu bojo, conforme dito anteriormente. De modo que não existe uma melhor forma de se trabalhar toda a problemática envolvida em sua concepção a não ser explorando fatualmente em seus próprios trechos aspectos correntes na literatura especializada na área.

Outros aspectos que saltam à vista são: a estruturação, a ortografia e a sintaxe próprias aos textos do século XVI. Parece adequado afirmar que existe profundo afastamento, sobretudo no campo da sintaxe, ou seja, a sintaxe dessa época se configura como demasiadamente nebulosa para que, numa primeira e desavisada leitura, se apreendam todas as suas especificidades e todo o seu conteúdo.

É também adequado pontuar que o texto conta com uma ímpar riqueza de detalhes e minúcias, certamente fruto de um longo trabalho de coleta e observação. No entanto, é

possível suspeitar de uma espécie de circulação de informações de que o autor fazia parte, ou no limite, usufruía, para que pudesse narrar com tanta riqueza de detalhes todos os inúmeros aspectos que abordou: inicia a primeira parte falando sobre os descobridores, depois passa a dissertar sobre a geografia, narra os costumes e as peculiaridades do gentio (em suas diversas subdivisões), passando pelos mantimentos provindos da terra, chega a dissertar sobre espécies de animais e de plantas, passando pela organização das capitânicas hereditárias. Mais intrigante do que os capítulos que encabeçam e que permeiam o texto de *Notícia do Brasil* são os capítulos finais, que tratam das riquezas e aconselham sobre a proteção do território.

Ou seja, essas considerações permitem inferir que, ao explorar os aspectos filológicos do texto, é possível se determinar como esse conhecimento sobre esse território se construiu, quais elementos foram elencados, qual a correlação que se estabelece entre eles etc. Um exemplo que ilustra muito bem essa problemática seria a elaboração do mapa sobre as capitânicas hereditárias, a qual foi inspirada nos estudos de Varnhagen. De modo que, no caso específico da presente trajetória editorial, a comparação entre o texto original e as edições póstumas sempre revelam importantes aspectos de ambos os períodos em que surgiram.

De maneira irrepreensível essa citação revela que o cenário com que se trabalha em termos de reconstrução de uma trajetória editorial precisa necessariamente ser desvendado, ou seja, todos os detalhes, nuances, dinâmicas, etc. nem sempre são evidentes em uma primeira leitura do texto.

Devido à sua extensão, existe uma verdadeira profusão de exemplos a serem explorados; por questões de recorte, elencarei apenas alguns, pois um dos objetivos da

presente pesquisa é situar a presente cópia manuscrita na trajetória editorial do autor, conforme dito anteriormente e também conhecer quais os tipos de questões e dificuldades que um texto como este pode apresentar no momento em que se estiver confeccionando uma edição crítica filológica.

Constataram-se no cotejo com as duas edições póstumas de Varnhagen algumas variações ortográficas e algumas informações inquietantes citadas no texto, as quais necessitam de contextualização para que possam ser intrinsecamente apreendidas e compreendidas em nossos tempos atuais.

Para ilustrar o que foi dito até o momento, apresentam-se alguns exemplos que não tiveram a grafia modernizada propositalmente:

- (1) Neftè rio grande achou hũ Diogo paes depernambuquo,
lingoa
do gentio hũ Castelhano antre os Pitiguoares cõ os beijos
fura-
dos como elles, ... (*GSS carta 19*)
- (2) N´este rio Grande achou Diogo Paes de Pernambuco, lingua
do gentio,
um Castelhano entre os Pitigoares, c’os beijos furados como
elles, (*V 1851*)
- (3) N´este rio Grande achou Diogo Paes de Pernambuco, lingua
do gentio,
um castelhano entre os Pitiguares, com os beijos furados
como elles, (*V 1879*)

O exemplo proposto ilustra de maneira bem interessante o resultado do trabalho filológico, pois o documento considerado original contém diferenças na grafia em comparação com as duas edições completas. Ainda que sejam consideradas como meras normalizações de suas respectivas épocas, é importante frisar que houve a supressão do item lexical “hũ” antes de “Diogo”, que é um indicativo de que outras alterações possam ter ocorrido. Tais alterações sempre levam a questionamentos quanto à veracidade do texto, até que ponto as alterações limitam e descaracterizam sua genuinidade, uma vez que é

sabido que todo processo de cópia ou reprodução de um texto acaba por resultar em alterações estruturais que culminam em comprometer sua fidelidade.

No Capítulo XI – “Em que se declara a costa da baía da Treição ate a Paraíba” na parte um (*Roteiro Geral*), há um caso muito interessante e também muito ilustrativo das dimensões a que chega o manuscrito, sua importância em estabelecer os verdadeiros equivalentes entre topônimos:

- (4) Do rio de Camaratibe à Baía da Treição são duas legoas, a qual esta em seis graos e um terço, onde ancorão naos francezas e entram dos aricifes para dentro. Chama-se esta Baya pelo gentio Pitigouar Acajutibiró, e os portuguezes da Treição por nela matarém uns poucos de Castelhanos e portuguezes que se nesta costa perderam. (*GSS, fólho 22*)

É lícito afirmar que, graças ao trabalho filológico feito com o texto, é possível identificar uma correspondência entre diferentes topônimos reconhecidos e nomeados por diferentes grupos sociais: Acajutibiró pelos potiguaras (designação moderna) e Baía da Traição pelos portugueses. Perfeitamente perceptível é o fato de que sem o manuscrito seria muito difícil chegar a tal nível de detalhamento em relação a esse topônimo, o que afirmo também em relação a outros topônimos presentes ao longo do texto. Finalizo a exposição desse exemplo com a colocação pronominal – “por nela matarẽ hũs poucos de Castelhanos e portuguezes que se nesta costa perderão” – que se configura como demasiadamente arcaica para os falantes modernos. Também nesse caso o trabalho detido com o texto se mostra de vital importância para estabelecer o real sentido.

Outro caso emblemático se encontra no Capítulo VI – “Em que se dá em suma algumas informações que se tem deste rio das Amazonas” também na parte 1 (*Roteiro Geral*):

- (5) E dando suas informações ao Emperador Carlos quinto que esta em gloria lhe ordenou uma armada de quatro navios pera cometer esta empreza, em aqual partio do porto de São Lucar com sua mulher , pera hir povoar aboca deste Rjo , e o ir

conquistando por elle asima , o que não houve efeito, por na mesma boca do Ryo fallecer este Capitão desua doença, Donde sua mulher se tornou com amesma armada pera Espanha. (GSS, fôlio 10)

Neste exemplo percebe-se claramente que o significado da expressão ‘tornar-se’ sofreu uma significativa mudança no período estudado, ainda que em dicionários modernos se encontre a acepção de “regressar, voltar”; mesmo assim esta não é usualmente aplicada, o que pode se configurar como um motivo de falha no entendimento da ideia expressa no texto.

Também na Parte 1 (*Roteiro Geral*) no Capítulo XII – “Em que se trata de como se tornou a cometer a povoação do rio da Parahiba”, há ainda mais um exemplo a ser explorado:

- (6) Em os franceses vendo esta armada puseram fogo às suas naus e lançaram-se com o gentio, com o qual fizeram mostras de quererem impedir a desembarcação, o que não lhes serviu de nada, que o general desembarcou a pé enxuto, sem lho poderem impedir, e chegou a gente de Pernambuco e Tamaraca por terra com muitos escravos e todos juntos ordenaram um forte de terra e faxina onde se recolheram, no qual Diogo Flores deixou cento e tantos homens dos seus soldados com um capitão para os caudilhar, que se chamava Francisco Castrejon que se amassou tão mal com Frutuoso Barbosa não o querendo conhecer por governador, que foi forçado a deixá-lo neste forte, só, e ir-se para Pernambuco, de onde se queixou à Sua Majestade para que provesse sobre o caso, como lhe parecesse mais seu serviço. E sendo ausente Frutuoso Barbosa, veio o gentio por algumas vezes afrontar este forte e pô-lo em cerco, o qual sofreu mal o capitão Francisco Castrejon. E, apertado dos trabalhos, desamparou este forte e o largou aos contrários, passando-se por terra à capitania de Tamaracá, que é daí dezoito léguas, e pelo caminho lhe matou o gentio alguma gente que lhe ficou atrás, como foram mulheres e outra gente fraca. (GSS, fôlio 24)

Este trecho permite explorar uma importante perspectiva, até então pouco

investigada: o autor, devido ao detalhamento de informações, contou, em certa medida, com uma espécie de circulação de informações, para que pudesse citá-las tão esmiuçadamente. Talvez esse seja um dos mais difíceis aspectos a ser explorado, não obstante seja fulcral para entender o processo de composição do texto *Notícia do Brasil*, de que fonte provinham tão fartas e detalhadas informações.

Ainda na parte um (*Roteiro Geral*), no Capítulo XIX – “Que trata de quem são estes caytes, que foram moradores na costa de Pernambuco”, há dois trechos dignos de nota, conforme segue.

O primeiro trecho ilustra ainda um outro tipo de situação muito comum ao longo do texto:

- (7) As embarcações de que este gentio usava eram de uma palha comprida como a das esteiras de tábua que fazem em Santarém, a que eles chamam periperi, a qual palha fazem em molhos muito apertados, com umas varas como vime, a que eles chamam timbós, que são muito brandas e rijas, e com estes molhos atados em umas varas grossas faziam uma feição de embarcações, em que cabiam dez a doze índios, que se remavam muito bem, e nelas guerreavam com os Tupinambas neste rio de São Francisco, e se faziam uns aos outros muito dano. (GSS, fólhos 36 e 37)

Este seria um exemplo de americanismo léxico: “As embarcações de que este gentio usava eram de uma palha comprida como a das esteiras de tábua que fazem em Santarém, a que eles chamam periperi”; ou seja, é feita uma adaptação lexical para que se consiga explicar e ilustrar, para que leitores distantes e ignorantes de uma determinada realidade possam fazer alguma ideia daquele contexto específico.

O segundo trecho a ser brevemente examinado é o seguinte:

- (8) Confederaram-se os topinambas seus vizinhos com os tupinays, pelo sertão, e ajuntaram-se uns com os outros pela banda de cima, de onde os tapuyas também apertavam estes caites, e deram-lhe nas costas, e de tal feição os apertaram, que

os fizeram descer todos para baixo, junto do mar, onde os acabaram de desbaratar; e os que não puderam fugir para a serra do Aquetiba não escaparam de mortos ou cativos. Destes cativos iam comendo os vencedores quando queriam fazer suas festas, e venderam deles aos moradores de Pernambuco e aos da Bahia infinidade de escravos a troco de qualquer coisa, ao que iam ordinariamente caravelões de resgate, e todos vinham carregados desta gente, a qual Duarte Coelho de Albuquerque por sua parte acabou de desbaratar. (GSS, fólio 38)

Neste trecho também se percebe um elevado grau de minúcias que também, conforme supracitado, deve provir de um contexto de circulação de informações, no qual o autor está inserido de uma forma ou de outra.

Ainda na parte 1 (*Roteiro Geral*), no Capítulo XX – “Que trata da grandeza do rio de São Francisco e seu nascimento”, também há dois trechos que valem a pena examinar.

O primeiro deles, um curto excerto, “E este rio contente-se por ora de se dizer dele em suma o que for possível neste capítulo, para com brevidade chegarmos a quem está esperando por toda a costa” (GSS, fólio 39), ilustra o tipo de estrutura de que fazem uso os textos do século XVI. Por essa razão é muito importante compreender a questão da fidelidade entre as versões estudadas, para que se entenda esse tipo de estrutura demasiado distante do leitor moderno.

O segundo trecho é o seguinte:

- (9) Ao longo deste rio vivem agora alguns caetés, de uma banda, e da outra vivem Tupinambas; mais acima vivem Tapuyas de diferentes castas, Tupinaes, amoupiras, ubirajaras e amazonas; e além delas vive outro gentio, não tratado dos que comunicam com os portugueses, que se atavia com joias de ouro, de que há certas informações. (GSS, fólhos 39-40)

É interessante notar a maneira como a tribo dos Tapuias foi subdividida: “mais acima vivem Tapuyas de diferentes castas”.

Aqui se configura mais um caso em que, por meio de uma adaptação lexical, se

explica uma realidade distante e desconhecida a leitores que ignoram aquele determinado contexto.

O outro exemplo encontra-se no capítulo VI – “Em que se declara o clima da Bahia, como cruzam os ventos na sua costa e correm as águas nas monções”, também da segunda parte (*Memorial e Declaração*):

(10) E há de se notar que nesta comarca da Bahia, em rompendo a luz da manhã, nasce com ela juntamente o sol... e em se recolhendo o sol à tarde, escurece juntamente o dia e cerra-se a noite logo; a que matemáticos dêem razões suficientes que satisfação a quem quiser saber este segredo, porque os mareantes e filósofos que a esta terra foram, nem outros homens de bom juízo não têm atinado até agora com a causa porque isso assim seja. (GSS, fólio 153)

Este se afigura como um emblemático trecho pois remete diretamente à profundidade e à relevância das questões que surgiram com os descobrimentos: surge um mundo verdadeiramente novo, com especificidades nunca antes imaginadas, com peculiaridades absolutamente desconhecidas, com verdades e características fora da esfera de quaisquer experiências jamais narradas, cujo relato de exploração só seria possível de se realizar, nos âmbitos filológico e linguístico, por meio dos americanismos léxicos e da adaptação lexical. Nesse caso, faz-se necessário entender que houve um grande estranhamento por parte do europeu ao chegar à América e se deparar com tamanha diferença existente, quando se tomam como ponto de partida outras cidades conquistadas. Contudo é necessário também manter no horizonte que, se por um lado havia tanta diferença na inexistente estrutura das também inexistentes cidades, por outro lado havia semelhanças inexplicáveis e fora de qualquer sentido, uma vez que aquele ambiente se mostrava essencialmente diverso de tudo quanto conheciam e já haviam visto.

Outro caso interessante para análise se encontra no capítulo XLII – “Em que se declara que coisa é farinha-de-guerra, e como se faz da carimã e outras coisas”, da segunda

parte (*Memorial e Declaração...*). O referido trecho chama bastante a atenção:

(11) Desta farinha-de-guerra usam os portugueses que não têm roças, e os que estão fora delas na cidade, com que sustentam seus criados e escravos, e nos engenhos se provêm dela para sustentarem a gente em tempo de necessidade, e os navios que vêm do Brasil para estes reinos não tem outro remédio de malotagem...” (GSS, fólio 212)

Considerando as discussões sobre esse referido trecho, cito Azevedo (2007, p. 128):

“Chama a atenção o fato de Gabriel Soares se posicionar em relação ao reino e não ao Brasil, o que pode ser indicativo da sua real localização, já que se encontrava na Península Ibérica quando transcreveu suas anotações”.

Pode-se inferir pelo cenário apresentado que haveria um primeiro original e depois uma segunda versão revista pelo próprio autor; considerando essa colocação como factual, o que chama realmente a atenção seria a real motivação para se reescrever e ou acrescentar alguns trechos ao texto original. De acordo com todas as informações colhidas durante a presente pesquisa, é possível imaginar que tal necessidade haveria surgido pela situação política da corte ibérica na época.

Como encerramento desta subseção considera-se que: é importante pontuar, ainda, que a pesquisa permitiu perceber que as maiores alterações foram de ordem sintática, pois houve reestruturação das orações na pontuação. Outra diferença também bastante relevante ocorre na grafia da quase totalidade das palavras. Ao estabelecer essas diferenças, poderei identificar com precisão em que medida as nuances semânticas das palavras, e de algumas formulações, foram reconstruídas e o que toda essa reestruturação ocasionou ao texto tomado como original, partindo sempre dos aspectos linguísticos e filológicos. A partir dessa comparação surgirá o glossário de variação de grafias que contribuirá com futuros projetos e evidenciará a crônica enquanto texto passível de consulta e leitura.

Uma vez analisadas questões de estabelecimento de texto, aspectos linguísticos e filológicos, deve-se atentar para a problemática da língua portuguesa em si, que envolve uma série de questionamentos relevantes; sendo um dos primeiros: como teria ocorrido a formação da língua portuguesa, em que território, em que período, quais teriam sido os instrumentos de oficialização e como a língua portuguesa teria adquirido o *status* de língua, propriamente.

Tais questionamentos se mostram pertinentes quando se analisa o texto de uma crônica escrita em português, durante a Regência Dual - o que pressupõe um contexto de bilinguismo - por um colono que não fazia parte do meio letrado (conforme dito anteriormente) sobre o Brasil, no Brasil - em um período em que este território possuía outra conformação político-social.

Isso é muito revelador do ponto de vista da análise de uma língua sob sua perspectiva histórica, pois situa e delimita contextos de formação que poderão sugerir hipóteses que expliquem fenômenos típicos daquele contexto, como por exemplo: termos indígenas e adaptações lexicais para introduzir e explicar realidades e contextos específicos a um restrito grupo de leitores, conforme pontuado anteriormente.

III.3 Observações gramaticais

Com o intuito de compreender ainda mais profundamente o texto das cópias manuscritas, fez-se necessário analisar neste momento da presente pesquisa alguns aspectos gramaticais, e na edição crítica futura aprofundá-los, a partir de uma gramática que fosse procedente do mesmo período que o texto da cópia manuscrita, esse detalhe se mostra relevante pois se os aspectos postulados na gramática puderem ser identificados no texto, então haverá uma correspondência entre os períodos em que ambos foram escritos. Como

essa cópia, na qual o trabalho de pesquisa está se desenvolvendo, não apresenta muitas informações, esse procedimento se mostra útil e necessário.

Posto isso, esta seção se propõe a apresentar os resultados parciais da comparação entre a cópia tardia do manuscrito de GSS (ca. 1540-1591), composto em 1587 e alguns aspectos gramaticais abordados na edição crítica da *Gramática da Linguagem Portuguesa* de Fernão de Oliveira. De modo que a presente subseção se propõe a apresentar alguns aspectos observados durante a verificação de alguns preceitos gramaticais presentes na gramática.

Este processo se mostra muito relevante à pesquisa, pois pode auxiliar a identificar a datação do documento, uma vez que esta cópia é apócrifa e não se sabe ao certo de que ano e época procede. De modo que a disciplina em questão se mostrou essencial para aprofundar questões concernentes à língua portuguesa relativas ao manuscrito, pois, segundo algumas hipóteses, ainda que seja uma cópia feita posteriormente ao século XVI, por certo muitos aspectos da língua portuguesa desse período se manifestam e são identificáveis no manuscrito em questão.

Se faz necessário explicar que ainda que o título da presente pesquisa se debruce sobre os aspectos filológicos e linguísticos, a análise dos preceitos gramaticais se faz importante pois a gramática permite identificar problemas específicos de língua em um determinado texto, principalmente em se tratando de uma cópia.

Um dos objetivos futuros da presente pesquisa é compor os fundamentos basilares para uma futura edição crítica, para tanto se propõe a apresentar justamente a análise proveniente dessa comparação, que pode elucidar muitas dúvidas relativas ao próprio texto do manuscrito.

Ainda que seja considerada a primeira gramática da língua, a *Gramática da Linguagem*

Portuguesa se baseia em apontamentos gramaticais relativos aos mais diversos preceitos: nasalização, ditongação, estrangeirismos ou dições de outras línguas etc. Não se pode deixar de considerar que, na época, as línguas se encontravam em um período de consolidação do vernáculo, pois, com a queda do Império Romano as línguas vernaculares passam gradativamente a se sobrepor nas diversas localidades em que antes coexistiam com outras variantes do latim. Tanto isso se passou que no Renascimento (BUESCU *apud* ASSUNÇÃO, 2009, 97) “... a gramática, como observação da linguagem, deixa de ser necessariamente latina e passa a incidir sobre as realidades das línguas vernaculares”. A partir daí fica evidente a necessidade de sistematização do vernáculo, isso indica também que essas línguas possuíam já à altura esse *status* e não mais se constituíam apenas como variantes.

Datada de 1536, a gramática se mostra relevante por ter sido a primeira a considerar o estatuto da língua portuguesa enquanto língua de fato. Uma curiosidade interessante acerca desta gramática é que foi escrita em português, por um português em Portugal quando a língua portuguesa já se fazia corrente (NOGUEIRA *apud* ASSUNÇÃO, 2009). Este é um aspecto que diz muito sobre uma língua e seu estatuto. Apenas para lembrar rapidamente, conforme supracitado, as línguas vernáculas começavam a receber instrumentos que a oficializavam, como por exemplo as gramáticas.

Fernão Lopes foi o pioneiro em trazer a lume a primeira gramática da língua portuguesa, numa época em que isso ainda não havia sido feito. Uma ressalva se faz necessária: ainda que seja a primeira gramática da língua portuguesa pois data de 1536, a *Gramática da Linguagem Portuguesa* se configura, na verdade, como apontamentos gramaticais centrados sobretudo em preceitos voltados ao que alguns séculos mais tarde seria considerado como sóciolinguística e inúmeros preceitos também voltados à lexicologia

(OLIVEIRA *apud*. ASSUNÇÃO, 2009). É necessário considerar, ainda que muito rapidamente, que a primeira gramática nos ‘moldes didáticos’ de que se tem notícia é a de João de Barros, *A Gramática da Língua Portuguesa*.

De suma e vital importância é a contextualização da obra partindo do próprio texto em questão, com o intuito de apresentar possíveis aspectos do trabalho filológico mais detido com o texto. Evidentemente, em uma pesquisa filológica a busca por informações históricas e historiográficas chega a ser demasiadamente profunda em alguns momentos, no entanto, o centro da pesquisa são o texto e as verdades intrínsecas que carrega em seu bojo, de acordo com o que já foi dito anteriormente. De modo que não existe uma melhor forma de se trabalhar toda a problemática envolvida em sua concepção a não ser explorando fatualmente em seus próprios trechos aspectos correntes na literatura especializada na área.

Outros aspectos que saltam à vista são: a estruturação, a ortografia e a sintaxe próprias aos textos do século XVI. Parece adequado afirmar que existe profundo afastamento, sobretudo no campo da sintaxe, ou seja, a sintaxe dessa época se configura como demasiadamente árida para que, numa primeira e desavisada leitura se apreendam todas as suas especificidades e todo o seu conteúdo.

De modo que, passando ao trabalho da análise dos preceitos propriamente ditos, alguns exemplos foram colhidos no manuscrito e separados por fólios. É necessário enfatizar que se utilizaram caracteres modernos mas se mantiveram algumas características da grafia da época principalmente: o diacrítico ‘~’, a variação ortográfica e a fronteira de palavra (algumas aglutinações de preposições e conjunções se observam ao longo do texto do manuscrito). Os exemplos seguem abaixo:

(1) eomais estado do Brasil - fólho 2

Neste exemplo observa-se ditongação decorrente da aglutinação entre a conjunção ‘e’, o artigo ‘o’ e o advérbio ‘mais’. Se faz necessário examinar outros textos e teóricos que possam elucidar esmiuçadamente esse fenômeno.

(2) mandarprouer - fólho 3

Variação de grafia (-prouer). Em todos os fólhos observados até o momento, alguns caracteres variam: u/v, i/j, o/u, i/e.

(3) Erepartir aterra della ã Capitanias - fólho 6

Aglutinação da preposição ‘e’ e a palavra ‘repartir’ e nasalidade (ẽ), conforme consta em GLP, 2000.

(4) Neltẽ rio grande achou hũ Diogo paes depernambuquo, lingoa do gentio hũ Caftelhano antre os Pitiguoares cõ os beijos furados como elles – fólho 19

O exemplo proposto ilustra de maneira interessante a maneira como o termo estrangeiro foi integrado, o que nos remete ao Capítulo XXIV – ‘Das dições doutras linguas’ (GLP, 2000), ou seja, a palavra estrangeira é reproduzida de acordo com sua realização em língua portuguesa.

(5) Do rio de Camaratibe a Baía da Treiçaõ são duas legoas, aqual esta em seis graos e hũ terço, onde ancoraõ naos françezas e entraõ dos aricifes para dentro.

Chamase esta Baya pelo gentio Pitigouar Acajutibiró, e os portuguezes daTreição por nela matarẽ hũs poucos de Castelhanos eportuguezes que se nesta costa perderaõ - fólho 22

De acordo com a GLP, 2000 neste exemplo podemos identificar os três preceitos supracitados: dições de outras línguas (Pitigouar, Acajutibiró, Camaratibe), nasalidade (Treição, entrão, perderaõ, ancoraõ, hũ) e ditongação (naos, duas, legoas, rio). É lícito afirmar que, graças ao trabalho filológico feito com o texto é possível identificar uma correspondência entre diferentes topônimos reconhecidos e nomeados por diferentes grupos sociais: Acajutibiró pelos potiguaras (designação moderna) e Baía da Traição pelos portugueses. Perfeitamente perceptível é o fato de que sem o manuscrito seria muito difícil chegar a tal nível de detalhamento em relação a esse topônimo, o que se pode afirmar também em relação a outros topônimos presentes ao longo do texto. Finaliza-se a exposição desse exemplo com a colocação pronominal - “por nela matarẽ hũs poucos de Castelhanos eportuguezes que se nesta costa perderaõ” – que se configura como demasiadamente arcaica para os falantes modernos.

(6)Edando suas informações ao Emperador Carlos quinto que ehta em gloria lhe ordenou huã armada dequatro naujos pera cometer ehta empreza , em aqual partio do porto desaõ luar comsua molher , pera hjr pouoar aboca deste Rjo , e ojr conquis=tando por elle asima , oque não ouue effeito, por na mesma boca do Rjo falleçer efte Capitaõ desua doença, Donde sua molher setornou com amesma armada pera Espanha_ - fólho 10

Neste exemplo identifica-se nasalidade (informações, desaõ, não, Capitaõ) e ditongação (ordenou, quinto, effeito, tornou, partio, quatro, sua, gloria). É interessante notar no caso da nasalidade que o diacrítico se posiciona, na cópia do manuscrito

considerado o original, sobre a segunda vogal do ditongo nasal e na GLP, 2000 se posiciona na primeira vogal do ditongo nasal, como se pode averiguar nos exemplos anteriores também. Este pode ser um primeiro indício de que os textos, apesar de pertencerem à mesma época, talvez sejam mais distantes do que uma primeira análise possa sugerir. Tal aspecto se mostra muito interessante e relevante para uma profunda análise do texto do manuscrito em questão.

Ainda nesta citação, percebe-se claramente que o significado da expressão ‘tornar-se’ sofreu uma significativa mudança no período estudado, ainda que em dicionários modernos se encontre a acepção de “regressar, voltar”; mesmo assim esta não é usualmente aplicada, o que pode se configurar como um motivo de falha no entendimento da ideia expressa no texto.

(7) As embarcações de que este gentio usava eram de uma palha comprida como a das esteiras de tabua que fazem em Santarem, a que eles chamaõ Periperi, a qual palha fazem em molhos muito apertados, com huãs varas como vimeis, a que eles chamaõ timbos, que são muito brandas e rijas, e com estes molhos atados em huãs varas grossas faziam uma feição de embarcações, em que cabiaõ dez doze indios, que se remavam muito bem, e nelas guerreavam com os Tupinambas neste rio de Saõ Fran^{co}, e se faziaõ hũs aos outros muito dano – fólho 38

Neste exemplo podem se perceber dições de outras línguas (Periperi, timbos, Tupinambas), ditongação (gentio, esteiras, tabua, feição, guerreavam, indios, rio, outros) e nasalidade (embarcações, feição, Saõ, cabiaõ, saõ). Este seria um exemplo de americanismo léxico: “As embarcações de que este gentio usava eram de uma palha comprida como a das esteiras de tábuas que fazem em Santarém, a que eles chamam periperi”; ou seja, é feita uma adaptação lexical para que se consiga explicar e ilustrar para que leitores distantes e

ignorantes de uma determinada realidade possam fazer alguma ideia daquele contexto específico.

(8)E este rio contente-se por ora de se dizer dele em suma o que for possível neste capítulo, para com brevidade chegarmos a quem está esperando por toda a costa – fólio 41

Neste trecho percebemos que existe ditongação (rio, quem). Este curto excerto ilustra o tipo de estrutura de que fazem uso os textos do século XVI, por essa razão é muito importante compreender a questão da estruturação do texto, para que se entenda esse tipo de estrutura demasiadamente distante do leitor moderno.

(9) Ao longo deste rio vivem agora alguns caetés, de uma banda, e da outra vivem Tupinambas; mais acima vivem Tapuyas de diferentes castas, Tupinaês, Amoupiras, Vbirajaras e Amazonas; e além delas vive outro gentio, não tratado dos que comunicam com os portugueses, que se atavia com Joias de ouro, de que há certas informações”. – fólio 42

É interessante notar a maneira como a tribo dos Tapuias foi subdividida: “mais acima vivem Tapuyas de diferentes castas...”. Neste trecho identificou-se dições de outras línguas (Tapuias/Tapuyas, Tupinambas, Tupinaês, caetés, Amoupiras, Ubirajaras, Amazonas), nasalidade (além, vivem, informações, não) e ditongação (rio, outra, ouro, atavia, Joias, maneira, gentio). Aqui se configura mais um caso em que por meio de uma adaptação lexical se explica uma realidade distante e desconhecida a leitores que ignoram aquele determinado contexto. Este trecho mostra como esses gentílicos são absorvidos no texto, ou seja, a rigor não são palavras de origem portuguesa, não possuem as vozes e dições conforme postulam os demais capítulos da GLP, 2000. Contudo a aproximação de

sentido se faz no momento em que os nomes das tribos são designados como castas.

(10) E hase de notar que, nesta comarca da Bahia, em rompendo aluz da menham, naçe com ela juntamente osol... e em se recolhendo osol atarde, escurece juntamente o dia e farra-se a noite logo; a que matematicos dem razois suficientes que satisfação aquê quiser saber este segredo, porque os mareantes e filósofos que aestaterraforão, nem outros homens de bom juízo não têm atinado até agora com a causa porque isso assim seja. – fólho 156

Neste último exemplo também se encontram os mesmos preceitos que nos exemplos anteriores: nasalidade (menham, satisfação, não, aquê, forão), ditongação (causa, porque, noite, dia). Há muitos casos de aglutinação neste exemplo (aestaterraforão, osol, atarde, aquê, aluz) que deverão ser devidamente aprofundados futuramente.

De modo que, se encerra esta seção considerando que o trabalho de cotejo com a *Gramática da Linguagem Portuguesa* se mostrou muito relevante, de modo que será dada continuidade no sentido de que todos os aspectos abordados pela GLP sejam examinados no texto do manuscrito, compondo assim um capítulo extra no texto final da dissertação. Especial atenção também receberão os inúmeros casos detectados no manuscrito de aglutinação de partículas e diversos itens lexicais; num primeiro momento as informações adquiridas na GLP podem propiciar novos caminhos para a investigação ainda que de pronto não consigam esmiuçar as ocorrências apresentadas neste trabalho.

Dos aspectos gramaticais observados até o momento o que se pode concluir é que dentre os selecionados: nasalidade, ditongação e dições de outras línguas, são os mais abundantes em todo o texto do manuscrito, o que se mostra coerente com a temática e com a tipologia a qual o texto do manuscrito pertence: as crônicas têm por objetivo relatar fatos históricos coetâneos ou próximos ao momento em que o autor escreveu (PAIXÃO DE SOUSA *et.al.*, 2013). Em termos práticos isso significa que o contexto do relato

abarcará, quase que obrigatoriamente, uma série de termos estrangeiros. Também se observou que a nasalidade e a ditongação são dois aspectos correntes da língua portuguesa da época, uma vez que foram observados em praticamente todos os exemplos apresentados.

A comparação desses aspectos gramaticais abordados pela *Gramática da Linguagem Portuguesa* se mostrou muito relevante, pois ambos – a gramática e o manuscrito em questão – se constituem como fontes importantes do *status* que a língua portuguesa ocupava enquanto língua românica, herdeira de uma tradição latina, no contexto ibérico da época.

Sobretudo, o que se mostrou ainda mais relevante do que reconhecer preceitos gramaticais postulados, no limite, por volta de 1536 em um manuscrito não datado escrito em português, foi a ocorrência maciça do diacrítico ‘~’ na segunda vogal do ditongo nasal. Esse é um aspecto que deverá ser devidamente aprofundado pois, conforme supracitado, pode oferecer pistas em relação à origem desta cópia do manuscrito, sobre a qual não se conseguiu colher muitas informações até o momento, por se tratar de uma cópia considerada apócrifa.

Capítulo IV – Transcrição

Este capítulo se ocupará da transcrição de 140 fólios pertencentes ao primeiro manuscrito, “Roteiro Geral...” conforme mencionado anteriormente. É importante dizer que durante fevereiro de 2014 a maio de 2015 frequentei a BBM – USP e pude fazer uma comparação entre as imagens e a cópia manuscrita física

IV.1 Características bibliográficas e materiais

O objetivo principal desta seção é comparar as imagens da cópia manuscrita com a própria cópia manuscrita física e avaliar o grau de fidelidade entre ambos. se é possível fazer a transcrição e o cotejo utilizando-as e que se pode perceber é que é possível cumprir as etapas de transcrição e cotejo partindo das imagens gentilmente cedidas por Fernanda Luciani Trindade, oriundas da época em que pesquisou na BBM – USP.

Esta seção pretende apresentar algumas características bibliográficas materiais tanto das imagens como do manuscrito impresso, pois, conforme dito anteriormente esta pesquisa está concentrada em identificar que papel que esta cópia desempenha na trajetória editorial da obra em questão.

Conforme dito anteriormente, após exaustivo contejo entre as edições impressas póstumas e o texto da presente cópia manuscrita em ambos os suportes (físico e digital), permitiu evidenciar que ambas contém substancialmente o mesmo texto apresentando um alto grau de fidelidade. Levando em consideração o que foi dito ao longo desta pesquisa, realmente Varnhagen teria se baseado em um conjunto de cópias que apresentava o texto muito próximo à cópia que está na BBM – USP.

Como estratégia para facilitar a análise dos fólios transcritos, apresenta-se uma

breve descrição bibliográfica da imagem da cópia manuscrita e fez-se uma breve comparação com o fólio físico no sentido de estabelecer a fidelidade da imagem e ver se as principais características irão se manter.

No Anexo constam as fotos da caixa onde fica guardado o manuscrito, da lombada, da caixa, da cópia manuscrita física, da lombada da cópia manuscrita, dos selos Ex-Libris da Newberry Library e das imagens dos fólhos.

Considerando o fato de haver poucas informações sobre a presente cópia manuscrita em questão, deve-se considerar alguns aspectos verificáveis visualmente tais como: luminosidade nas imagens, ausência de marca-d'água no manuscrito físico e etc.

No caso das imagens, a luminosidade pode exercer papel preponderante. Outro aspecto importante é: a última linha das imagens em geral aparece um tanto quanto desfocada, sobretudo a última palavra, isso pode afetar a análise de alguma forma. Até esse momento da análise parece que essa falta de foco ao final da imagem de cada página não ocorre no início da página, ou seja, o foco da imagem não é uniforme.

No manuscrito impresso, as linhas obedecem uma determinada regularidade na mesma página, entretanto isso varia de página para página. É possível notar que há uma variação da quantidade de texto escrito de fólio para fólio. Essas características podem ser observadas nas imagens dos fólhos que constam na próxima subseção.

Quanto às imagens, pode-se observar que são fiéis, no entanto o detalhamento grafemático pode se perder um pouco, mas de acordo com a comparação das edições póstumas não houve perda da essência do grafema, houve trocas de o/u, i/j, vários tipos de 'e', 'r', 's', 'z' variação no tamanho de maiúsculas e minúsculas, entretanto essa essência grafemática se manteve a ponto de se poder dizer que se tratam de um mesmo determinado grafema.

Outro aspecto interessante: notou-se que o grafema assume uma determinada forma de acordo com a posição que ocupa no manuscrito, ou seja: em final de palavra e linha. O que permite concluir que a variação grafemática pode ocorrer em certa medida em função da posição do grafema/da palavra em relação ao texto de acordo com o suporte.

Vale lembrar que esta subseção também se desenvolverá quando a transcrição finalizar e também fará parte do texto final da dissertação.

Imagens e Transcrição – normas

A transcrição se mostrou extremamente importante para compreender de que maneira as alterações foram feitas por Varnhagen, o que possibilita compreender profundamente os desdobramentos de tais alterações nos textos que compõem as edições impressas.

Como normas da transcrição, optou-se por padronizar a grande variedade grafemática, eventuais dúvidas se resolveram com as edições impressas. Optou-se por uma transcrição uniformizadora (CAMBRAIA, 2005), mantendo-se apenas o diacrítico que marca a nasalidade na segunda vogal do ditongo e espaçamento entre letras, palavras e expressões, pois essas duas características serão estudadas com maior profundidade no texto final da dissertação. As abreviaturas não foram desenvolvidas, pois também serão estudadas em virtude de apresentarem um sinal gráfico similar ao da nasalidade.

Quanto à variação grafemática ('s' longo, ligaduras e etc.) foram uniformizados, pois o objetivo é entender as modificações aplicadas ao texto, além disso, conforme dito anteriormente, obter também uma listagem com os topônimos e antropônimos, de modo que isso torna necessário trabalhar com uma versão uniformizada do texto.

IV. 2 Transcrição

Fólio 1

Roteiro geral com largas informações de toda a Costa,
que pretende/pertence ao estado do Brasil, e a descrição=
ção de muitos lugares della especial
mente da Baía de todos os_
⁵Sanctos.

Epistola do Author a Dom Christouão de Moura.

Obrigado de minha curiosidade fiz por espaço de sesete annos que recedey
no estado do Brasil muitas lembranças per escrito do que me pareceo digno
denotar , as quaes tirej alimpo nesta corte em este Caderno em quanto a
dilação de meus requerimentos me deu pera isso lugar , ao que me dispuz
entendendo conuir ao Seruiço delRey nosso senhor, e a compadecimento da
pouca noticia que nestes Reynos setem das grandezas, e estranhezas desta
Prouincia : No que anteparey alguas uestes mouido do conhecimento de mi-
mesmo , entendendo que as obras que se escreuẽ não tẽ mais Valor que o
da reputação dos Authores dellas : mas como minha intenção não foj
escreuer historia, que delejtasse cõ estillo, e boa lingoagem não espero
tirar louuor desta escriptura , e breue Relação, em que se contẽ o que pu-
de alcançar da Cosmographia , e descrição deste estado que a Vossa Snoriã
ofereço E me fara merçe ajeitalo como esta merecendo a Vontade cõ que
ofaço , passando pellos desconçertos della , pois a confiança disso me fez
suaue o trabalho , e tempo que ão escreuer gastey , de cuja substancia
se podem fazer muitas lembranças a sua magestade pera que folgue de aster

Fólio 2

deste seu estado, pera o engrandeçer como esta merecendo aquem
Vossa senhoria faça dar avalia que lhe he devido pera os moradores
delle rogarẽ a Nosso senhor guarde amuj illustre pessoa de Vossa Senhoria
elhe acrescente aVida por muitos annos _ em Madril ao primeiro
demarço demil Equinhentos Eoitenta Esete ____

Declaração do que secontẽ
neste Caderno ~.

Como todas as cousas tem fim conuẽ quetenhaõ principio, ecomo o deminha
pretenção he manifestar agrandeza, fertilidade, e outras grandes par=
tes , que tem a Baÿa detodos os Sanctos , eomais estado do Brasil de
que se os Reÿs passados tanto descuidaraõ, a ElRey Nosso senhor conuem
E ao bem dese u seruiço , que lhe mostre por estas lembranças, os gran=
des mereçimentos deste seu estado, as qualidades E estranhasas -
delle pera que lheponha os olhos ebafeje cõ oseu poder cõ oqual se
engrandeça, eestenda cõ afelicidade cõ que se engrandeçeraõ to:
dos os estados que Rejnaõ de baixo desua proteição, por que esta
muj desemparado depois que elRey Dom João oterçeiro passou desta
Vida pera a eterna , oprincipiou comtanto Zello que pera o engrã:
deçer metteo nisso tanto cabedal como he notorio, oqual seViuera mais
dez annos deixara nelle edificado mujtas Cidades, Villas eforta:
lezas muj populozas , o que se não effeituou depois dese u fallecimento,
antes se arrujnaraõ alguãs pouoações , que em seu tempo se fizerão
em cujo repajro, eacrecentamento estara bem empregado todo
o cuidado que sua Magestade mandar ter deste nouo Rejno pois

Fólio 3

esta capaz perase edificar nelle huũ grande imperio, oqual cõpouca despeza destes Reynos sefara taõ soberano , que seÿa huũ dos estados do mundo , porque tem de costa mais demil legoas como seVera por este tratado no tocante a Cosmographia delle cuja terra he quasi toda muj fertil , muj saidia fresca lauada de bõs ares, eregada defrescas , efrias agoas , pella qual costa tem muitos muj seguros e grandes portos , pera nelles Entrarem grandes armadas cõ mujta facilidade, pera as quaes tẽ mais quantidade demadejra, que nenhuã parte do mundo , eoutros muitos aparelhos pera se poderem fazer~ Heesta prouincia muj abastada demantimentos demuitta substan= çia emenos trabalhosos, que os dehespanha , daõse nella mujtas carnes assj natura es della , como das deportugal , Emarauilhosos pescados ondese daõ melhores algodoeê que em outraparte sabida, emujtos açuquares taõ bõs como na Ilha damdejra , tẽ muito pao deque sefazem as tintas , emalguãs partes della sedatrigo , çeuada evi= nho mujto bem , e em todas todos osfruitos esementes de Hespan= ha , do que auera muita cantidade sesuamagestade mandarprouer nisso com instançia, eno descubrimento dos metaẽs que nesta terra há porque lhe não falta ferro , aço , cobre , prata , ouro esmeraldas, Christal , emuito salitre , em cuja costa sae domar muito ebõ ambar , edetodas estas cousas podẽ uir todos os annos aestes Reynos tã ta abastança , que se escuzẽ asque vẽ aelles dos estrangeiros , oquese pode facilitar sã sua Magestade meter mais cabedal neste estado, que o Rendimento delle nos primeiros annos cõ oque opodemandar fortificar , eprouver donecessario asua defesaõ , o qual esta oÿe ãtamanho perigo , que se nisso caÿrem os Cossarios cõ muitapequena armada

Fólio 4

Sesenhorearão desta prouincia , por Rezaõ deanõ estarẽ aspouoações
della fortificadas nẽ terẽ ordem com que possaõ resistir, aqual quer
afronta que se oferecer , do que viuẽ os moradores dellas taõ temorj
Zados que estão sempre cõ ofato entrouxado perase recolherẽ para
omato. como fazẽ com avista de qual quer nao grande temendose
serẽ Cossajrios , e aesta afronta deuja sua Majestade mandar acudir com
muita breuida de pello perigo que hana tardança oque naõ cõvẽ
que aja , por que se os estrangeiros se apoderarẽ desta terra, custara
muito lançalos fora della pelo grande aparelho que tẽ peranella
se fortificarem com o que se inquietara todo Hespanha e custara
avida de mujtos capitaẽs, esoldados, e muitos milhoẽs douro E mar=
madas E no aparelho dellas., Ao que agora se pode atalhar acudir=
dolhe cõ apresteza deujda , enaõ se cre que sua Majestade naõ tenha a
cudido aisto por falta de prouidença pois lhe sobeja pera as maiores
empresas do mundo, mas de informação do sobredito , que lhe naõ
tem dado , quẽ disso tem obrigação . e como aeu tambẽ tenho dese
leal Vassallo satisfaço da minha parte cõ oque se contẽ neste memo
rial que ordenej pella maneira seguinte~

Cap.º primr.º em que se declara
quem foraõ os primeiros descubri
dores da prouincia do Brasil E
Como esta arrumada

(A prouincia o Brasil está situada além da linha Equinoctial
da parte do sul, debaixo da qual começa della a correr Junto do Rio)

Fólio 5

que se dis das Amazonas, onde se principia o norte dalinha da demar= cação , erepartição , evaj correndo esta linha pello sertão desta pro= uinçia té corenta eçinco graos poucomais ou menos. esta terra sedes cubrio aos vinte equatro dias domes de Abril demil Equinhe~tos años por pedralvarez Cabral, que neste tempo hã por Capitaõ mor pera aIndia pormandado delRey Dom Manuel , em cujonome tomo up osse destaprouinçia , onde agora he acapitania deporto seguro no lugar em que ja esteue avilla de Sancta .+. que assj sechamou per se aqui arourar huã muito grande pormandado de pedralvarez Cabral ao pee daqual mandou dizer no seu dia atres demajo huã solene missa com muita festa pelo qual respeito se chamou avilla do mesmo nome , e a prouinçia mujtos annos foi nomeada por desancta .+. e de muitos anoua lusitania, epera solenidade desta posse plantou este Capitaõ no mesmo lugar huũ padraõ com as armas deportugal dos que tra= zia pera odescubrimento daJndia pera ondeleuaua sua de Rota. Aestas partes foi depois mandado por sua Altza gonçalo Coelho_ com tres Carauellas darmada , pera que descubrise esta Costa com as quaẽs andou por ella mujtos mezes buscandolhe osportos, eRjos, em muitos dos quaẽs entrou easentou marcos, dos que peraeste descubrimento leuaua no quepassou grandes trabalhos polla pouca experieñcia einformaçã que se ate entaõ tinha do como ha Costa corria edo curso dos Ventos com que senauegava , e reco= lhendose gonçalo Coelho com perdade dous naujios com as infor= maçoẽs quepode alcançar, as Vejo dar a ElRey Dom Johaõ oterceyro, que ja neste tempo Rejnaua , oquallogo ordenou outra armada de Carauellas , quemandou a esta conquista, aqual entregou A

Fólio 6

Christovão Jaquez fidalgo desua cassa , que nella foj por capitaõ
mor , oqual foi continuando no descobrimento desta Costa , Etrabalhou
huũ bom pedaço sobre a clarar anauegação dela eplantou em muitas
partes padrois que pera isto leuaua contestando com a obrigação
deseu Regimento ; Eandando correndo aCosta foi dar com aboca
da Baÿa , aque pos nome detodos os sanctos, polla qual entro u
dentro , eandou especulando por ella todos os seus Reconcauos,
Em huũ dos quaes a que chamaõ o Rjo deParagoaçû achou
duas naos francezas que estauaõ anchoradas , resgatando cõ ogentio,
com as quaes sepos as bonbardadas , eas meteo nofundo , cõ oque
s esatisfez , erecolhendose pera o Reÿno , onde deu suas enformações
asua Altza que com ellas, e com asprmeiras, e outras , que lhe
tinha dado PeroLopez desousa, que por esta costa tambem tinha
andado , cõ outra arnada , ordenou de fazer pouoar esta prouin=
cia , Erepartir aterra della ã Capitanias per pessoas que se o=
fereçiam a meterem nisso todo o Cabedal desuas fazendas , doque
faremos particular menção em seu lugar ~.

Cap.º Zº. emque sedeclara are
partição que fizeraõ os Reÿs Ca
tholicos de Castella cõ elRej Dõ
Joaõ o Zº de portugal

Perase ficar bem entendendo onde demora , ese entende o estado
do Brasil conuem , que em summa de claremmos como se avjeraõ

Fólio 7

os Reys na repartição desuas Conquistas o que se fez per esta maneja .
Os Reys Catholicos de Castella , Dom fernamdo , e Donna Isabel.
sua molher, tinhaõ começado aentender, no descubrimento das Jn=
dias occidentais e alguas Jilhas , e porque esperauaõ de hÿr este.
descubrimento , emtanto crecimento comofoÿ por atalharẽ as diferẽ =
ças que sobre isso sepodiaõ offereçer concertaraõse cõ ElReÿ Dom
Joaõ o Zº , dePortugaL que fizesse huã repartição liquida pera cada
huũ mandar conquistar pera asua parte liurementem sem escrupu=
lo deseprejudcarẽ _ e a ccordados os Rejs desta maneira deraõ cõta
deste conçerto ao Papa.que allem d eo approuar , o louuou muito, ´ecõ=
mo tiueraõ o Consentimento desua Sanctidade ordenaraõ aRepartição
desta concordância , fazendo balança na Jlha do Cabo Verde de
Balrraunto , mais occidental , que se entende a d e Sancto Antaõ,
econtando della vinte chuũ grao, e mejo Equinoctial, de. 17.legoas,
emea cadagrao, elancada daqui huã linha meridiana de Norte
sul que ficassẽ as Jilhas , eterras queestauaõ por descobrir pera a
parte do Oriente da Coroa deportugal . e lançada estalinha mensal
como esta declarado , fica oestado do Brasil dadita Coroa , oquaL
se começa allẽ daponta , do Rjo das Amazonas dabanda do Este
polla terra dos Charybas dondeseprinçipia o Norte destaprouinçia
e ÿndo correndo estalinha pello Certão della ao sul, parte o Bra=
sil, EConquista delle Jnda allem da Baÿa desaõ Matthias , por
corenta ecinco graos , pouco mais ou menos , distantes dalinha e_
quinocail, e altura do Polo Antartico= epor esta conta, tẽ A.
Costa mil , ecincoenta legoas como pellas Cartas sepodeuer segundo
aopiniaõ depero Nunẽz que nesta arte atinou millhorque todos os deseutempo~

Fólio 8

Cap. 3.º enque se declara oPrincipio donde começa acorrer a Costa do Estado do Brasil

Mostrase claramente, segundo oque se contem neste capitulo atras, que se começa a Costa do Brasil, alem do Rjo das Amazonas da banda de Oeste, polla terra que se diz dos Carjbas do Rjo de Vicente Pinson, que mora debaixo dalinha Deste Rjo deVicente Pinson aponta do Rjo das Amazonas , aque chamaõ o Cabo corso, saõ quinzeLegoas , aqual ponta esta debaixo dalinha Equinoc=tial_ Desta ponta do Rjo a outraponta da banda de leste saõ trinta E seis legoas , e aomar doze legoas da boca deste Rjo estaõ desesete Ilhas , as quaẽs demorão Em altura, de huũ terço degraõ da banda do sul . estas Ilhas se mostram na carta mais chegada a terra oque he erromanifesto . Nestas Ilhas ha bõs portos , para sugirem naujos , mas pera bem haõse de buscar debaixo mar , nordeste sudueste , por que nesta coniunção se descobre melhor oCanal_ A este Rjo chama o gentio mar doce , por ser huũ dos majores do mundo , oqual he mujto pouoado de gentio domestico , e bem acondicionado, e segundo a informação , que se deste Rjo tem , uem do Certaõ mais de mil legoas, ate o mar; pello qual ha muitas Ilhas grandes , e pequenas , quasi todas pouoadas de gentio de diferentes naçoẽs , e costumes , e mujto delle custuma pelejar com frechas eruadas , mas toda agente que por estas jlhas vivẽ anda deseida , ao modo do mais gentio

Fólio 9

do Brasil, em saõ dos mesmos mantimentos, emujta parte dos
seus Custumes e na boca deste Rÿo , e por elle açima alguas
legoas com parte da Costa da banda de leste , hepouado de
tapuÿas , egente branda, emais tractauel, edomestica,
que omais gentio, que há na Costa do. Brasil , de cujos custu=
mes, diremos ao diante emseu lugar.

Cap.4º emquese diz em sũma
algumãs informaçoẽs que setem
deste Rjo das Amazonas~

Como não ha cousa que se emcubra aos homeês , que querẽ cometer grã-
des emprezas não pode estar emcuberto , este Rjo domar doce ou das
Amazonas ao CapitãoFrancisco Darelhana, que andando na cõ
quista doperú, em companhia do governador francisco Pissarro , ejndo
por seumandado com certa gente de Cauallo descobrindo a terra, en=
trou por ella dentro tanto espaço , que se achou perto donaçimento deste
Rÿo evendoo tão caudaloso, fez Junto delle Embarçaçoẽs segundo ,
o custume da quellas partes , em as quaẽs seembarcou com agente
quetrazia , e se veÿo por esteRÿo abaixo , ã o qual seouuera deper=
der por levar grandefuria , ecorrenteza , ecommuito trabalho tor=
nou atomar porto;em pouoado,na qual jornada teue muitos encontros
deguerra cõ ogentio, e cõ huã grande exercito demolheres, que
com elle pelejaraõ , com arcos, efrechas , donde o Rÿo tomou , nome das
Amazonas . e liurandose este Capitão desteperigo e dos mais por

Fólio 10

onde passou, uejo tanto por este Ryo abaixo, te chegar ao mar, edelle
foiter ahuã jlha que se chama margarita, donde se passou a es=
panha, edando suas informações ao emperador Carlos quinto,
que esta em gloria lhe ordenou huã armada de quatro naujos
pera cometer esta empreza, em aqual partio do porto de saõ lucar
com sua mulher, pera hyr pouoar a boca deste Ryo, e ojr conquis=
tando por elle asima, oque não ouue effeito, por na mesma boca
do Rjo fallecer este Capitão de sua doença, Onde sua mulher
se tornou com a mesma armada pera espanha_

Em este tempo pouco mais ou menos andaua Correndo
acosta do Brasil, em huã Carauella como aventureiro, luis de me=
lo da sylua filho do Alcaj demor de Eluas, oqual querendo passar
de pernambuco desgarrou com o tempo, e as agoas, por esta Costa
abaixo, eujndo correndo a Ribeira, entrou no Ryo do Maranhão,
eneste das Amazonas, de cuja grandeza se contentou muito,
etomou lingua do gentio de cuja facilidade ficou satisfeito, e_
muito mais, das grandes informações que na Jlha da margarita
lhe deraõ alguẽs soldados, dos que alj achou, que ficaraõ da Com=
panhia de francisco darelhana, os quaeẽs facilitaraõ, aluis de
Mello, a nauegação deste Rjo, e que com pouco cabedal, e trabalho,
acquiriria por elle acima muito ouro, e prata, do que moujdo
luis de Mello sevejo a Hespanha, e alcançou licença delRej Dõ
João oterceyro de Portugal pera armar a sua Custa, e cometer .
esta empreza, pera oquase fez prestes na cidade de lizboa,
e partio do porto della com tres naos, Eduas Carauellas, cõasquaẽs
seperdeo nos baixos do Maranhão cõ amor parte da gente que

Fólio 11

leuaua, e elle com algũs homẽs escaparaõ nos bateis e huã Carauela
em que foi ter as Antilhas , e depois deste fidalgo ser emPortugaL,
sepassu aJndia onde acabou valerosos feitos. eujndosepera o Rejno
muito rico e com tenção detornar acometer esta Jorna da a cabou
no caminho, em a nao saõfrancisco , que desapareçeo sẽ ate oje se
saber nouas della~

Cap.5º que declara á Costa daponta do Rjo
das Amazonas ate o do Maranhão

Aponta de leste do Rjo das Amazonas esta ẽ hũu grao da banda do
sul desta ponta ao Rjo dalama saõ trinta e cincoLegoas , o qualesta
em altura de huũ grao etres quartos e aJnda que esteRjo se chame
dalama podem entrar por elle dentro e estar ẽ mujto seguras de
todo o tempo, naos deduzentos tonejs , o qual Rjo entra pellaterra
dentro muitas legoas, deste Rjo aPonta dos baixos saõ noue legoas , o
qual esta na mesma altura, dehuũ grao e tres quartos . Nestapõta
ha abrigada, pera os barcos da Costa poderẽ ancorar Daponta
dos baixos aponta do Rjo do Maranhão saõ dez legoas , onde chega
aserra escaluada , ẽ entre ponta, eponta tẽ a Costa algũas abriga=
das, ondepodẽ ancorar naujos da Costa, aqual ponta esta ẽ dous
graos da banda do sul. Atequi se Corre aCosta Noroeste sueste,
Etoma da quarta de leste o este . Desta ponta doRjo aoutra ponta
saõ dezesete legoas , aqual esta em altura de dous graos , Etres
quartos, Tem este Rjo do Maranhão naboca entreponta Eponta

Fólio 12

dellas pera dentro huã Jlha que se chama das vaccas, que sera detres legoas, onde esteue Ayres da Cunha , quando seperdeo com a sua armada nestes baixos. Eaquinesta Jlha estiueraõ tambem os filhos deJoão deBairros, Eatiueraõ pouoada, quando setambem perderaõ nos baixos desteRjõ onde fizeraõ pazes com o gentio . tapuÿa quetẽ pouoda parte desta costa, Epor este Rjo açima ondemandauaõ Resgatar mantimentos, Eoutras coussas pera ,Remedeo desua mãtença. Por este Rjõ entrou huã Baraõ meirinho Piloto da Costa cõ huã Cara uellaõ, efoi por elle açima alguãs vinte legoas, onde achou mujtas Jlhas cheas de Aruoredos, eaterra dellas alcantillada cõSufruiel fundo, oqual faz muitos braços em que entraõ outros Rjos que semetem neste, oqual afirmou ser toda aterra fresca chea de Aruoredos, Epouoada de gentio, easJlhas tambem neste Rjo entra odo Pjnare que vem demuito longe, Pera seentrar neste, Rjõ do Maranhão uindo domar emfora hãose de chegar bẽ aterra daponta da banda do leste por fugirẽ dos baixos, e do Aparsellado, e quẽ entrar por antre ella, eaJlha entra seguro~ quẽ oouer de hÿr deste Rjõ doMaranhão pera o dalama ou pera o das Amazonas , hase delançar por fora dos baixos cõ asonadana mão, enaõ vapor menos dedoze bracas. Porque esta Costa tee qui dez legoas ao mar uaza , Eenche nella a mare mujto depressa_ e emconiunção deluã tẽ Macarcus , mas pera bem não se ade cometter oCanal denenhũ destes Rjõs senaõ debaixa mar na Costa, o que sepode fazer pela luã , o que conuẽ que seja pellos granes perigos quenestas entradas seofferecẽ , assÿ dos macarcos como por espraÿar , Eesparçelar omar oÿto

Fólio 13

edez legoas deterra, pello que he forçado chegarse aterra debaixo.
mar, pois então se descobre oCanal mujto bem . E neste Rÿo do Mara=
nhaõ não pode entrar por este respeito naujos grandes _

Cap.6º emquesedeclara a Costa do Ryo do
Maranhaõ Te o Ryo grande

Atras fica dito como aponta do sueste do Rjo do Maranhão que
se chama a esparselada esta em dous graos etres quartos . desta
ponta á Baÿia dos sanctos são trezelegoas , aqual esta na mesma
altura. esta Baÿia he muito suja Etem algũs Jlheos , mas tambem
entraõ nella naujos da Costa hondetem surgidoiro Eboa abrigada
Emaneira perase fazer agoada nella . Desta Baÿa dos Sanctos ao
Rÿo deJoão delixboa são quatro legoas oqual esta na mesma altu=
ra , onde tambem entraõ Carauelois , por terem nelle grande abrij=
gada . Do Rÿo deJoão delixboa a Baÿa dos Reÿs são noue legoas
aqual esta em dous graos . nesta Baÿa estaõ alguaê Jlhas ala=
gadas damare deagoas Viuas por entre as quaeê entraõ Caraueloês
Esurgem auontade . Desta Baÿia ao rio do mejo são dezeste
legoas . o qual esta na mesma altura de dous graos , onde tambem
Entraõ Caraueloes . antre este rio e a Baÿa dos Rejs entra outro
Rjo quese chama, do Parçel onde tambẽ os naujos da Costa tem boa
cõlhejta . Deste rio domejo aBaÿa de anno bom são honze legoas
a qual esta na mesma altura dedous graos onde entraõ naujos
da Costa Etem muito boa cõlheita . a qual Baja tem huã grande

Fólio 14

Baixa no mejo, edentro nella sevem meter no mar o rio grande dos Tapuñas quese nauega hũ grande pedaço pella terra dentro EVem demuitolonge. o qual se chama dos Tapuñas por elles Virem por elle abaixo em canoas amariscar ao mar desta Baÿa . Da qual a Baÿa da coroa são dez legoas E esta na mesma altura , onde entrão Esurgem Carauelloes da Costa Da Baÿa da coroa ate o Rjo grande são tres legoas onde Começaremos o capitulo que se segue, eCorresse acosta ate qui leste oeste_.

Cap.7º emque se declara a Costa _
do Rjo grande ate ode Jaguoariue ~

Comofica dito o rio grande esta em dous graos daparte do sul, o qual uem de muito longe Etras muita agoa por se meterẽ nelle muitos Rjos , Esegindo a enformação do gentio naçe de huã a lagoa emque se afirma acharenses muitas perolas, Perdendose auera dezasseis annos huũ naujio nos baixos do Maranhão, dagente que escapou delle que veio porterra afirmou huũ Nicolas de Rezende desta companhia que a terra toda aolôgo do mar ate este rio grande era escaluada amor parte della, Eaoutra chea depalmars brauos; Eque achara huã alagoa muito grande que seria deVinte legoas pouco mais oumenos. Eque ao longo della era aterra fresca . E cuberta dearuoredo: Eque mais adiante achara outra mujto major aque não Vira ofim, mas que aterra que vezinhaua com ella era fresca E escaluada Eque em huã Eoutra auja grandes pescarias

Fólio 15

do que se aproueitauão os Tapujas que viuiaõ por esta Costa; ate
este rio grande, dos quaeê disse que recebera com os mais companh=
ejros bomtratamento . Neste rio grande entraõ naujos da Costa
Etem nelle boa cõlheita, oqual se nauega com barcos alguãs le-
goas . Deste rio grande ao dos negros saõ sete legoas. o qualesta
em altura dedous graos Ehũ quarto. Edo rio dos negros as bar=
reiras uermelhas . saõ seis legoas que estaõ namesma altura E
em huã parte Eoutra tem os nauios da costa surgidouro. E abrigada.
Das barreiras uermelhas â ponta dos fumos saõ quatrolegoas a
qual esta em dous graos e hũ terço . Desta ponta ao rio da .+. saõ
sete legoas Eesta em dous graos emeio, em o qual tambem tem Co=
lheita os naujos da Costa. afirma o gentio que nace este rio de huã
alagoa ou deJunto della, ondetambem se criaõ perolas. Echama-
se este rio da.+ . por que se metem nelle perto domar dous riachos
emdereito huũ do outro como quefica agoa em Crus. deste rio
ao do parsel saõ oito legoas . o qual esta emdous graos emejo efase
na boca deste rio huã Baja toda esparss clada . Do rio do parsel,
â enseada de Macoripe saõ onzelegoas Eesta na mesma altura,
aqual enseada e muito grande. e ao longo della nauegaõ naujos
da Costa . mas dentro emtoda tem bom surgidouro Eabrigo . eno
Rjo das ostras quefica entre esta enseada ea doparssel o tem
tambem . Da enseada de Macoripe ao monte deli . saõ quinze
legoas, Eesta emaltura de dous graos, edous terços , ondeha
porto E abrigada pera os naujos daCosta, eentre esteporto Eaen=
enseada de Macoripe tem os mesmos naujos sorgidouro Eabri=
go no porto quese dis dos parseis . Do monte deli ao rio de

Fólio 16

jagoarine são dez légoas oqual esta em dous graos Etres quartos .
Ejunto da barra deste rio semete outro nelle que se chama o rio
grande que he extremo entre os Tapujas Eos Petiguores. Neste
Rjo entraõ naujos onsto porte ate onde se corre acosta leste
oeste: Aterra daqui ate o Maranhão he quasi toda escalua=
da Equem qui sser navegar por ella Eentrar em qual quer
porto dos nomeados, hade entrar neste rio deJagoariue por
entre os baixos Eaterra, por que tudo ate o Maranhão defron
te da costa são baixos, Epode nauegar sempre por entre
elles E*aterra por fundo destres braças, Eduas Emeia a
chando tud olimpo, Equanto se chegar mais aterra, acha=
ramais fundo. Nesta boca deJagoariue esta huã enseada
onde naujos detodo porte podem ancorar , E estar seguros=

Cap.8º emque sedeclara acosta _
do Rjo deJagoariue ate o Cabo
Desaõ Roque.

Do Rjo deJagoariue deque setrata asima ate a Baÿa dos a-
rreçifes são oito legoa oqual demora em altura detres graos.
Nesta Baja se descobrem debaixa mar muita sfontes gran=
des de agoa doce muito boa, onde vem beber os pexes bois´ de
que aqui ha muitos que se mataõ arpoandoos . assi o gentjo
Pitjguoar que aqui uizinha como dos Carauelloes da Costa
quepor aqui passaõ desguarrados, onde achaõ bom sorgidou=
ro Eabrigada . Desta Baja ao rio desaõ Migel são. 7. legoas

Fólio 17

oqual esta em tres graos e huũ quarto. Na barra destério esta huã Jilha de aruoredo que lhefaz duas barras: enaponte delle he o cabo corso . em o qual entraõ Esurgem por qual quer destas Barras os nauios da costa ávontade. Deste rio á Baÿa das tarugas são ojtolegoas, aqual esta em altura detres graos E dous terços , em aqual os nauios da costa surgem por acharem nella boa abrigada. Desta Baja ao rio grande são quatro legoas, oqual esta em altura de quatro graos, Este rio tẽ duas pontas saidas ao mar Eentre huã Eoutra huã Jlheta que lhe faz duas barras pellas quaẽs entraõ nauios da Costa . Defronte destè rio se comessaõ os baixos de sãoRoque . Deste Rÿo grande ao cabo desaõ roque são dez legoas, o qual esta em altura dequatro graos E hũ seismo . Antre este cabo eaponta do rio grande, sefaz dehuã ponta â outra agram Baja cuja terra he boa E cheia de mato, em cuja ribeiraaolongodo mar se acha muito sal feito . Defronte desta Baja estaõ os baixosde são Roque, os quaẽs arrebentaõ emtres ordenês . entrassenesta Baja por sinco canais que uem ter ao canal que esta entre huũ areçife, Eoutro, polos quaes se achafundo de. 2, 3, 4, E, 5, braços por onde entraõ os naujos da Costa aâ Vontade_

Cap.9º. emque sedeclara a costa docabode
sao Roque ate o porto dos Buzios~

Do cabo de sãoRoque â ponta de goaripari são seis legoas aqual

Fólio 18

esta em quatro graos. E huũ terço, onde acosta he limpa
E aterra escaluada, de pouco aruoredo Esem gentio. Degoarapari â
enseada da Jtapitanga são sete legoas, aqual esta em quatro
graos Etres quartos, Daponta desta enseada â ponta dega=
arapari são tudo ariçifes, e entre elles Eaterra Entraõ ,
Naosfranças Esurgem nesta enseada â uonta de, sobre ,
aqual esta huũ grande medãs darea. Aterra por aqui ao
longo domar esta despouoada degentio por ser esteril E
fraca . DaJtapitanga ao rio pequeno aque os Jndios chamaõ
Bapique são oitolegoas , oqual esta em cinco graos E huũ
seismo. Neste rio entraõ chalupas francezas aresgatar
com o gentio ecarregar do pao datinta , as quaeê são das
Naos que serecolhem na emseada da Jtapitanga ; Andando
osfilhos deJoão deBairros correndo esta costa despois que
seperderaõ , lhematarão neste lugar os pitiguoares cõfa
uor dos francezes emduzidos delles sertos homenê. Deste
Ryo Pequeno ao outro rio grandesão tres legoas oqual
esta em altura de sinco graos e Ehuũ quarto . Neste rjo
grande entraõ Epodem entrar naos detodo porte porque
tem na barra fundo de dez, oito, ate seis braças , centra-
se nelle como pello ariçife depernambuco por ser da mesma
feição. Tem este rio huã baixa aentrada da banda do
Norte onde corre á goa muito avazantea Etem dẽ tro
alguãs Jlhas de mangues, pelo qual uaõ barcos por elle
²⁵asima quinze e vinte legoas e vem Evem de muitolonge , Esta
terra do rio grande hemuj sofriuel pera este rio se auer

Fólio 19

depouoar em o qual se metẽ muitas ribeiras em que se podem
fazer engenhos dasuquar . Pelo çertaõ deste rio hamuitopao
datinta onde osfrãçezes ouaõ carregar muitas vezes . Do rjo
grande ao porto dos buzios são dez legoas . Eesta em altura de
sinco graos edous terços , entre este porto eo rio estaõ hũslanco
is dearea como os da tapoam junto da Baÿa deto dos os sanctos,
Neste rio grande achou hũ Diogo paes depernambuquo, lingoa
do gentio hũ Castelhana antre, os Pitiguoares cõ os beijos fura
dos como elles, entre os quaes andaua auia muito tempo , o qual
se embarcou em huã nao pera frança por que seruia delingoa
aosfrãçezes antre ogentio nos seus resgastes. Neste porto .
dos buzios entrão Carauellajs da costa em hũ riacho que neste
lugar se uem meter no mar~

Cap.10. em que se declara aterra ecosta do
porto dos buzios ate a Baÿa da treisaõ ecomo
João de Barros mandou pouoar asua Capitania

Doporto dos Busios a Itacoatijara são noue legoas. este rio se cha
ma deste nome por estar em huã ponta delle huã pedra dafeição.
depipa como Jlha aque ogentio por este respeito pos este nome, que
quer dizer porto dapipa , mas o proprio nome do rio he garatuj o
qual esta em altura desejs graos. Antre estaponta E o portodos
Busios esta aenseada da Tabatingua,onde tambem ha surgidou=
ro eabrigada pera nauios, onde detras daponta custumaõ anco-
rar naos francezas Efazer sua carga depao datinta. De

Fólio 20

Jtacoatiyara ao rio de Goaramataj são duas legoas oqual
esta em seis graos esforcados. De Goaramataj ao rio de Cara
matiue são duas legoas, oqual esta em seis graos, e hũ quar-
to e antre hum e outro rio esta aensea da de Aratipicaba. on-
de dos ariçifes pera dentro entraõ naos françezas, Efazem
sua Carga. Deste porto pera baixo pouco mais ou menos se En-
tende a Capitania deJoão deBarros feitor que foi da Cassa
daJndia, aque ElRey Dom João o terceiro deportugal fez merçe
de sincoenta legoas de Costa, partindo com aCapitania
depero lope s desousa detamaraqua. Dezejosso João debarros
dese aproueitar desta merçe fez asua custa huã armada de
naujos emque embarcou muitos moradores comtodo o necessa-
rio per as epoder pouoar estasua Capitanja em a qual mãdou
dous filhos que partiraõ com ella do Porto delixboa Esegü'j=
uindo sua viagem embusca daCosta do Brasil foraõ tomar
terra Junto do rio do Maranhão em cujos baixos seperde=
raõ. Deste naufragio escapou muita genté cõ a qual osfilhos.
deJoão deBarros serecolheraõ em huã Jlha que esta na bo-
ca deste rio doMaranhão ondepassaraõ muitos trabalhos
por senaõ poderem comunicar desta Jlha com os morad o resda
Capitania de pernambuquo, E das mais capitancias, os quae s
despois de gastarem alguis annos despouoaraõ Esevieraõ
pera este Rejno. Nesta armada e em outros naujos que João
de Barros despois mandou por sua conta em socorro deseus
filhos . gastou muita soma de mil Crussados. sem desta despe-
za lhe resultar nenhũproueito . e comofica dito atras . tãbem

Fólio 21

lhemataraõ os Pitiguoares muita gente, ondes chama o rio pequeno

Cap.11 em que se declara a costa da Baja

Da Treição ate a Paraiba~

Do rio de camaratibe â Baja datreição são duas legoas, a qual esta em seis graos e hũ terço, onde ancoraõ naos francezas e entraõ dos ariçifes pera dentro. Chamase esta Baja pelo gentio Pitigũoar Acajutibiro, e os portugueses datreição por nela matarẽ hũs poucos de Castelhanos Eportuguezes que se nesta costa perderaõ. Nesta Baja fazem cadanno osfrancezes muito pao datinta, e carregaõ delle muitas naos. Desta Baja datreição ao rio de magoape são tres legoas oqual esta em seis graos etres quartos. Aeste Rjo chamaõ na carta demarear odesaõ domingos, onde entraõ naos de dozentos toneis. eno rio de magoape entraõ Caravellois da Costa. mas orio de saõ domingos senauega muito pela terra dentro donde elle uem debem longe. tem este rio hũ Jlheo da Boca pera dentro que lhe faz duas Barras . Epola que esta da banda do norte entraõ Caravellois dos que nauegaõ por antre aterra E os ariçifes. ate tamaraqua. epola outra banda entraõ as naus grandes, e por que entravaõ cadanno neste rio naos. francezas a carregar do pao datinta cõ que a batiaõ oq hia pera o Reino das mais capitancias por conta dos Portuguezes. E por que o gentio Pitiguoar andava muj aleuantado contra os moradores da capitania de Tamaraqua e pernambuquo com ofauor dosfrancezes com os quaẽs fisseraõ nestas Capitancias

Fólio 22

grandes danos, queimando engenhos, eoutras muitasfazẽdas.

Em que mataraõ muitos homeê brancos Eescravos. Asentousua Magestade de o mandar pouoar Efortificar pera o que mandou ayssofrutuososo Barbosa. com muitos moradores o que se Comesou afazer com muito aluoroço dos moradores destas duas Capitanjas . mas foi deos seruido que lhe sosedesse mal Com lhe matarẽ os Pitiguares em cuja companhia andauaõ osfrãçezes, trinta eseis homeê ealguũs escravos, em huã çilada com oqual susesso se descontentaraõ muito os moradores depernambuquo , ese de= sauieraõ com fuituozo Barbossa defeiçaõ que setornaraõ pera suas cassas eelle ficou Impossibilitado perapoder por em efeito oque lhe era encomendado, o quese depois efetuou com ofauor eajuda quepera ysso deu Diogoflores de Baldes GeneraL da armada quefoi ao estreito deMagalhaeê _

Cap.12. em, que setrata, o como setornou
a cometer apouoação do Rjo daParaiba

NaBaja detodos os Sanctos soube ogeneral Diogoflores Vindo ahj do estreito de magalhaeê com seis naos que lhe ficaraõ _ da armada queleuou, como os moradores depernambuquo eItamaraqua, pedraõ muj Eficada mente ao gouernador Manoel telles barreto. que oentaõ era do estado do Brasil que osfosse Socorrer contra ogentio pitiguar que os hia destruindo, comfauor eaJuda dosfrãçezes,osquaes tinhaõ neste rio daparaiba quatro naos pera Carregar

Fólio 23

do pao datinta. e posto este negoço em conçelho se asentou que o
gouernador naquela coniuençaõ não era bem que sajse daBaja
pois não auia mais deseis mezes que era aella chegado, onde
tinha por prouer emgrandes negoços conuenientes ao Seruiço
dedeões e delRej e ao bem comũ, mas pois na quele porto estaua
ogeneral Diogoflores com aquela arma da, e Diogo Vãz daVeiga
com duas naos Portuguezas darmada em que do Rejno fora
ogouernador, das quais uinha por capitão pera o Rejno e
que hũ capitão è outro fosse fazer este Socorro Indo por cabeça
prinçipal ogeneral Diogo flores debaldes, oqual chegou aper-
nambuquo com a armada toda Junta com quẽ Veio o ouuidor
geral Martim leitaõ e o prouedor moç Martim Carualho para
empernambuquo ofauoreçerem com gente emantimentos como
fisserão, Aqual gente foi por terra. eogeneral por mar com
esta armada com aqual . ancorou fora da Barra enaõ entrou
dentro com mais que comasua fragata eduas naos, huã das
dediogo Vãz daVeiga de que era capitão pero Correa delaser
da em a qual o mesmo Diogo Vãz hia e outra emque hia
frutuoso Barboza, e com todos os bateis das outras naos, em
osfrãçezes vendo esta armada posseraõ fogo asSuas naos
elançaõse com o gentio, com o qual fisseraõ mostras deque-
rerem impedir adezembaração, oque lhe não Seruio de
nada por que o general desembarcou apee emxuto sem lho
poderem Impidir, e chegou agente depernambuquo etama-
raquapor terra com muitos escrauos etodos Juntos orde-
naraõ hũ forte de terra Efaxina onde se recolheraõ, No

Fólio 24

qual Diogoflores deixou çento Etantos homeê dos seus solda
dos com hũ Capitaõ pera os Caudilhar que chamauafrancisco
Castrejaõ que se amaçou taõ mal com frutuosso Barbossa
naõ no querendo conhecer por gouernador quefoi forçado
deixado neste forte soo e hirse perapernam buquo donde
se aqueixou asua magestade pera que prouese sobre oCa-
so como lhe parecesse mais seuserviço , esendo auzente fruj-
tuosso Barboza Veio ogentio por alguãs Vezes afrontar
este forte Epolo em çerquo o qual sofreo mal o Capitaofrã-
cisco Castrejaõ Eapertado dos trabalhos dezemprou este
forte eolargou aos contrarios passandose por terra a Captania
detamaraqua que he daj a desoito legoas, Epelo Caminho
lhe matou ogentio alguã gente que lheficou atras como
foraõ molheres eoutra gente fraqua. mas sabendo os moradores
depernambuquo este estroço, seaJuntaraõ Etornaraõ aeste
Rjo daparaiba com frutuosso Barboza Esetornaraõ apo-
derar deste forte ao aqual Sua Magestade tem agora socorri do cõ
gente moniçoeê Emantimentos neçessarios , a que se ajuntou
huã aldea do gentio Topinamba que se apartou dospitiguares
ese Veio uiuer aborda dagoa pera aJudar Efauoreçer este
forte. Este rio daparaiba hemuito neçessario fortificar se
ahuã por tirar estaladroeira dosfrançaes delle, á outra
por sepouoar pois he â terra capaz pera yisso ondesepo dem-
fazer muitos engenhos da cuquar. Epouoa do este Rjo
como conuem ficaõ ceguros os engenhos da Capitania de
Tamaraqua . ealguê da depenambuquo, que naõlauraõ

[contemor]

Fólio 25

com temor dos Pitiguares : eoutros setornaraõ areformar que elles queimaraõ e destruireaõ, dos quaeê Pitiguares he bem que façamos. este Capitulo que sesegue, antes que sajamoseu Lemitte____.

Cap.o 13. que Třata da Vida ecustu mes Do gentio Pitiguar

Naõhe bem que passemos do rio daParaiba onde se acaba olemite por onde rezide ogentio Pitiguar que tanto mal temfeito aos moradores das capitancias dePernambuquo e Tamařaqua e A_ gente dos nauios que seperderaõ pela costa daParaiba ate o Rjo do Maanhaõ . este gentio senhorea esta terra do rio grã de até o daParaiba . onde confinaraõ antiguamente com outro gentio que se chama os Cajtes, que saõ seus contrarios Ese faziaõ Cruelissima guerra. hũs aos outros Esefazem aJnda agora pola banda do Çertaõ aonde agora uiuem os Cajtes. e pola banda do rio grande saõfronteiros dos Tapujas quehegente mais domestica, com quem estãõ as vezes de guerra eo utras de paz, eseajudaõ hũs aos outros contra os Tabajaras, que Ve- zinhaõ com elles polaparte do Sertão . Custumaõ estes Pitiguares naõ perdoarem aningem dos seus contrarios que catiuaõ por que os mataõ ècomẽlogo. E stegentio he de meam estatura baços de cor, como todo o outro gentio, naõ deixaõ criar nen hũscabellos no corpo senaõ os da cabeça, por que em lhe naçendo os arã- quam logo. Falaõ alingoa dos Topinambas e Cajtes, tem os mesmos Custumes egentelidades, o que de clararemos ao diante no-

Fólio 26

Titulo dos Tapujas digo dos Topinambas e este gentio muitobelicozo, guerreiro e traído, amigo dos francezes, a quem fazem sempre boa companhia, e endustriados delles, inimigos dos portuguezes, são grandes lauradores dos seus mantimentos do que estão sempre muy prouidos. São cassadores bonz, Etais frecheiros quenaõ erraõ frechada que atirem, são grandes pescadores delinha asy no mar como nos rios de agoa doce. Canaõbailaõ, comem, e bebem pola ordem dos topinambas, onde se declarara meuda mente sua uida e costumes que he quasi ogeral de todo o gentio desta Costa Do Brasil~.

Cap.14. em que se declara a costa do rio da paraiba ate Tamaraqua E quem foi o Primeiro Capitaõ~.

Do rio da Paraiba que se diz tambem de São Domingos ao rio de Lagoariue são duas legoas, em o qual entraõ barcos. Do rio de Lagoariue ao de Aremamá são duas legoas, o qual esta em altura desete graos, onde entraõ Carauelloes, dos que nauegaõ ante a terra e ariçife. Deste rio aonde Abjonaõbiaja, são duas legoas cuja terra he alagadiça quasi toda, e entre hũ rio E o outro ancorauaõ no tempo passado naos francezas das que entrauaõ dos ariçifes pera dentro. Deste Rio ao de Capiuarimirim são seis legoas, o qual esta em altura desete graos e meio, cuja terra he toda cham. De Capiuarimirim, a Tamaraqua, são seis legoas E esta em sete graos

Fólio 27

e hũterço. Tamaraqua he huãIlha deduas legoas onde esta a Ca=
beça desta Capitania, e avilla de Nossa senhorã da concepção. De
Redor desta Jlha entraõ no salguado sinco ribeiras, em tresdas
quaeê estaõ tres engenhos ondese fisseraõ mais, se naõforaõ os
Pitiguazes que uem correndo aterrapor çima easolando tudo,ate
qui como já fica dito. Tem o rio detamaraqua huãsBarrejas
Vermelhas naponta daBarra, equem ouuer de entrarepor
ella dentro, ponhase nordeste sudueste com as Barreiras, e
entrara aBarra a Vontade; e daj pera dentro o rio ensinara
Como haõ deyr. Por esta Barra entraõ naujos de çem toneis e
Mais aqual fica da Banda do sul daIlha, eaoutra Barrada
banda do norte da Ilha se entra ao sueste, pela qual seseruem
Carauelloeê dacosta. DeTamaraqua ao rio deIgarusu saõdu=
as legoas, onde se extrema esta Capitania, dadepernambuquo.
Desta Capitania fez ElRej DomJoaõ o terceiro deportugual . [M]
aPero lopez desouza, que foi hũfidalgo muj honrrado, o-
qual sendo mancebo andoupor esta Costa Darmada asua Custa
e empessoafõi pouoar esta capitania, com moradores quepera
jsso leuou, do Porto delixboa dondepartio, no que gastou
alguũsAnnos emuitos mil cruzados, com muitos trabalhos
eperigos em que se ujo, assi no mar pelejando com alguas naos
frãçezas que encontrava, de que osfrãçeses naõ sajraõ_
nunqua bem, como na terra em brigas que com elles teue
de mestura com os Pitiguares, dequefoi por uezes Çercado
e offendido, ate que os fez afastar desta jlha de Tamaraqua
evjezinhemça della Esta Capitanja naõ tem deCosta

Fólio 28

Mais que Vinte cinco legoas ou trinta, por Perolopez desouza
naõ tomar as cincoenta legoas de Costa de que lhe sua Alteza
fez merçe todas juntas, mas tomou aqui a metade e a outra
demazia Junto a Capitania de São Vicente onde chamaõ
Sancto Amaro ~ .

Cap.15 . que de clara acosta do ~
rio de Igarasu , ate Pernambuco ~

Avilla dos Cosmos esta Junto ao rio de Igarasu que he marco
entre a Capitania de Tamaraqua, E de Pernambuco , a qual uila
Sera de dussentos vezinhos, pouco mais ou menos, em cujo termo,
hatres engenhos, dasuquar muito bõs . Do rio de Igarasu ao
porto de villa de Olinda são quatro legoas , o qual esta em al-
tura de oito graos: neste porto de Olinda se entra pela boqua
de hãriçife, de pedra ao susueste, e depois norte sul
entra per dentro ao longo do ariçife fica o rio morto pelo
qual entraõ ate sima nauios de çem toneis enadaõ em çima
Carregados, aontade, e os nauios de çem toneis ate dusse ~ tos
tomaõ mea Carrega em çima e acabaõ de carregar onde
chamaõ o poço de frente da boca do ariçife, onde conuem
que os nauios estejam bem amarrados, por que trabalham
aqui muito , por andar neste porto o mar sempre de leuada .
por esta Boca entra o salgado pela terra dentro huãle-
goa ate o peo de villa , e de frente do surgidouro dos nauj-
os faz este rio outra uolta deixando no meio huãponta

Fólio 29

Darea honde esta huã hermidã do Corpo Sancto. Neste lugar Viuem algũs pescadores eoficiaes da Ribeira e estão algũs al-Mazeis em que os mercadores agazalhaõ os asuquares eoutras mercadorias. Destaponta darea dabanda de dentro senauega este rio ate ouarandouro que esta ao pe da uila com carauellois e barcos . e do uaradouro p[e]ra sima se nauega com barcos denauios obrra de meia legoa hondesefaz agoa da pera os naujos na ribeira que uem do engenho deIheronimo dalbuquerque: Tambem semetem neste rio outras ri[b]eiras por onde vaõ os Barcos dos naujos abuscar os a suquares , aos passos onde os trazem em caixados em Carros . Este esteiro e lemite do ariçi fe he muito farto depexe de redes que por aqui pescaõ e domarisco . Perto de huãlegoa da Boca deste ariçife esta o utro boqueiraõ aque chamaõ a Barreta por ondepodem entrar Barcos, pequenos estando omar bonamçozo . e desta barreta or diante corre este ariçife ao longodaterra duaslegoas e ante elle e ella senauega com Barcos pequenos . e quẽ vem de mar emfora e posser os olhos na terra em que esta situada esta uilla pareçerlhe â qie h[*]e o Cabo desancto Agustinho por ser muj semelhante a elle_

Cap. 16. dotamanho davilla deolindae

A grandeza do seu termo Equ~efoi ho

Pouoador Della_ .

A Villa de Olinda he cabelã da Capitania dePernambuquo â

Fólio 30

qual pouou Duarte coelho, que foi hũfidalgo de cujo esforço, ecaualaria escuzamos detratar aqui em Particular por não escureçer , o muito que delle dizem os liuros daJndia de cujos feitos estão cheios . Depois que duarte coelho uejo da Jndia A Portugal abuscar satisfação deseus seruicos pedio á Sua . Al . que lhe fizesse merçe de huã Capitania nesta costa que lhelo-go conçedeo, aalizandolha da boca do rio desaõfrançaisco da Banda do Nordeste ecorrendo dellapela costa çincoenta legoas contra Tamaraqua que se acabaõ no rio delIguarosu comoja fica dito. Ecomo aeste Valerosso Capitaõ sobejaraõ sempre espiritos pera cometer grandesfeitos naõlhe faltaraõ pera uir empessoa pouoar econquistar esta sua Capitania, onde ueio com huãfrota de naujos que armou asua Custa em aqual trouxe sua mulher efilhos , emuitos parentes dambos, eoutros moradores com suas mulheres , com aqual tomou este porto quese diz dePernambuquo, por huã pedra que junto dele esta furada de mar equer dizer pella lingua do gentio mar furado . Chegando Duarte coelho â este porto desembarcou nele efortificousse a onde agora esta áuila em hũ altoliure depadrastos da melhor manr.^a que foi possiuel, onde fez huã torre depedra ecal que A Jnda agora esta napraça da uila, onde muitos annos teue grandes trabalhos de guerra com ogentio efrancezes que em sua companhia andauaõ, dos quaesfoi sercado p~ muitasvezes, mal ferido emuj apertado, onde lhe mataraõ muita gente, mas elle com a Costança deseru esforço não

Fólio 31

Desistio nunca desua pertinção . Enão tão somente se defendeo Valerossa mente , mas ofendeo e resistio aos Jnimos, de maneira que os fez afastar da pouoação, edespejar as terras vezinhas aos moradores della . Donde depois seu filho do mesmo nome lhe fez tal guerra matando e catuando neste gentio que he o que se chama Cajtag~ ofez despejar acosta toda como esta oje em dia . e afastar mais de sincoenta legoas pelo sertão. Nestes trabalhos gastou Duarte Coelho ouelho muitos mil cruzados que aquerio na Jndia aqual despeza foi bem empregada . pois resultou dela ter oie seu filho. Jorge dalbuquerque coelh dez mil Cruzados derenda que tanto lhe importa, asua redizima, dizimo do pescado, esforos que lhe pagaõ, os engenhos, dos quaes estaõ feitos em pernambuco sincoenta que fazem tanto asuquar que estaõ os dizimos delles A Rendados em dezanouemil cruzados cada um. Esta Villa De o Linda, tera sete centos uezinhos pouco mais ou menos, mas tem mais no seu termo por que em cada hũ destes engenhos uiuem uje~ trinta uezinhos, afora os que uiuem nas rossas, afastados delles que he muita gente de maneira que quando for necessario ajuntarse esta gente com armas perseaõ em campo mais de tres mil homes ; de peleja com os moradores da uila dos Cosmos entre os quaes auera quatro çentos homes de Caualo, Esta gente pode trazer desuas fazendas quatro ou sinco mil escravos de guine e muitos do gentio da terra : hetaõ poderosa esta Cap^{ta} que ha nella mais de çem homes que tem de[*] mil ate çinco mil cruzados derenda e ha alguẽs de oito dez mil cruzados de renda, desta terra sairaõ muitos homes Piquos pera

Fólio 32

Estes Reinos , queforaõ aella muito pobres, em os quaes~ entram
Cadano desta Capitania quarenta e conçoenta naos carregadas _
dasuquar epao do Brasil, o qual he omaisfino que se acha em
toda acosta, e importa tanto este pao asua mag^{de} que o tem agora
noua mente arendado por tempo dedez annos por uinte mil cru
zados cadanno, epareçe que terra taõ riqua etaõ podrosa donde
saem tantos proueitos pera estes reinos que sedeua deter mais
Conta com afortificassã della enaõ consentir que esteja ariscada
ahu~ cossairo asaquear e destruir ao quese pode atalhar Com
pouca despeza emenos trabalho_.

Cap.17. emque sedeclara aterra e
Costa que â do porto de Olinda ate o_
Cabo de Sancto Aug^o _.

Do porto de oLinda â ponta dePerocauarim Saõ quatrolegoas . Da
ponta deperocauarim ao rio deJaboataõ de huã Legoa, em o qual
Entraõ barcos . Do rio deJaboataõ ao cabo desancto Augustinho
Saõ quatroLegoas oqual cabo esta em oito graos emejo . ao so-
cairo deste cabo dabanda do Norte podem surgir naos grãdes
quando cumprir, ondetem voa abrigada .Do cabo ate pernãbuco ,
Correse acosta Norte Sul. quem uem demar emfora pera conhe-
cer este cabo desancto agustinho Verapor sima delle huã
Serra selada que he boa conheçença, por que por aquelaparte
naõ ha outra serra dasua altura efeiçãõ, aqual esta quasi
leste, oeste . com ocabo etoma huã quarta de nordeste sudueste

Fólio 33

epoca quem uẽ ao longo da costa, bota o cabo fora com pouco mato e em manchas , e Verlheam que tem da Banda do Sul sinco legoas afastado delle. Ajlha de sancto aleixo quehe Baixa epequena. Ate este cabo he aterra pouoada de engenhos da su-
quar, epor Junto dellepassa huũ Rjo que se diz do Cabo on-
de tambem estão alguũs , oqual saie ao mar duas legoas do Cabo, Emesturasse ao entrar no Salgado com o Ryo-
de Jpoiuiqua que esta duas legoas da banda do sul, neste tjo
entraõ esaie carauellois do seruico dos engenhos , que estão nos mesmos rios, onde se recolhem com tempo Barcos da Costa_

Cap. 18. em que se declara a costa do cabo e Rjo Do Jporjuqua ate o Rjo de Sãofrancisco_

Jafica dito como se mete o rio de Jpojuqua com o do cabo ao entrar no salgado: agora digamos como delle ao [*]jo das galinhas São duas legoas. Aterra que ha antre este porto e rio de Jpojuqua he toda alagadissa : neste porto e rio das galinhas entraõ barcos da Costa . Do rio das galinhas aJlha de Sancto Aleixo he huãlegoa, em aqual ha surgidouro, e abrigo pera naos. E esta afastada da terra firme huãlegoa . Da Jlha de sancto Aleixo ao rio de Maracaípe são seis legoas , honde entraõ Carauelloẽs . oqual tem hũs Jlheos na Boca . De Maracaípe ao rio formozo são duas legoas o qual tem huãriçife ao mar de fronte desj, que tem hũ boquei-
raõ por onde entraõ naujos na costa, o qual esta em noue graos, Cujá terra he esCaluada mas bem prouida de Caça. Do rio formozo

Fólio 34

Ao de Una são tres legoas, o qual tem na boca huã Ilha demangues
dabandado norte aqual se alga com amare: emais diante
chegadas a terra tem sete Ilhetas demato; Deste rio Uma ao
porto das pedras são quatro legoas, o qual esta em noue graos
emeio. Antre este porto e o rio Una sefaz huã enseada mujto
grande, onde podem surgir e balrauentear naos que nadem
em fundo de cinco braças atesete. por que tanto tem defundo.
Ecorresse acosta de sancto Augustinho ate este porto das pedras
Nordeste sudueste. Deste porto ao rio de Camaragipe. São tres
Legoas cuja fronteira he dehũ banco de a Riçifes que tem
Alguãs abertas por onde entram barcos da costa eficaõ seguros
De todo tempo. Antre os a Riçifes e a terra. neste rio de Camara
Gipe entraõ nauios de onesto porte. Enponta da barra dele
da banda do sul tem huas Barreiras Vermelhas cuja terra
a longo domar he escaluada ate o rio de Sancto Antonio
merim que esta dele duas legoas, onde tambem entraõ Ca
rauelloẽs da Costa. Do rio de Sancto Antonio merim ao porto
velho dos francezes, são tre legoas honde elles costumauaõ
ancorar com suas naos e resgatar com o gentio. Do porto uelho
dos francezes, ao rio de saõ Miguel são quatro legoas que esta
em dez graos em o qual entraõ nauios da costa, e antre huã
eo o utro entra no mar orio da alagoa, onde tambẽ entraõ
Carauelloẽs, o qual desis da alagoa, por naçer de huã que esta
Afastada da costa, ao qual rio chamaõ os Indios o porto de Ja-
ragua. Do rio de saõ Migel ao porto nouo dos francezes
São duas legoas de fronte do qual fazem s a Riçifes que

Fólio 35

vão correndo acosta huã aberta por onde os françezes costumauão
a entrar com suas naos e ancorauão antre o aRiçife e a terra por
ter fundo pera jssó, onde estauão muy seguras e aqui faziaõ.
Seu resgate com o gentio. Do porto nouo dos françezes ao de japo
tiba he huã legoa. do qual ao rio de cururupe saõ tres legoas
em o qual entraõ naujos da Costa cuja terra a longo do mar
he fraca mas pera dentro duas legoas he arezoada. Deste rio
de Cururupe ou Aricifes de DomR^o ate o rio de São Francisco
saõ seis legoas. Da ponta da barra de Cururupe contra o rio de São
Francisco seu aj armando huã enseada de duas legoas em aqua
bem chegado a terra estaõ os ariçifes de DomR^o, onde tambem se
chama o porto dos françezes por se elles cu[*]umarem recolher aqui
com suas naos a abrighada desta enseada e hã por antre os ariçi-
fes e a terra com suas Lanchas tomar carrega do pau de tinta
no rio de Cururupe, Aqui se perdeu o Bispo do Brasil Dom Pedro
fernandez sardinha com a sua nao uindo da Baía de Peralix^a
em a qual uinha Antonio Cardoso de Barros provedor morque
fora do Brasil, e dous conegos, duas mulheres onrradas e cazadas
muitos home~s nobres e outra muita gente que seriaõ mais de
çem pessoas brancas fora escravos, a qual escapou toda neste
naufragio, mas não do gentio Caité, que neste tempo senho-
reava esta Costa Da boca deste rio, de São Fr^{co} ate o de Aparaj-
ba depois que estes Caites roubaraõ este Bispo e gente des^{to}
saluaraõ os despojaraõ, e amarraraõ abom recado e poucos
e poucas os foraõ matando e comendo sem escaarem mais q.ⁿ
dous Indios da Baía com hu Portuges que sabia a lingua filho

Fólio 36

Do meirinho da Correição. A terra que ha por sima destaenseada
ate oporto do rjo desaõfran^{co} he aserqua toda alaguadisa cuja
agoa se ajunta toda em huã ribeira que se dela faz aquaL
vaj sajr ou entrar no rjo desaõfrancisco duaslegoas daba-
rra perasima . Correse acosta do rio desaõfran^{co} ate oporto
daspedras nordeste Sudueste, esomadaquarta de Norte
Sul _.

Cap.19. quetrata dequem saõ estes

Caites queforaõ moradores na costa De
Pernambuquo_.

Paresse quenaõhebem que pa^{se}mos avante do rio desaõfrã
cisco sem dizeremos que gentio he este Cait^ẽ que tanto
mal temfeito aos portuguezes. nesta Costa este gentio
os primeiros annos de conquista deste estado do B[*]asil
Senhoreou destaCosta da boca do rjo desaõfrancisco até
orio daparaiba onde se mpre teue guerra Cruel com os
Portuguezes ese matauaõ e comiaõ hũs aos outros em Vin-
gança deseus odios pera execussão da qual entrauaõ m^{tas}
Vezes pola terra dos Pitiguares Elhesfaziaõ muito dano.
Da banda do rjo desaõfran^{co}, guerreauaõ estes Pitiguares
emsuas em barçaõ^ẽs co m os Topinambas que Veuiaõ da
o utra banda do rjo em cuja terra entrauaõ afazer seus
saltos, honde catiuauaõ mujtos que comiaõ sem lhe perdoar.
As embarcasso^ẽs de que este gentio [Vzaua] eraõ dehuã
palha Comprida como adas estejras detabua que fazem

Fólio 37

em Santarem aque elles chamaõ Periperi aqual palha fazem em molhos muito apartados com huãs Varas como uimos aque elles chamaõ Timbos que são muito brandas e rijas, e com estes molhos atados em huãs varas grossas faziaõ huãfeição de embarcaõẽs emque Cabiaõ dez doze Jndios que se remauaõ muito bem enellas guerre= auaõ com os Topinambas. neste rio desaõfran^{co} esefaziaõ hũs aos outros muito dano, eaconteço por muitas Vezes fazerem os Caites desta palha tamanhas embarcaõẽs que uinhaõ nellas aolongo da costa fazer seusalto aos Topinambas Junto da Baja que são sincoenta legoas polaparte do sertoõ. Confinaua este gentio Com os Tapujas, eTupiuas, esefaziaõ crruelguerra, pera cujas Aldeas ordinaria mente auiafronteiros que as corriaõ efalseauaõ Equando os Caites matauaõ ou catiuauaõ algũs contrarios destes Tinhamno por mor onrra que não quandofaziaõ outro canto aos Pitiguares nem aos Topinambas . Este gentio he damesma cor bassa, etem auida ecustumes dos Pitiguares, eamesma lingoa que hetudo como ados Topinambas, em cujo titulo se dira muito desuas gentilidades. são estes Caites nuito belicozos , eguerreiros mas- muj atreçoados sem nenhuãfée nem uerdade, oqualfez O_ dano quefica declarado â gente da nao do Bispo , aDuarte Coelho , e â muitos naujos eCarauelloẽs que se perderam nestaCosta dos quaẽs não esCapoupeessoa nenhuã que não matassem ecomesẽ Cujos danos deos não permetio quedurassem mais tempo, mas ordenou se os destruir desta maneira, confederandosse os Topinambas seus vezinhos com os Tapujas digo Tupiuajs, pelo sertoõ eaJuntarãsse hũs com os outros pola bamda desima donde os Tapujas tambem

Fólio 38

Apertauão estes Caïtes, ederam lhes nas costas edetalfeição os aper-
taão que osfizeram deses todos pera baixo Junto do mar onde
os acabaraõ dedesBaratar, e osque não poderamfugir pera ase_
rra do Aquetiba não escaparam de mortos [*] ou catiuos, destes ca-
tiuos. hiaõ comendo os Vencedores quando queriaõfazersuas
festas , evenderam delles aos moradores dePernambuquo eaos
da Baja infinidade deser aos, atroquo dequalquer cousa
ao que hiaõ ordinaria mente Carauellois ao resgate, etodos_
uinhaõ carregados desta gente á qual Duarte coelho dalbu-
querque por sua parte acabou de desbaratar . edestamaneira
Se consumio este gentio do qual não ha agora senaõ oque selançou
muito pelaterra dento ouse misturou com seus contrarios Sen
do seus escravos eseliaraõ por ordem deseus cazamentos . Por
natureza saõ estes Caïtes grandes muzicos, e amigos deCantar
e debailar : saõ grandespescadores delinha . enadadores, tâbẽ
saõ muj crrueis hũspera os outros peraseVenderem opajaos
filhos , os Jrmaõs eparentes hũs aos outros, edetal maneirasaõ
Crrueis que aconçeio o anno de i57i - no rio desaõfrancisco
estando nele alguãs embarçaõẽs daBaja resgatam do_
com este gentio: em huã dehũRº martis estauaõ algũs
escrauos resgatados em que entraua huãJndia Caite aqual
enfadada delhe chorar huãCriança . suafilha alcançou no
Rjo onde andou debaixo perasima hũpedaço semse afogar
ate que doutra embarçaõ selançou hũ Jndio ando por
mandado deseusnõr que afoi tirar honde aBautizaraõ
edurou depois algũs dias. E como no Título dos Tupinambas

Fólio 39

Se contapor extemsso auida e custhumes que toca á mor parte dogentio
que uiue na costa do Brasil, temos que basta por agora o que esta
dito dos Caites_.

Cap.20.que trata da grãdeza.

Do Rio de São Francisco e do

Seu nascimento_

Muito auia que dizer do rio de São Francisco selhe coubera fazelo
Neste lugar, do qual senão pode escreuer aqui o que se pode di-
zer dele por que se era escreuer tudo o que temos dito. Enão se
poderá cumprir com o que esta dito e prometido que he tratar
toda a costa em geral e em particular da Baía de todos os Santos
a quem he necessário satisfazer com o devido, este rio conte-
te se por ora desdizer dele Emsoma o que for possível neste capº.
pera com breuidade chegaremos a quem esta esperando por toda
a costa. esta orio de São Francisco em Altura de dez graos E hum
quarto o qual tem na boca de Barra duas legoas de largor por
onde entra amare com o salgado pera cima duas legoas somen-
ta aqui perasima he agoa doce, que amare faz recuar outras
duas legoas não auendo agoa do monte, aeste rio chama o-
gentio o Par[*] o qual he muy nomeado entre todas as nações
das quaes foi sempre muy pouoado, e tiueraõ hũs com os outros
sobre os sitios grandes guerras por ser a terra muito fertil
pelas suas ribeiras e por acharem n elle grandes pescarias,
ao longo deste rio, uiuem agora algũs Caites, de huã ban-
da da outra uiuem Tupinambas, mais asima vivem Ta-

Fólio 40

Pujas dediferentes castas, Etupiuaẽs, Amoupiaras, Vbirajaras ,
e Amajonas, ealem delles uiue outro gentio, naõ tratado dos q~
comunicaõ com os Portugueses que se atauaia com Jojas de ouro
doqueha sertas informaçoẽs, Este gentio se afirma Viver a
vista da lagoa grande tam afamada edezejada de descobrir,
da qual este rio naçe: ehe tam requestado este rio detodo ~
ogentio por ser muitofaito depescado e caça, epor aterradele
ser muitofertil como jáfica dito, onde se daõ muito bem toda â
sorte dos mantimentos naturaes daterra quem nauega por
esta costa conhece este rio quatro e cincolegoas ao mar
por as agoagens~ que dele sajem furiozas eBarrentas, Na
uegaçe este rio com caraueloẽs ate acachoeira que estara
daBarra,uinte legoas poucomais ou menos ate ondetem
muitas Jlhas que ofazem esprajar muito mais q~ na Barra
poronde entraõ naujos de çincoenta toneis pelo canal do-
Sudueste que he mais fundo que o do Nordeste . Da barra
Deste rio ate aprimeira chachoeira ha mais detrinta Ilhas
digo de trezentas Jlhas . no inuerno naõ tras este rio agoa
do monte como os outros nem corre muito, e no ueraõ Crese
de dez ate quinzepalmos, ecomeça auir esta agoa do
monte, de outubro por diante ateJaneiro que he aforça
do Veraõ drestas partes . eneste tempo sealagaõ amor
parte destas Jlhas pelo que naõ criam ne[*]hum aruore-
do nem mais quecanas brauas deque sefazem frechas.
por sima desta cach[*]ejra quehe depedra uiua sepo de
tambem nauegar este rjo embarcos sesela fisserem até

Fólio 41

o Sumidouro que pode estar da cachoeira oitenta nouemta legoas por onde tambem tem muitas Ilhas : Este sumidouro se entemde no lugar onde este rio saé de de Baixo da terra por onde uem escondido dez ou doze legoas no cabo das quaes~ arebenta ate onde se podenauegar efaz seu caminho ate o mar . Por cima deste sumidouro esta a terra cheia de matos sem se sentir que uaj orjo por baixo : e deste sumidouro para cima se pode tambem nauegar em barcos se os fiserem la . os Indios seseruem por Elle = em canoas que perajssofazem. Esta capaz este rio perase [*] perto da Barra delle fazer huã pouoação ualente de huã ban Dae outra da outra parte peraseguranca dos nauios da Costa edos que o tempo alj fisser chegar, onde se perdem muitas vezes, e podem os moradores que nele uiuerem fazer grandes fazendas e engenhos até a cachoeira, deredor da qual ha muyto pao do Brasil e com pouco trabalho se pode carregar . Depois que se este estado descubrio per rdem dos Reys passados setra balhou Muyto por se acabar de descobrir este rio, por todo o gentio que Nele uiueo e por ele andou afirmar que pelo seu sertão auja Serras de ouro e prata, A conta da qual em formação se fiserão Muitas entradas de todas as Capitaniaes sem poder nimgẽ - chegar ao cabo , com este de engano , esobreẽ esta pertençaõ Vejo Duarte coelho dalbuquerque. A Portugal da sua Cap^{ta} de Pernambuco a primeira vez , easegun da tambem teue esse dezen[ga]no. mas desconsertou se com sua Alteza polo_ não faltar das onras que pedia, esendo gouernador deste

Fólio 42

Estado Luis de Brito dalmeida, mandou entrar por este Rio_ã sima ahũ Bastiam Aluerẽ z quese dezia deporto seguro oqual trabalhou pelo descobrir quanto pode no que gastou quatro annos, ehum grande pedaço defazenda delRej . sempoder chegar ao sumidouro, e por deradeiro uejo acabar cõ quimzeou uinte homẽs ante ogentio Topinamba acujas mãõs foram mortos, o que lhe aconteeço por nam ter Cabedal degẽte, perasefazer temer, e por querer fazer esta Jornada contra agoa, o que não aconteeço aJoão Coelho desouza por que chegou asima do sumidouro, mais de çem legoas como se uera do roteiro que fez desua Jornada Aboca da barra deste rio co[r]ta osalgado aterra dabanda do sudueste e faz ficar aquela ponta de area e mato em Ilha que sera de tres legoas de comprido, equando este rio enche com a agoa do monte não emtra osalgado com amare por ele asima mas ate aBarra he agoa doce, eotras neste tempo grãde Correnteza_.

Cap.21. emqu se declara aCosta_
do Rio desaõfran^{co} ate o deseregipe_

Dorio desaõfran^{co} ao degoaratibe são duas legoas em oqual Entraõbarcos daCosta , etem este ria na boca huãIlha q~he Aque uem daponta daBarra do rio desaõfran^{co}. este Rio senaueguapela terra dentro tres legoas, efaz hu~braço naentradaJunto dó aRiçife por onde entra osalgado

Fólio 43

ate entrar no rjo desaõfran^{co} huãlegoa daBarra por onde vam
Barcos de hũ rio ao outro, oqual braçofazaJlha de clarada , Do
Rjo de Goaratibe asete legoas, esta hũ riaço aque chamaõ deA
goa Boa polo ellaser o qual como chega perto do salguadofaz huã
volta aolongo delefazenda huãlingoa deterra estreita ã tre
ele eomar , dehuãlegoa decomprido eno cabo desta legoase
mete nomar. Antre hum rio e outro he tudo praja, de area
onde se chama a enseada de vaza barris, aqual tem diante
desj tudo aRiçifes depedra com algũs buqueirois , pera
barcos pequenos por ondepodem entrar com bonança . Deste ria-
cho de agoa boa a huã legoa esta orio de V[b]irapatiba por cuja
Barrapodem entrar barcos eCaraueloẽs dacosta , com aproa
aloesnoroeste . Aeste rio uem ogentio topinamba mariscar
achar por aqueles aRiçifes muitos poluos , lagostins~, eCan-
grejos, e apescar, alinha onde mataõ muito pexe, oqual se
nauegapelaterra dentro mais detres legoas . Deste rjo Ubi-
ratiba aseis legoas esta orio de Seregipe, e em altura de
onze graõs e dous terços, por cuja barra com bateis diamte
Custhumauaõ entrar osfrãçezes com suas naos deporte de
Çem toneis pera baixo, mas não tomauaõ dentro mais que meia
Carregua, eforada barra acabauaõ de Carregar com suas
lanchas em que acabauaõ de acarretar opao, que a lj resga
tauaõ com os Topinambas, onde tambem resguatauaõ Con
os mesmos algodaõ epimenta daterra. Tem este rjo duas
legoas por elle asima , aterrafraqua, mas dalj avamte he

Fólio 44

Muito boa perasepoder pouoar onde conuem muito que sefaça
huã pouoação assj pera atalhar que não entrem alj françe
zes como por segurar aquela costa do gentio que Viuepor
este rio assima, o qual todos os annos fez muito dano assi
nos barcos, que entraõ nele , eno rio real, no Inuerno com
tempo, como em homẽs que cometem este caminho pera
Pernambuquo fogindo a justiça, e no que pelomesmo aspej-
Tofoge depernambuquo pera aBaja , is quaẽs demarauj
lha escapaõ , que os não matem ecomão . Tem este rio dese
regipe na barra de baixa mar tres braças , e dentro simquo
eseis braças, cuja barra se entra lessueste coesnoroeste
equem quer entrar pelo boqueiraõ de baixio uaj com aproa
ao norte, ecomo esta dentro; aloes noroeste, uqõ de mãdar
aponta do sul, e dela pera dentro se uaj ao norte Equẽ uem
demar emfora, uejapor sima deste rio hũ monte mais al-
to que os outros dafeição de hũ ouo , que esta afastado da
barra alguãs seis legoas, pelo qual he aterra bem co
nheçida, aeste monte chamaõ os Jndios manhana quequer
dizer antre elles espia; por se uer deto das aspartesdem^{to}
longe. e Corresse acosta deste rio ao desaõfran^{co} nordeste
sudueste_.

Cap.22.emquese declara a costa

do Rjo deseregipe até o rjo Real

Deste Rjo deregipe do que asima disemos, aquatrolegoas

Fólio 45

Esta outro rio que se diz de cotygipe, cuja boca he de mea legoa em Meio do qual tem huãIlha em que tem huãs moutasVerdes, A qual Jlhafaz duas barras aeste rio . Pola do sul podem entrar nauios deoitenta toneis, por quenomais baixa temdefundo_ duas braças , debaixamar, emais pera dentro tem çinquo brraças : Pola barra do norte entraõ Carauelloẽs da costa. tem este Rjo a boca da barra hũbancos darca que botaõ mea legoa ao mar. Por este rio asima senauega tres legoas , que tantas entra amare por elle asima, o qual he muito farto depexe emarisco, cuja terra he sofruiel peras epoder pouoar , e no sertoõ della tem grandes matas depao do Brasil. Deste rio de Cote-gipe ao rio de Pereira aque outros chamaõ da Canapistola saõ quatrolegoas, do qual ate seregipe faz aterra outra enseada aquetambem chamaõ devaza barris~, no çeo da qual esta o rio de cotegipe, deque Jafalamos, a que muitos chamaõ do nome da enseada . Do rio dePereira aduaslegoas, esta aponta do rio Real , donde se corre a Costa ate Seregipe nordeste su deste_.

Cap.23.que trata doRjo Real e Deseus Mereçimentos

Pareçe que quem tem tamanho nome como o do rio Real, que deue Ter mereçimentos capazes delle, os quaes~ comuem que uenhaõ Aterreiro, pera que cheguem anotiçia detodos, ecomessemos na altura emque esta, quesaõ doze graos escassos . A barra

Fólio 46

deste rio tera deponta aponta mea legoa em aqual tem dous
Canias por onde entraõ nauios da costa dequarenta toneladas:
Epolabarra do sudueste podeem entrar nauios desesemta
Toneis, estando com as balizas neçessarias , por que tẽ dous
mares emfrol. Da barrapera dentro tem orio muito fun-
do ondesefaz huã baja de mais dehuãlegoa onde os naujos
tem grande abrigada, com todos os tempos , em a qual ha
grandes pescarias depeixe Boj edetoda aoutrasorte de
pescado, emuito marisco. Entra amare por este rjo asima
seis ousete legoas, e diuidese em tres ou quatro estejros
onde se uem meter outras ribeiras, dagoa doce, ate onde
chegua osalgado he aterrafraca epouca delaseruira
de mais que de criaçoẽs, degado, mas donde se acabaA
mareperasima he aterra muito boaecapaz pela dar to-
das as nouidades que lhe prantar em em aqual sepodem
fazer engenhos, dasuquar, por se darem nela asCanas
muitobem, Pelo sertão deste rio â muito pao do Brail, que
compouco trabalho todo oide uir ao mar, persepoder Ca-
rregar pera estes Rejnos. ePera que esta Costa esteja
segura do gentio, e osfrãçezes dezemganados denaõ-
poderem uir resguatar com o gentio antre a Baja eper-
nambuquo , conuem ao seruiço desua magestade q~mãde
pouoar eforteficar este rjo, oquesepodefazer compo uqua
despeza desuafazenda , do que Ja ElRej Dom Sebastião q~
esta em gloria foi emformado emandou muj efincadam^{te}

Fólio 47

Aluis de Brito, que neste tempo governava, este estado do que os
Denasse com muita brevidade, como se pousasse este rio, no que
Elle meteo todo o cabedal, mandando a isso graça da vila que
He hu~ dos principaes moradores da Baja, com muitos homẽs das
Ilhas e da terra, pera que asentassem huã pouoação onde pare-
cesse melhor o que se fez pelo rio asima tres legoas, onde o mes-
mo governador foi empessoado com a força de guerra digo gẽte
que avia na Baja, quando foi dar guerra ao gentio, daquela
parte, o qual passou por estadia pouoação de cujo sitio elle
toda a companhia se descontentou, e com Rezaõ por que estava
longe do mar perasevalerem da fortuna delle, e longe da ter-
ra boa, que lhe podesse responder com as novidades, a Custu-
madas. donde se afastou por temerẽ o gentio, que por ali Ve-
uia, ao qual Luis de Brito deu tal castigo naquele tempo_
como se nunca deu naquelas partes, por que mandou des-
truir os maiores e mais valerosos dos cossarios capitães
daquele gentio que nunca ouve naquela Costa, sem lhe
custar a vida a mais que adous escrauos, os quaes~princi-
pais do gentio foram mortos, e os seus que escapou com ajuda
ficaram cativos, e quando se o governador recolheu se des-
pousou este principio de pouoação sem setornar mais a bulir
nisso por se entender ser necessario fazerse huã coussa forte a Cos-
ta de .S. Al. A qual Luis de Brito não ordenou por ser chegado a ca-
bo do seu tempo, e soçederlhe logo louremço da Veiga que não boljo
nesta negoção pelos respeitos que não são sabidos p^a se aqui decla[marrẽ]

Fólio 48

Cap.24. em que se declara a terra q~ ha

do Rio Real ate o Rio de Tapicuru.

Dorio Real ao do Jtapicuru são quatro legoas sem dehum
Rio ao outro auer na costa por onde entre hũ barquinho por
tudo serẽ a Riçifes aolongo da costa , cuja terra aolongo
della he muitofraqua, que não serue senão pera criassois
deguado. Aboca deste rio hemuito suja depedras,mas podẽ se
quebrar huãs pontas deBaixa mar deagoas uiuas em q~
lhefique canal aberto per apoderem por elle entrar cara
uelloẽ s, da costa, de mei a agoa chea por diante. Da bo ca des
te rio pera dentro, faz huã mancina deBaja , onde de baixa
mar podem nadar naos, dedossentos toneis: emtra ámare
por este rio asima sincolegoas ouseis, as quaẽ s sepo dem
nauegar com barcos: e donde se mestura osalguado com
a agoa doce , pera sima, dez ou doze legoas sepode tambẽ -
.nauegar , com barquinhos pequenos, eper aqui asima he
aterra muito boa perasepoder pouoar , por que da muito
bem todos os mantimentos que lheplantaõ edara mujto
bõs canaueai~s dasuquar, por que quando luis de britto
foi dar guerra ao gentio do rio Real se acharaõ pollas
grandes muj fermozas canas de asuquar, Pelo que
pouandosse este rio, sepodem fazer nele muitos engenhos
dasuquar por que tem ribeiras, quese nele metẽ muj-

assumodadas

Fólio 49

Acomodadas pera isso. Neste mesmo tempo se achou ante esterjo
eo çincoenta ou sessenta legoas pelo sertão huã alagoa
de quinhentas braças de comprido e çento delargo pouco mais
ou menos cuja agoa he mais salguada que a do mar, a qual
alagoa estaua cercada dehũ Campo que estaua todo chejode
perrexil, muito mais uiçozo que oque naçe ao longo domar
etocado por fora nos beiços era tam salguado como selhe
dera orosio domar . Neste mesmo campo afastado destaá
lagoa quinhentas ou seis semtas braças estaua outra
alagoa ambas em hũ amdar, cuja agoa era muito doçe
Eopexeque am bas tinhaõ era dehuã mesmasorte, e em
ambas auia muitos porquos dagoa dos quais o gentio ma-
tou muita cantida de delles . Este rio perto do mar he
muitofarto depescado emarisco, eperasima depexe de á
goa doçe , epola terra ao longo delle tem muita caça de
toda asorte, oqual no ueraõ tras mais aguoá que o monde-
go . e esta em doze graos, cujo naçimento heper a aban
da deleste mais deçem legoas domar. E estapouado do
gentio Tupinamba_.

Cap.25.emquese declara aterra q~ha
do Tapicuru ate Tatuapara _.

Fólio 50

Do Rjo Jtapicuru, atatuapara são oito ou noue legoas cuja terra ao longo domar he muitofraqua ebaixa e não serue senão pera criassois deguado, mas duas legoas pela terra dentro he sofriuel pera mantimentos pola qual atrauessão sinco Rjos eoutras muitas Ribeiras que uem sajr ao mar nestas oito legoas de quẽ não ha quetratar por que se metem no mar por sima dos aRiçifes sem fazerẽ barra por onde possa entrar hũbarquinho , por que toda estaCosta do Rjo Real a te Tatuaparra ao longo domar he chea de aRiçifes depedra que se espraão muito por onde não hepossuiel , lançarsse gente emterra nẽ chegar nen hũ barquo senãfor no Jtapicuru comofiqua dito , Tatuaparra he huã enseada honde se mete hũ riacho deste nome em [a]qual entraõ Carauelloẽs da Costa comprea mar, Nesta enseada tem os nauios muito boa abrigada esurgidouro , do que se aproueitaõ os que andaõ pela Costa, Aqui tem graça daVila 1 que he hũ dos principais emais ricos moradores da cidade doSaluador huãpouoação com grandes edefiçios , deCassas desua Viuenda, e huã Jgreja de Nossa Snorã muj homrrada toda de abobada em aqual tem hũ Capelaõ que lhe ministra os sacramentos, este graça davillatemtodasua .

Fólio 51

Fazenda em criassois , de vaquas e egoas , etera algũs dez Curra
is, por estaterra eao diante . e os padres da Companhia tem nes
te dereito huã aldea deIndios foros Tupinambas aqual se cha
ma desancto Antonio , onde aueramais detrezentos homẽs de
peleja, eerto desta al deatem ospadres tres currais deVa
quas que grangeam, os quaẽs tem na al dea huãfermossaJgre-
ja desancto Antonio, e hũ reco lhimento onde estãosempre
hũpadre de missa ehũIrmaõ que doutrinaõ estes Jndios na
nossasancta fee catholica no que os padres trabalhaõ todo
o possiuel, mas por demais , por que he este gentio tam barbaro
que ate oje não ha nenhũ que uiua como xpuaõ, tamto
quese aparta daconuerçassã dos padres oito dias, esta en
seada deTatuapara, esta em altura dedozegraos esforçados
Ecorrese acosta daqui ate o rio Real Nordeste Susudueste_

Cap.26.emquese de clara aterra e costa

DeTatuapara Ate o Rjo de Joane_

DeTatuapara ao rio deJacoipe são quatro legoas , as quaẽs ao
longo do mar são deterra baixa e fraqua que estão ocupadas.
com currais degado degraçia da uilla e doutras pessoas chega
das as ua cassa , DeTatuapara ate este rio nãoha homdeposa
entrar hũ barco senaõ neste rio deJacoipe e aqui com bonã
ça aInda com trabalho : mas atras huãlegoa ondesse chama
oPorto deBras afonsso onde os aRiçifes que uem de Tatuapara-

Fólio 52

fazem huã enseada digo a berta podem entrar Caraueloẽs; e do
aRiçife pera dentroficação seguros comtodo otempo. Este Rjo
deJacoipe sepassa debaixo mar asima dabarra huãlegoa
auao ao longo do qual tem o mesmo graça davila hũ Cu=
rrall devaquas . Deste rio deJacoipe ate orio dejoane saõ-
sincolegoas ate onde saõ tudo a Riçifes sem auer onde possa
Entrar hũbarquo senaõ onde chamaõ oporto de Arambepe-
onde os Arriçifes fazem outra aberta , por onde com bonamça
podem entrar barcos eficarem dedentro dos aReçifes segu-
ros. DeJacoipe a Arambepe saõ duas legoas ondeseperdeo
A nao Sancta Clara que hjapera aJndia estando sobre á
marra , efoi tanto o tempo que sobre uejo que afez hirA-
Casea quefoi forçado cortarem lhe omasto grande o que
naõ bastou perase remdear, e os offiçiaẽs da nao des
confiados dasaluação sendo meia norte deraõ auella
do traquete pera axorarem emterra esaluarem asVj-
das , o que lhe soçedeo pelo contrario, por quesendo es-
ta costa totalimpa afastada dos aRiçifes , foram
Varar por sima dehuãlagoa , naõ sesabemdo outra de
Pernambuquo ate aBaja , aqual lagea esta hũ tiro-
defalção, ao mar dos aRiçifes , ondesesta naõfezempe-
daços , emorreraõ neste naufragio passante detrezem
tos homẽs com luis dalter Dandrade que hjap or Ca
pitaõ desta nao pera aJndia . Toda esta terra ate o rjo
dejoane tres legoas dom ar pera osertaõ estapouoadade

Fólio 53

Currais de vacas de diuersas pessoas . enesta comarquatre
legoas do mar tem os Padres da companhia duas aldeas de jn-
dios forros , Tupinambas, edoutras nações em as quaẽs foraõ
sete çentos homẽs depeleja pelo menos, aos quaẽs os Padres-
doutrinaõ comoficadito daaldeas desancto Antonio, estou
tras se dizem huã desancto espjrito, eaoutra desaõ Joaõ onde
tem grandes Jgrejas damesma aduocassaõ , e recolhimentos
pera os Padres que nellas rezidem, epera outros que lavuaõ
per muitas vezes recrearse . E asombra esercuito destas
Aldeas, tem quatro ou çinquo Curais devacas ou mais q~
Grageam deque se ajudaõ as ostentar , por onde estas al-
deas estaõ he aterra boa , ondesedaõ todos os mantimentos
daterra muitobem por ser muitofresca commuitas ribej-
ras de agoa . Neste lemite lança omar fora todos os annõs
muito Ambar, pelo Inuerno que estes Jndios uaõbusquar
oqual daõ aos Padres . Ecorrese esta costa de Tatuapara ate
este rjo deJoane , nordeste susudueste_.

Cap.27.emquese de clara acosta do Rjo

DeJoane ate A Baja_

O rjo deJoane tras tanta agoa quando semete no Mar como o
Zesere quando se mete no [Rjo], o qual entra no mar por cima
Dos aRiçifes onde espraja muito , o qual sepasa demar eVa-
Zia ávao por junto daBarra , mas não podem entrar porela

Fólio 54

nenhuã Janguada por ser tudo pedra uiua, e deprejamar
naõ tem sobre si tres palmos de agoa, aqual anda alj sempre
muj aleuantada , este rio esta em altura de doze graós e
dous terços. Deste rio ate aTapoam , saõ tres legoas, cuja
terra he baixa e fraqua , enaõ serue ao longodo mar ma
is quepera gado , eate quatro legoas pelaterra dentro
esta este lemite eaterra dele ocupada com currais de
Vaquas . Estaterra eoutratanta alem do rjo deJoane
he do conçelho da çidade do Saluador . aTapoam he huãs
pontasarda ao mar , com huãpedra no cabo çerquad a
dele aque ogentio chama deste nome , que quer dizer pe
dra baixa , defronte desgtaponta em hũ alto esta huãfa
zenda desebastiãoluis , com huã Irmida desaõfran^{co}
esteposto he o que na carta de marear se chama os lançois
darca poronde se conhece aentrada daBaja, epera oser
taõ duas legoas esta huãgrossa fazenda , deg raçiada
Vila , com outra Irmida desaõfran^{co}, muj conserta das
limpa, Destaponta daTapoam aduas legoas esta o rjo
uermelho que he huãRibeira asi chamada que se aqui
Vem meter no mar , ate onde saõ tudo arriçifes sarrados
sem entrada nenhuã. Neste rjo uermelho pode dezem
barcar gente com bonança , eestarem barcos daCosta
ancorados na bocadele , não sendo trauessia naCosta
nem uentos marciros : Ate aqui esta toda aterra ao
longodo mar o cupada com criasois degado Vacum

Fólio 55

e pola dentro duas legoas tem os Padres da Companhia, huãs grossa fazenda, com dous Currais devaquas . em aqual tẽ huãs cassas derefregerio ondeseuão recrear, econualeçer dasen fermidades , eleuaõ afolguar os gouernadores , ondesehũ Jardim muitofresco com hu~fermozo tamque de agoa ehuã Jrmida muito conçetrada , onde os PP. quando la estaõ dizẽ missa . Deste rio uermelho ate aponta do Padrão éhuãle goa, E correse a Costa do rjo de Joane ate aponta do Padrão nordeste sudueste_.

Cap.28.emquese declara como fran^{co} Pr^a
Coutinhofoi Pouoar aBaja detodos os Sã
Ctos e os trabalhos que nisso Teue_

Quem quizer saber quem foi fran^{co}Pr^a coutinho ua osliuros daJndia, esabelo ha Euera seu grande ualor e heroicos feitos , dinos de diferente descansso do que teue na conquista do Brasil , onde lhe cou bepor sorte a Capitania da Baja deto dos os sanctos deque lhe elRej Dom Joaõ o 3º. degloriossa memoria fez merçe . ss. Por aprimeira vez daterra que ha daponta do padraõ ate orjo desaõfran^{co} aolongodo mar epera o çertaõ deto da aterra que couber nade marcaçaõ deste estado , depois lhefez merçe daterra daBaja comseus reconcauos . Ecomo esteesforçado Capitaõ tinha o anjmo Incanssael não areçeou de Jr pouoar asua Cap^{ta}

Fólio 56

empessoa e fez se prestes com muitos moradores cazados eo utros
soldados que embarcam em huã Armada que fez asua Custa
com aqual partio do porto delixboa . e com bom uento fez
sua vige até entrar na Baja , e de zdembarco u da ponta
do padram dela pera dentro e fortificou se onde agora cha
maõ avila uelha , em o qual sitio fez huã pouoação e for
taleza sobre o mar, onde este uo depaz com o gentio os prj-
meiros annos, E mo qual tempo os moradores fizeraõ suas
Rosas elauoras . Desta pouoação pera dentro fisseraõ hũs
Homẽs poderosos que com elle foraõ dous engenhos da
Suquar que depois foraõ queimados pelo gentio que se
aleu antou , e destruiu todas as rossas E fazem das
polas quaẽs mata raõ muitos homẽs. enos Engenhos
quando deraõ nelles. Por este aleu antamento a fran^{co} Pr^a
em grande aperto por que lhe ser quaraõ avila e fortale
za tom ando lhe agoa e mais mantimentos os quaẽs
neste tempo lhe uinhaõ por mar , da Capitania dos Jlheos
os quaẽs shiaõ buscarda vila as embarquaçoẽs com
grande risco dos sercados que estiueraõ nestes traba
lhos, ora sercados, ora com tregoa s sete ou oito annos
nos quaẽs passaraõ grandes fomes , do enças E m il em fer
midades digo em furtunios , a quem este gentio Tupinã
ba cada dia mata u agente, com o que se hia opou quen
tando muito , ho m del he mata raõ hũ filho bastardo e
algũs parentes e outros homẽs denome com o que

Fólio 57

Agente queestaua com francisquo Pr^a. dezesperada depoder
Registir tamtos anos, atamanha etal apertada guerra se
detreminou comele apertandoo que ordenasse de ospor emsaluo
Antes que se acabassẽ de consumir empoder de jnimigos. tam
Crrueis , que aJnda não acabauaõ dematar hũhomẽ , quãdo
o espedaçauaõ ecomiaõ, evendo este Capitaõ que asuagen
te que heraJatampouca muj detremindada ordenoudeapor
Emsaluo , epasouse [*] por mar com ella em hũsCaraueloẽs
quetinha no porto peraaCapitania dos Jlheos doquese espan-
tou ogentio muito eaRependido da roim Vezinhemça que
lhetinhafeito , mouido tambem dese uerece uendoque
Como seforaõ os portugueses lhe hiasaltando o resgate
que lhe elles dauaõ atroquodemantimentos ordenaraõ
de mandar chamar fran^{co} Pr^a, mandandolheprometer toda
ápaz, e boa amizade, o qual recadofoi delle festejado e
embarco usselogo com alguãgente emhũCarauelaõ que
tinhae em outro em que uinha Diogo Alueres dalcunha
o Caramaru . grandelingoa do gentio . e partiosse pera A:
Baja e querendo entrar pela barradentrolhe sobre uejo
muito vento etromentosso que olançou sobre os baixos
daIlja deTapariqua . honde deu aCosta , mas saluo use
agentetoda deste naufragio , mas não das mãos dos To-
pinambas que veuiaõ nesta Jlha, os quaẽsse as~untaraõ e
atreição mataraõ afran^{co}Pr^a, e agente doseuCarauellaõ
do que escapoudiogo alueres Com os seus com boa linguaẽ -

Fólio 58

Desta maneira acabou as mãos dos Tupinambas oesforcado Ca
ualeirofranco Pra. coutinho cujo esforço não podiaõ Remder
os Rumes , e malauares daJndia , efoi rendido destes
Barbarros , oqual não so mente gastou auida nestapertem
çaõ, mas quanto em muitos annos ganhou naJndia Com
tantaslaçadas , e espingardadas , eoque tinha emPortu-
gal com oque deixousua molher efilhos postos no hos –
pital__

Cap.29. emquetornaacorrer ã
costa, e explicar aterra dela dapõ
ta do Padraõ ate o Rjo deCamamur .

Naõ tratemos daBaja mais particular mente por orap~
quelhe não cabe neste lugar dizer mais , perano seuse dizer
oprometido, pois asua conta sefez este memoreal dequẽ
pegaremos como a Cabaremos deCorrer acosta, efar lhe
hemos seu ofício d a mi lhor maneira quesou beremos : E
tornamdo aponta do Padraõ dela que esta em altura de
treze graõs esforçados diremos que destaponta adomoro
des aõPaulo naJlha deTinhace saõ noue legoas o u dez
aqual ponta esta em treze graos Emeio Ecorresse Com
apontado Padraõ nordestesudueste , faz estaIlha de
Tinhare daBanda do sul hũ morro , esCaluado quese
diz desaõ Paulo , acuja abrigda anco raõ naos detodo
porte , equem quiser entrar destaponta pera demtro

Fólio 59

Podehir bem cheguado ao morro e achar afundo desinquo
Eseis braças . Nesta Ilha de Tinhare Junto do morro , esteue
apimeirapouoação da Capitnia do Ilheos , donde despouoa
raõ logo por não contentar aterra aos primeiros pouadores ,
aqual Ilhaesta tão chegada aterra firme queno mais es
treito não á mais canal que de hũ tiro despinguarda De
terra aterra, De Tinhare allha deBoipeua são quatrole
goas . esta Ilha possuem os Padres da companhia do Colegio da
Baja , aqual e á de Tinhare , estão pouoadas deportugue
zes que despejaraõ aterrafirmecom medo dos Aimores q~
lhes destrruijaõ asfazendas , e matareaõ muitos es Crauos .
DeBoipeba ao rio do Camamu são treslegoas , oqual esta
em quatorze graos , Tem este rio do camamu huãboqua
grande enela huãilha pequena perto daponta dabanda
do norte etem bomCanal perapoderem entrar nele na os
grandes , as quaẽs aõ de entrar chegadas apontada banda
do sul . onde tem seis esete braças defundo. Da barra des
te rjo pera demtro tem huãfermoza baja , com muitas rj
beiras quese nela metem , onde sepodem fazer muitos em
genhos , Este rio he muito grande enotauel eVem de
muitoLonge oqual senauega dosalgado pera sima sinco
ouseis legoas , ate acaçhoeci ra quelhe empede não se na
uegar mui taslegoas , porque polo sertoã sepode nauegar
por que tras sempre muita agoa , cujaterro com dez lego
as deCosta possuem os Padres daCompanhia por lhefazer

Fólio 60

della doação Mendesá , os quaẽ s. Padres acomessaraõ apouo
ar, ealgũs moradores outros, mas todos despejaraõ . por man
dado dos Ajmores que lhes deu tal trato queosfez passar
dalj peras asIlhas de Boipeba ETĩnhare eCorrese aCosta
desta Ilhaao camamu , mortesus pouco mais ou nemos_

Capo.30.emquese declara aterraq
ha do rio doCamamu Ate osIlheos

Este rio do Camamu esta emaltura dequatorze graos
Edele aos das contas saõ seis legoas , cuja costase Corre
Nortesul . Tem este rio das contas , aque os Jndios chamaõ
Jussiape pera oconheçer quem uem demar emfora sobre
Aboqua hũs campinhos descubertos domato , e ao mar huã
pedra como Ilheo que esta namesma boqua, pelaquaL
entraõ nauios deonesto porte , por que temfundo eCanaL
pera isso bem cheguado aestapedra . Este rio uem de
muitolongeetras mais agoa sempre que o [R]jo , oqualse
nauega dabarra pera dentro seteou oitolegoas ate A
caçhocira e delaperasima sepodetam bem nauegar
porterfundo pera isso ehe muitofarto depescado ema-
risco ede mui taCaça , cuja terraegrosa Eboa Etem
muitas ribeiras pera engenhos Ese uem meter neste
rjo , os quaẽ s se deixaõ defazer por respeito dos Aim
res pelo que naõ estapouoado . o qual esta emquatorze

Fólio 61

graos e hũ quarto . Deste rio das contas a duas legoas esta ou
tro que se chama o vemo am , e dele ahuãlegoa esta outro Rio
que se chama Japarape os quaẽs se passaõ auao ao longodo
mar que tambem estaõ despouoados . De Japarape, ao rio de
Taípe são tres legoas , este rio de Taípe uem de muito lomge
Em o qual semetem muitas ribeiras , eofazem [caudelojo]
cujo naçimento hedehuãalagoa que tem emsj duas Ilhas
da alagoa pera baixo , e perto do mar tem o utra Ilha e
hũ Engenho muj possante deluis aluarẽs despinha, já
to do qual engenho estahuã lagoa grande de agoadoçe
Em quese tomaõ muitas arajas e outro pexe do mar e m^{tos}
pexes Bois coussa que faz grande espanto por se não achar
pexedo mar em nenhuãs alagoas . De Taípe ao rio de São
Jorge que he dos Ilheos são duas legoas , a qual terra hẽ
toda boa e esta muita dela aproueitada com engenhos
da suquar, ajnda que estaõ muj apartados com estapraga
dos Aimores , e peras econheçer abarra dos Ilheos hase
de uir Correndo acosta auista da praja peras poderem
uer os Ilheos por quesaõ pequenos ; Etres, e entre a terra e
o Ilheo grande ha bom sorgidouro , eos nauios que ouerem
de ant[er] no rio uão polo canal que esta nortesul cõ
Ilheo grande onde os nauios estaõ seguros com todo ho
tempo , e tambem o estaõ asombra do Ilheo grande. este
rio tem algũs braços que se nauegauaõ com Carauelloẽs
e barcos pera o seruiço dos engenhos que tem Cujaterra,

Fólio 62

hemuito fertil e grossa E de muita Cassa , eo rio tem grãdes
pescarias emuito marisco , o qual esta em altura de quin-
ze graos escassos e Correse acosta dele ao rio das Contas
Norte Sul_.

Cap.31. em que se contẽ como se Come
çou de pouoar a Capitania dos Ilhe-
os por ordẽ de Jorge de fegeiredo Correa

Quando ElRej Dom Joaõ de portugal Eterceiro do no
me repartio parte da terra da Costa do Brasil em Ca-
pitania fez merçe de huãdellas com çincoenta legoas
de Costa, a Jorge de fegueiredo Correa escriuaõ de sua
fazenda , a qual se comesa da ponta da Baja do sul
da banda do sul, que se entemde de da Ilha de Tinhare
como esta Julgado por sentença que se bre este Casso deu
Mendes áa sendo gouernador , e Brás fragozo Semdo
Ouuj dor geral E prouedor mor do Brasil , e ja corrẽ do
Aolongo da costa çincoenta legoas , e como Jorge de fe-
gueiredo por respeito deseu carregõ não podia vir pouoar
esta sua Capitania em pessoa ordeno u de mandar fazer
por outrem , pera o que fez prestes acusta de sua fazenda
huã frota de nauios com muitos moradores , prouidos
do neçessario , pera anoua pouoação e mandou por seu
logo tente ahũ Caualeiro castelhano muito esforçado,
exprementado e prudente que se chamou fran^{co} Ro[m]r^o

Fólio 63

Oqual partio do porto delixboa com sua frota Efezsua uiagem
pera esta costa do Brasil , e foi ancorar e desembarcar no Por-
to de Tinhare, e comessou apouoar ensima no morro desaõ
Paulo , do qual sitio senão satisfez , e como foi bem uisto e des-
cuberto. o rio dos Ilheos que así se chama, pellos que tem de
frente da Barra, donde a Capitani a tomou nome, se passou
com toda agente pera este rio onde se fortificou e asentou
avila desaõ Jorge, onde agora esta, e ma qual teue nos
primeiros annos muitos trabalhos de guerra com o gentio
mas como eraõ tupiniquins, gente melhor acondiciona-
da que o outro gentio fez pazes com elles e fez lhe tal compa-
nhia que com seu fauor foi a Capitania em grande Creçim-^{to}
onde homẽs ricos delixboamandaraõ fazer engenhos da
suvar com que se aterra em no breço muito, a qual Cap-^{ta}
Jeronimo delarquaõ filho segundo, de Jorge de fegeiredo
com licença de sua Alteza uendeo alucas giraldes que
nela meteo grande cabedal , com que a engrandeço de
maneira que ueio ater oito engenhos ou noue, mas deu
nesta terra estapraga dos Aimores, defeição que não ha
já mais que seis engenhos e estes não fazem asuvar
nem ha morador que ouzede Prantar canas, pique
em hindo os escravos ou homẽs ao Campo, não esCapaõ-
a estes alaruẽs com medo dos quaẽs fogem agitados
Ilheos pera a Baja, Etem aterra quassi despouada A-

Fólio 64

qual se despouoara de todo Sesua Mag.^{de} com muita instancia
lhenaõ valer , Estavilafoi muito abastada Eriqua , Eteue
quatro çentros ate quinhentos vezinhos em a qual esta
hũ mustro de Padres da Companhia e outro que se aguora
Começa de São Bento, enaõ tem nen huã fortificassãõ_
nem modo perase defender de quem aquisser afrontar_

Cap.32. em que se declara quẽ sãõ
os Aimores e Sua Vida e Custumes

Pareçe Rezaõ quenaõ passemos avante sem de clarar que
gentio he este aque chamaõ Aimores que tanto dano tem
feito a esta Capitania dos Ilheos segundo ficadito Cujã
Costa era pouoada de Tupini quis os quẽs a despouoaraõ cõ
medo destes brrutos , e seforaõ uiuer ao serto dos quẽs
Tupini quis naõ haja nesta Capitania senaõ duas aldeas
que estaõ Junto dos engenhos de Anrrique Luis asqua
is tem Ja muito pouca gente . Deçendem estes Aimores
doutros gentios aque chamaõ os Tapujas dos quẽs no tpõ
atraz se auzentaraõ sertos Cazais e seforaõ pera huã
Serras muj as peras fugindo ahũ disbarate em que os
pusseraõ seus contrarios onde rezi di raõ muitos aimores
sem verem outa gente , eos que destes desenderaõ –[**]
raõ a perder alingagem e fisseraõ outra noua quese

Fólio 65

naõ emtende de nenhuãoutra nação do gentio de todo este
estado do Brasil, esaõ estes Aimores taõ saluagẽs , que dos ou
tros barbaros saõ auidos pormais que barbaros , algũs setoma
raõ ja viuos em Posto seguro enos Jlheos quese deixaraõ morrer
debrrauos . sem querer em Comer , comesou este gentio asajrao
mar, no rio das Carauellas Junto de Porto seguro e Correestes
matos e pra[ja]s ate or[i]o de Camamu, e da j uejo Ja dar saltos
perto d e Tinhae, enaõ desem apraja se naõ quando vem dar
saltos _ Este gentio tem a Cor de outro mas saõ de maiores Cor-
pos , e maos robustos Eforçozos , naõ tem barbas nẽ cabellos
mais no Corpo que os da cabeça por que os aranquaõ todos_
Pelejaõ com arcos e frechas muito grandes , E saõ tamanhos
frecheiros quenaõ e rraõ numquatiro , saõ muj ligeiros-
amarauilha, e grandes Corredores, naõ uiuem estes barCa
ros em aldeas nem cazas , como o o utro gentio, nẽ ha quem
lhas uisse nem saiba, nem desse com ellas , polos matos ate
oje , andaõ sempre dehuãparte pera aoutra pellos Campos
ematos, dormẽ no chaõ sobre folhas , es elhes choue a Ru
maõse ao pee dehuãAruore, onde engen haõ huã folhas por
sima quanto os cobre, asentamdose em cocras, enaõse
lhe açhou ate agora o utro rastro degazalhado_ Naõ
Custumaõ estes alrues fazer rossas nem prantar nenhũs
Mantimentos , mante msse das fruitas siluestres, eda Cassa
quemataõ , aqual comẽ Crrua ou mal asada , quando tem

Fólio 66

fogo, machos Efemeas todos andaõ trosquiados etrosquiãse
Com huãsCanas quecortaõ muito . Asua fala he rouqua da
Voz, aqual aranquaõ dagarganta com muitaforça , e
Naõsepodera escreuer como Vasconseo , Viuem este sBar ba
ros desaltear toda asorte degentio que en contraõ enũ
quase uiraõJuntos mais que uinte ate çincoenta, frechej
ros , naõpelejaõ com ninguem de rost[*]o , arost[*]o, toda asua
briguahe atreçoãda, daõ saltos polas rossas eCaminhos
por[*]onde andaõ esperando, o outro genrio etoda asorte de
Criatura, emsiladas detras das Aruores , Cada hũpersj ,
Donde naõ erraõ tiro , etodas as suasfrechas empregaõ
Eselhefazem rostologofogem cadahumpera suapar
te, mas como uem agente desman dada fazempara da
ebusquaõ honde fiquem esCondidos , ate quepassem os-
que os seguem e daõlhe nas costas empregando assuas
frechas avontade_ Estes Barbaros naõsabem nadar e
qual quer rio que se naõpassa avao bastapera defenssaõ
delles, mas perao passarem vaõbuscar o Vao muitasle
goas polo rio asima Comẽ estes saluagens Carnehumana
pormantimento, oque naõ tem o o utro gentio que anaõCo-
mẽ senaõpor Vingamça, desuas brrigas , e Antiguidades
deseus o dios _ A Capitania dePorto ceguro e adosIlheos
estaõ destrruidas, equassi despouoadas com o tem ordes
tesbarbaros , Cujos engenhos naõlauraõ asuquar

Fólio 67

Por lheter em mortos todos os escrauos e gente delles e a das ma
Isfazendas , e os que escaraõ desuas maõslhe tomaraõ ta-
Manho medo que ense dizendo Aimores , despejaõ asfazẽ das
e cada hũ trabalha por sepor em saluo , o que tam bemdazem
oshomẽ sbrancos dos quaẽ s tem morte estes alarues de ujn-
tasinco annos aestaparte que esta praga presegue estas
duas Capitancias mais de trezentoshomẽ s Portuguezes
e detres mil esCrauos . Custumauasse ordinaria mente
Cartearemsse os moradores da Baja com os dosIlheos e atraue-
ssauaõ oshomẽ s este caminho aolongo dapraja comolheCon
uinhasem auer perigo mrnhũ oque estes Aimores Vieraõ A
sentir e detreminaraõssede uirem Vegiar estas prajas e
esperar agente queper ellas passaua , onde tem mortos eCo-
mestos muitos homẽ s emuitos mais esCrauos , esaõ estessal
teadores tamanhosCoreedores que lhes não esCapaua ninguépor
peis, saluo os queselhe metiaõ nomar onde se elhes não atre
uem aentrar , mas andao esperando quesejaõ aterra ate a
noite que se recolhem pelo que esteCaminho estaVedado , e não
atrauesa ninguempor ele senaõ com muito risco desuapesca;
e[s]esenaõbusca alg ã remedeo pera destruirem estes alarues
Elhes destrruiraõ asfazendas daBajapera onde Vaõ Cami=
Nhamdo dese uagar , eComo elles são tão esquiuos, agrres-
tes e enemigos detodo ogenero humano , nãofoi possiuel
saber mais desua uida eCusthumes eo que estadito deue_.

Fólio 68

Bastar por agora etornemos apegar da costa Comessan do dos
Jlheos por diante_

Cap.33.em que se de clara a Costa
Do rio dos Jlheos ate o rio grãde

Parasatis fazeremos com o prometido , con[*]em que digamos
que terra Corre do rio de São Jorge dos Jlheos por diante ,
do qual aduas legoas esta o outro rio que se diz Cur urupé
Deste rio asinco legoas estão o outro rio que se chama [*]
pe , e em nenhũ deles podem entrar barcos por não terem
barra pera isso cuja costa he de praja Elimpa e terra
por dentro baixa a longo do mar . Deste rio ao rio gran
de são sete legoas o qual este em quinze graus e meio
E tem na boqua tres moutas de mato que do mar pareçẽ
Jlhas por onde he muito bom de conhecer . Na ponta da ba-
rra da banda do norte da parte fora tem bom abrigo
pera entrarem naujos da Costa e ancorarem os quaẽs
Entraõ neste rio se querem em cujo canal na barra tem
duas braças , depois huã e da j por diante, tres, equatro,
e sinco braças . Este rio se nauaguapor ele asima em
barcos, oito ou dez legoas, neste rio sera huã pouoação
muito prouetossa por ser muito grande , E ter g randes
pescarias , e muito marisco e cassa Cujã terra he m^{to}
boa onde se daraõ todos os mantimentos qllhe plantarẽ -

Fólio 69

e Corresse acosta deste rio grande ao dos Ilheos norte sul.
Este rio uem de muito longe , etras sempre muita agoa egrã
de Correnteza pelo qual ui eraõ abaixo algũshomẽs dos que
foraõ aserra das esmeraldas, com Antonio diaz adorno , os
quaes uieraço em huãs embarcacoẽs aque chamaõ Canoas
que são dehũpao que tem acasqua muito dura eomais m^{to}
mole, oqual cauacaõ com qual quer ferramenta demanr^a_
que lhe deitaõ todo o miolo fora Efica somente acasca eha
destas aruores alguãs tamanhas quefazem delles Canoas q~
leuaõ deVinte pessoas pera sima . Bastião fernamdez tourj
nho morador emporto seguro com sertos companheiros entrou
pelo sertão ond[*]e andou algũs mezes a uentura semsaber
por onde caminhaua emeteosse tanto pelaterra dentroque
seachou em dereito do rio deJanr^o, oquesouberaõ pela altu-
ra dosol que este bastiãofernandez sabia muitobemtomar
epor conhecer aserra dos orgaos que caé sobre orio dejanro
e chegando ao Campo grande acharaõ alagoas eriachos
quese metiaõ neste rio grande , euindo com [orosto] ao no
roeste deraõ em huãsserras depedra por onde caminharaõ
obrra detrinta legoas , etornamdo aleste algũs dias deraõ
em huãAldea de Tupiniquis Junto dehũ rio quese chama
orozagripe , eforaõ por ele abaixo com o rosto ao Norte
uinte Eoito dias em Canoas em quaẽs andaraõ oitenta
legoas : Este rjo tem grande Correnteza eentraõ nele.

Fólio 70

dous rios outros da banda de leste e outro da banda de leste e outro da banda de
loeste com os quaẽs seuem meter est[*]e rio Orazoagipe no
Rio grande e depois que entrão nelle nauegua^{ras} nas suas
Canoas por ele abaixo uinta quatro dias em os quaes Che
guaraõ ao mar uindo sempre com aproa ao loeste, Efazen-
esta gente sua uiagem achou no sertão deste rio no
mais largo dele, que sera Em mejo caminho do mar/
Vinte Ilhas afastadas huã da outra huãlegoa , e aduas ,
e atres, E mais, e acharaõ quarenta legoas da barra
pouco mais ou menos hũsumidouro que Vai por baixo
da terra mais de huãlegoa quando he no ueraõ q ueno
Jnuerno tras tanta agoa que alaga tudo . Do sumidouro
Perasima tem este rio grande fundo , E a partes té possos
que tem seis E sete braças por onde se pode nauegar em
grandes embarçaõẽs, equassi to da a terra de longo dele
he muito boa _

Cap.34. em que se de clara a Costa do

Rio grãde ate o desancta Cruz _

Do rio grande ao seu braço são duas legoas pelo qual
braço entraõ Carauelloẽs q por ele uão entrar Em ho
mesmo rio grande nea legoa da barra perasima . do
braço do rio grande ao rio boiquisape são tres legoas
E de boiquisape aponta dos baixos de sancto Antonjo _

Fólio 71

São quatro legoas . e da ponta de sancto Antonio ao seu
Rio he mea legoa . So rio de sancto Antonio , ao descer
Namdetibe são duas legoas . e deste rio de sancto Anto
e da sua ponta á te orio de sernamdetibe estão huũs
baixos com canal , entre elles ea Costa , por onde entram
barcos pequenos . Pola ponta de sancto Antonio emais
ao mar ficaõ huũs arriçifes do mesmo tamanho Com
Canal entre huũs e os outros . e de frente do rio de sancto
Antonio, tem estes arriçifes do mar huũboqueiraõ poró
de pode entrar huã nao e Jr anco r ar polo Canal que se
faz entre huũ arriçife eo outro , onde estarasegura
No mesmo arriçife domar esta outro boqueiraõ por on
de se podem entrar Caravelas da Costa. De frente do rio
de sernamdetibe polo qual se pode Ir buscar o porto.
Do rio de sernamdetibe ao de sancta .+. são duas legoas
onde esteue huũ engenho da suquar. Neste porto de sancta
Crus entram naos da India de toda a parte, as quais
entram com a proa a leste, esurgem em huã Em
seda como concha, onde estão muito seguras de to
do o tempo. Este rio de sancta .+. esta em dezeseis
graus e meio e Corre a Costa do rio grande ate este
de sancta Crus nordeste sudueste o que se a de fazer

Fólio 72

afastado da terra duas legoas per amor dos baixos . Neste
porto de sancta.+ esteu pedr alueréz Cabral qu a n do ja
pera a India , edescobrio esta terra, e aqui tomou posse
dela onde esteu avila de sancta.+ a qual terra esta
uapouoada então de Tupiniquis~ que senhoreauaõ esta
Costa . Do rio de Camamu ate o de cricare, de cuja uida e
Feitos diremos ao diante . Esta uila de sancta Crus sedes
pouo ou donde esteu , e a passaaraõ pera Junto do rio de
serra de Tibete, por a terra ser mais sadia e a como dada
pera os moradores Viuerem_.

Cap.35 . em que se declara a Costa

E terra dela do rio de sancta Crus

Ate Porto seguro_.

Do rio de sancta .+ . ao de Jtacumirim em uma legoa, onde
Esteu o engenho de Iaõ darocha. Do rio de Jtacumirim
Ao porto seguro he uma legoa e entre hũ e outro esta
hũ riacho que se diz de saõ franc^{co}, Junto das Barreiras
Vermelhas , de fronte do rio Jtacumirim ate o des^{ta} Crus
Vai hũa ordem de arriçifes , que tem quatro boqueiros
por onde entraõ barços pequenos e faz outra ordem de
arriçifes baixos mais ao mar que se comessaõ de fronte do

Engenho

Fólio 73

engenho de João darocha , E por antre hũs arriçifes eos outros
ea barra de porto seguro, por onde entraõ naos de sesemta toneis
esehe naujo grande, tomamea Carga em Porto seguro evai a
Cabar de carregar, em santa . +.. Porto seguro esta em dezesseis
graos, e dous terços e quem uem de mar emfora ua com boa Vi
giapor amor dos baixos, epera conhecer bem a terra olhe pera
ope dauila que esta em hũ alto e Vera huãs barreiras Ver
melhas que he bom aluo ou baliza pera oconhecer, entra
se este rio leste oeste com aproa nestas barreiras uermelhas
ate entrar dentro do arriçife, e como estiuer dentro uacõ A-
proa ao sul, Eficara dentro do ~~arriçife~~ Rio da outra banda
dos baixos. contra o sul esta outra barra por onde entrão na
uios do mesmo porte, quẽ entrar por esta barra , como estiuer
dentro dela descobrira hũ riacho que se diz desaõfran^{co}
e como o descobrir ua andando per dentro ate chegar ao
Porto , De Porto seguro ha uila de sancto Amaro he huãlegoa
onde esta hũ[*] piquo alto em que esta huã Irmida de
N. snorã da Juda , que faz muitos milagres . De S. Amaro ao
Rio de Iorarom he huãlegoa onde esta hũ engenho que
foi de Manoel roi~z magalhais , e junto a este engenho esta
huã pouoação que se diz de sãtiago do alto em o qual rio en-
traõ Caruelois , Deste rio de Tororom ao de Maniape são
duas legoas e antes de chegarem a elle estão as Barreiras

Fólio 74

Vermelhas que parecem aquem uem do mar rochas depe
dra . Dorio de Maniape ao de Vrubuguape he huãle
goa onde esta oengenho degonçalo pi~z. Do rio de Vrugua
pe aorio dosfrades hehuãlegoa onde entraõ barcos . e
Chamase dosfrades per se nele afoguar hũ nos tempos
atrax. Dorio dosfrades ao de Jnsuasema são duas Le
goas onde estaua huã uila que se despouo ou o anno de
i564 – pela grande guerra que tinhaõ os moradores dela
com os Aimores . Neste lugar esteue hũ emgenho honde
Chamaõ aponta de corurunbabo~.

Cap.36.emquese de clara quẽ po-
uo ou aCapitania dePorto seguro

Naõhe bem que passemos mais aVante sem de clararemos
Cujahe esta capitania deporto seguro , equẽ foi opouoador
dela , da qual fez ElRej Dom Joaõ o 3.º [*]Deportugal
M. apero do campo to urinho quefoi hũ Caualej ro natural
daVila de uiana dafoz delima, homẽ, nobre, esforado
prudente . e muito uisto na Arte do nauegar . Cuja do
açãõ foi de çincoenta legoas decosta como as mais que
ficiaõ declaradas perapero do Campo poder pouoar esta
Capitania Vendeo todasua fazenda , eordenou asuaCusta

Fólio 75

Huãfrota de nauios quefez prestes em aqual se embarcou cõ
Sua molher, Efilhos emuitos moradores cazados seus parentes E
Amigos eoutramuita gente comaqual separtio do porto deVia
na, ecom bomtempofoi demandar aterra do Brasil, Efoi to-
mar porto no rio deporto seguro onde desembarcou comsuagente
ese fortificou no mesmolugar , onde agora esta aVila cabeçades
ta Capitania , Aqual em tempo dePero do campo floreceo Efoj
muj pouuada degente; a qual e deficoumais aVila de sancta
Crus, eadesancto Amaro ; deque Jafalamos . Eemseutempo
Seordenaraõ algũs engenhos dasuquar . noque teue os primr^{os}
ann os muito trabalho com aguerra quelhefez ogentio Tupi.
niquim que Veuia naquelaterra, o qual lhefoi taõCruel
que o teue çerquado por muitas vezes Eposto emgrande aperto
com o quelhe mataraõ muita gente , mas como asentaraõpa
zes ficou ogentio quieto,e daj por diante aJudou aos mora
dores fazer suas roças efazemdas atroquo do resguate que
por isso lhe dauaõ . Por morte depero campo ficou estaCapitania
mal gouernada cõ seufilho queapos ele durou pouco, A
qual se começou logo adesbaratar . Aqual erdou hua[*]
filha depero do Campo , quese chamou lianordo Campoque
numqua Cassou . esta lianordo campo com Licença delRej uẽ
daVeiro por çem mil res~ dejuro, oqual afauoreceo muito

Fólio 76

Comgente e capitão que agouernasse, e com nauios que á ella
todos os annos mandaua com mercadorias, onde mandou fazer
asua custa engenho dasuquar, E prouocou a outras pessoas
dacidade de lizboa a que fizessem outros engenhos, Em cujo
tempo os . Padres da companhia de Jhuê Edeficaram na Vila de por
to seguro hũ muste^o onde rezidem sempre dez ou doze Re
ligiosos que gouernam a Jnda agora algua^s Aldeas de Tupi
niquis e paos^q que estão nesta Capitania, Em aqual ouue
Em tempo do Duque sete ou oito engenho^s dasuquar onde
se lauraua casam^{to} muito que se trazia a este Rejno E muito
Pao da tinta do que na terra ha muito. Nesta Capitania
Senaõ deu numqua o gado Vacum por respeito deserta erua
que lhe faz camaras de que uem amorrer, mas dase ao outra
Criação , de egoas Jumentas, E cabras muito bem, Dos Ju
mentos atanta cantidade na terra que andam brauos pelo
mato em bandos E fazem nojo as nouidades , os quaes fiqua
ram no Campo dos moradores que desta Capitania se passaram
para as outras fogindo dos Aimores , em aqual tem feito
taman ha destruição que não tem Jamais que hũ Engenho
que faça asuquar , por terem mortos to dos os es Crauos[*]
dos o utros e muitos Portuguezes , pelo que estão despouo
ados , E postos por terra , e a Vila de Sancto Amaro , e a de
Sancta .+. quasi despouoadas de todo , e a Vila de Porto seguro

Fólio 77

Esta mais dinificada Efaltademoradores , em aqual se dão
As canasda suquar muito bem , emuitas Vuas, figos, Romas,
Etodas asfrutas despinho , onde agora defrol he finissimo E
seleua aVender aBaja portal. Esta Capitania parte com A
dos Jlheos pelo rio grande pouco mais ou menos , epola outra
parte co ado spirito sancto deVascofernandez Coutinho peraonde
himosCaminhando~.

Cap.37. emquese de clara aterra eCosta

DePorto seguro ate oRio dasCarauelas-

DaVila dePorto seguro aponta de corurambab[*] são oito lego
as , cuja costa se corre Nortedul ; esta ponta he baixa Ede A
rea , aqual aparece no cabo do arriçife, edemora ao noroeste
E esta em altura de 17. Graos ehũ quarto , este arriçife E
perigozo , e corre afastado daterra legoa Emeia , Dapon-
ta de corurum babo ao cabo das Barreiras brancas são seis
legoas a te ondecorre este arriçife que comesa daPonta de
Cururum babo, pelo que ate ocabo destas barreiras bramcas~
seCorre esta costa por aqui afastado daterra legoa e mea-
Do Cabo das Barreiras brancas ao rio dasCarauelas sam
sinco ouseis legoas em o qual caminho ha algus~baixos que
arrebentaõ emfrol, do que se aõ deguardar com boaVigia

Fólio 78

osque por aqui passarem , e defronte de Jucuru esta huã[Pa]
dela debaixo que não arebentaõ que he neçessario que
sejaõ bem vegiados, e corre a costa de Cururumbab ate este
Rio das carauelas Norte Sul , o qual esta em 18. graos . Tem
este rio na boqua huã Ilha de huãlegoa que lhe faz duas
barras, a qual estapouada com fazendas , e Criacoes~ de
Vacas que se dão nela muito bem. por este rio asima entraõ
Carauelos~ da costa, mas tem na boca da barra muitas Ca
Beças roãs pelo qual entra amare tres ou quatro legoas e
Senaueguaõ com barcos . ha terra por este rio asima he m^{to}
boa em que se dão todos os mantimentos que lhe plantaõ m^{to}
bem e pode-se aqui fazer huã pouoação , onde os moradores
dela estaraõ muito prouidos, de pescado, marisco, E muita
Caça que se portoda aquela terra ha . este rio uem de m^{to}
longe, E pelo sertão he pouoado de gentio bem acondicionado
do E não faz mal aos homes~brancos , que uão por ele asima
para o sertão. Aqui neste rio foi desembarcar Antonio di
az adorno com agente que trouxe da Baja quando por
mandado do gouernador Luis de Brito da Almeida foi ao
Certaõ no descubrimento das esmeraldas, E foi por esterjo
Asima com çento e çincoenta homes~, e quatro Centos Indios de
Paz e es Crauos e todos foraõ bem tratados E reçe
bidos do gentio que acharaõ polo Certaõ deste rio das
Carauelas

Fólio 79

Cap.38. emquesedeclara Aterra quẽha

Do Rjo das Carauellas ate Cricare~

Dorio das Carauellas ate orio dePeruipe são tres legoas asque
is senauegão pelo canal Jndo correndo acosta . Neste rio em
traõ Carauelois da costa Juntodaqualterra faz huãponta
grosa ao mar degrande aruoredotoda amais terrahe
baixa . Do dereito destaponta secomessaõ os ab rolhos Eseus
baixos, mas antre os baixos e aterra hafundo de seis Esete
braças huãlegoa ao mar somente por onde uaj o Canal Des
te rjo Peruipe ao de Maruipe são çinquolegoas, o qual temna
boca huã barreira branca cõ lançol por onde he bom de conhe
cer, oqual esta em 18. graos Emeio . Por este rio Maruipe Em
traõCarauelois dacosta auontade , e a mareporele asimam^{to}
grande espaço cujaterra he boa Eperasefazer comta dela
perasepouoar por que a nela grandes pescarias, muito marisco,
eCaça . Deste rio deMaruipe ao deCricare são dez legoas . E
Correse acosta dorio dasCarauellas ate Cricare Nortetul E
Toma daquarta de nordeste sudueste; oqual rio esta Em
18.graos E3\4, pelo qual entraõ nauios de onestoporte Ehe
muito capaz perasepoder pouoar , por aterraser muito boa
ede muita Caça , eo rjo de muito pescado, emarisco, ondese
podem fazer engenhosdasuquar por se meterẽ nele mujtas.

Fólio 80

Ribeiras dagoa boapera elles , este rio uem de muito longe , ena
Uegase quatro ousinco legoas por elle asima, oqual tem na
barra dabanda do sul quatro abertas huãlegoa emais-
huã daoutra , asquaes~ estaõ naterra firme por sima da
Costa quehe baixa etem Aruoredo ede campinas, eque Vem
demar emfora pareçemlhe estas Barreiras digo aBertas
bocas derios, por onde aterra he boa de conhecer . Ate qui
senhorearaõ aCosta os Tupiniquis dequẽhe bem que digo
mos neste cap.o que se segue antes que cheguemos aterra
dos guajsacazes~

Cap.39.emquese de clara quẽsaõ

os Tupiniquis esuaVida ecustumes~

Jafica dito como ogentio Tupiniquim senhoreiu Epos ujo
Aterra da costa do Brasil ao longo do mar do rio do Ca
mamu, ate orio de Cricare, o qual tem agora despouoad_
toda esta comarqua fugindo aos Topinambas seus contra
rios que os apertaraõ per huãbanda, e os Aimores que os
Atendiaõ portodas, pelo que seafastaraõ do mar, Efogindo
ao mao tratamento que lhe algus~ homes~brancos faziaõ [p]
serempouco tementes adeos . Pelo quenaõ uiuem aguora
Junto aomar mais que os quesaõ xpaoE deque jafizemo

Fólio 81

Menção . comestegentio tiueraõ os primeiros pouoadores das cap.^{tas}~
dos Ilheos Eporto seguro Edado spirito sancto nosprimeiros A
nnõs grandes guerras Etrabalhos dequeem reçeberaõ mujtos
danos , mas pelo tempo emdiante uieraõ afazer pazes que
se cumpriraõ eguardaraõbem , departe aparte , edantaõ p^a
aguora foraõ os Tupiniquis muj fieis Everdadeiros aos Portu
guezes, estegentio eos Tupiuaes~ de cendemtodos dehũtrõ
quo enaõ setemporcontrarios uerdadeiros aInda quemuitas
vezes teuessem deferenças eguerras, os quaes~ Tupiuaes~ lhe
ficauaõ nas cabeçeiras pela banda dosertaõ com quẽ amor par
te dos Tupiniquis aguora estaõ misturados, este gentio E da
Cor baça mesma Eestatura que o o utro gentio dequefalam os
oqual tem alingoagem , uidaCuctumes, egentelidades dos Tu
pinambas aJnda que são seus contrarios em cujo titulo se de
clararaõ muj particular mente tudo oque sepode aleanssar,
eaJnda quesão contrarios os Tupiniquis dos Tupinambas não
ha antre elles nalingoa Ecustumes mais diferença daque
tem os moradores delixboa dados daBeira. mas este gentio e
mais domestico Everdadr^o quetodo o utro da costa deste esta
do, hegente degrande trabalho, eseruiço Esempre nas gerr
as aJudaraõ aosportuguezes contra os Aimores , Tapujas, E
Tamojos, como ore emdi afazem esses poucos que se deixaraõ
ficar Junto do mar , edasnossas pouoações~ comquẽ Vezinhaõ -

Fólio 82

Muito bem, os quaes~ são grandes pescadores delinha Caçadores e marinheiros são Valentes homes~ , Caçaõ,pescaõ, Cataõbaj laõ como os Tupinambas , Enas coussas daguerr asaõ muj indus- trriossos, eomésperamuito , dequem sefaz muita conta a seu modo antre o o utro gentio . –

Cap.40. emque se declara acosta de
Cricare ate orjo doce , edoque sedes
Cubrio por elle asima Epolo açeçi - ‘

Dorio de cricare ao rio doce , São 17 . legoas, as quaës se Corrẽ
Pela costa norteSul, oqual rio doce esta em Altura de 19.gra.
õs aterra desterio ao longo domar hebaixa Eafastada
da costa. por ela dentro tem arrumada huãserra que
pareçe aquem uẽ demar emfora que he amesma Costa
aboca deste rio he esparçelada bem huãlegoa Emea
ao mar, mas tem seu canal, por onde entraõ naujos, de
quarenta toneis , oqual rio se nauega pola terra dentro
alguas~legoas, cuja terra ao longo do rio por elaasima
he muitoboa quedatodos os mantimentos acostuma
dos muito bem, onde se daraõmuj bõs Canaueais dasu
quar selhos plantarem , esepodem fazer algus~ engenhos~
por ter ribeiras muj acomodadas peraelles . Este rio doce uẽ

Fólio 83

Demuito longe e Corre ateomar quasi leste oeste pelo qual hūbas
Tiaõfr'z tourinho dequẽ ya atrasfalamos fez huãentrada
nauegando por elle ateonde o ajudouamare cõ sertos compa
nheiros eentrando por hū braço asima quese chama Mandi ,
onde desembarcou eCaminhou por terra obrra deuinteLe
goas, com orosto aloessudueste ondefoi dar com huãAlagoa
aqueogentio chama boquademar por sermuito grandeefun
da da qual naçe hū rio quesemete neste rio doce Eleuam^{ta}
agoa, esta algoa creçe as Vezes tanto quefaz grande em
chente. Nesterio doce desta algoa corre este rio aloeste,
e dela a quarenta legoas tem huã cachoeira ean dando esta
gente ao longo deste rio que saé daalagoa mais de 30.legoas
sedetiuerão alj algūs dias . etornamdo acaminhar andaraõ
40 - [legoas] dias com orosto aloeste , no cabo delles cheguaõ
onde se mete este rio no doce . e andaraõ nestes 40. dias 70
legoas poucomais ou menos . ecomo estagente chegou aeste
rio doce eoacharaõ taõ possante fisseraõ nele Canoas deCas
ca emquesẽ barcaraõ Eforaõ por ele asima ate ondesemete
neste rio outro aquechamaõ aÇeçi , polo qual entraraõ
Eforaõ. 4 . legoas E[*]o cabo dellas desembarcaraõ Eforaõ
por terra com o r osto ao Noroeste onze dias Eatraueça-
raõ o Açeçi , eandaraõ 50. Legoas aolongo dele , daban
da do sul 30 legoas , aqui achou estagente huãs pedrrej

ras ~

Fólio 84

que tem huãspedrras verdoengas Etomaõ de azul quepa
reçem Turquescas, eafirmou ogentio aqui vezinho queno
simo deste monte setirauaõ pedras muito azuis , Eque a uja
outras quesegundo sua informação tem ouro muito desCuber
to, equando esta gente passou o Açice aderradeuraVez da
lj cinco ouseis legoas dabanda do Norte , achou bastiaõfer
namdez huãpedreira de esm eraldas , e outra de çafiras
as quaes~ estaõ ao pé duã serra chea daruoredos do tama
nho dualegoa , e quando estagente hia domar por este
rio doçe asima. 60 . legoas . ou 70 . da barra acharaõhuas~
Serras aolongo dorio de ar uoredos eEquassi todas depe
dra, Emquetam bem acharaõ pedras uerdes , e him do –
mais asima 4 . ou 5 . legoas da banda do sul esta outra
Serra , em que afirma o gentio auer pedras uerdes E
Vermelhas são cumpridas como dedo , eoutras azuis todas
muj resplandeçentes . Desta Serra pera abanda deleste
pouco mais huãlegoa esta huãserra que he quassi toda
de CristaL muitofino o qual tera emsi mui tas esmeraL
das eoutras pedras azuis . eCom estas informações~ que
Bastiaõferraz~ deu aluis deBrito sendo governador, man
dou Antonio diaZ aDonno como jaficadito atraz, o qual
achou ao pé destaserra da banda deleste as esmeral
das , eda doleste as çafiras , ehuãs eEoutras naçem

Fólio 85

mas todas baixas , mas prezumese que deBaixo daterra as
deuedauer finas , por queestas estauão afrol daterra,Em
muitas partes achouesta gente pedras desacustuma das de
grandepezo , que afirmaõ terem ouro Eprata , do quenaõ
trouxeraõ amostras por não poderem trazer mais que as~
p[essoas]rimeiras e comtrbalho , aqual gentesetornou pera
omar pelo rio grande abaixo como Jafiqua dito . eAntº.
Diaz adorno quandofoi aestas p[artes]edras serealheo por
terra atrauesando pelos Tupi[a]es~, epor antre os Tupinam
bas eEcom hũs e com outros teus grandes esCaramaussas~
eE commuito trabalho Erisco desuapessoa chegou aBaÿa
Efazenda de gabriel Soares desouza~.

Cap.41 . emquesedeclaraaCosta do
rio doce ateo do spiritosancto~.

Do rio doce ao dos Reimagos são oito legoas , efaz aterra de
hũ rio ao outro huãEnseada grande , o qual rio esta em
19 . graos emeo , eCorresseacosta dehũ ao outro nordeste
Sudeste . Naboca deste rio Rejmagos estaõ tres Ilhas re
dondas por onde he bom de conhecer , em oqual entraõ naujos
daCosta cujaterra he muitofertil Eboaperasepoder pouo

ar .

Fólio 86

Ondese podem fazer alguns~ engenhos dasuquar por ter rj
Beiras que se nele metem muj acomodadas pera isso naue
guase este rjo da barra pera dentro 4 . ou 5. Legoas em
o qual ha grandes pescarias emuito marisco , E no tempo.
que estauapouoadado do gentio auia nele muitos mantimẽtos
e Aqui hiaõ resgatar os moradores do Espirito San[*]to, o queCau
Saua a grande fertilidade da terra . Dos Rejmagos ao
Rjo das barreiras saõ oitolegoas , do qual rio sefas pouqua
conta . Dorio das Barreiras aponta do Tubaraõ Saõ . 4 –
legoas sobre aqual esta a terra de Mestre Aluísio . Da ponta.
do Tubaraõ, aponta do Morro de joaõ moreno saõ 2.legoas~.
onde esta a ulla de .Nossa Senhora da Victoria . antre huãpõta
e a outra esta orio do Espirito sancto , o qual tem de fronte da
Barra mea legoa no mar huãlagea de que se haõ deguar
Dar . em dereito desta ponta da banda do Norte duas Le
goas pela terra dentro esta a serra de Mestre Alux°, que he
grande E redonda, aqual esta afastada das outras se
rras, esta serra aparece, a quem uem de mar em fora muito
longe que he o por onde se conhece a barra . esta barra faz
huã Enseada grande , a qual tem huas~ilhas dentro, e
Correse esta barra pera dentro Nordeste Sudueste . A Primeira
Ilha que esta nesta barra se chama de Dom Jorge, E mais
pera dentro esta outra que se diz de Valentim Nunẽz

Fólio 87

1 Desta Ilha pera auila uelha estão quatro penedos grandes des
cubertos Mais perasima esta allha de Annavãz mais aVãte
esta o ilheo daVeuva . e no cabo desta Baja esta allha de Du-
arte delemos onde esta asentada auila do spirito san[c]to, A
5 qual se edeficou no tempo daguerra grande pe[*]los gajsaca
zes apertarem muito com os pouoadores daVila uelha . Defrõ
te da uila do spirito sancto, dabanda da uila uelha esta hũ
penedo muito alto apique sobre orio ao pe do qual senão a cha
fundo he capaz este penedo pera se edificar sobre ele huã
10 fortaleza, oquesepode fazer compouca despeza daqualsepo
de defender esterior ao poder do mundo todo este Rjo do es
pirito sancto esta Em Altura deVintegraos , Ehũ terço~

Cap.42.em que se declara como elRejfez m da capitania

Do EspíritoSancto a Vasco cõferraz coutinho eComoha

15 foi pouoar Em Pezoa ~.

Rezaõ tinha Vascoferraz coutinho dese contentar cõ os grandes
e eroicosfeitos que tinha com as armas acabado nas partes
daJndia . onde nos primeiros tempos desua comquista se A
chou no que gastou o melhor desua idade . e pasandosepera
20 estes Rejnos em busca do galardão deseus trabalhos pedio
em satisfação delles asua Alteza licença pera entrar Em outr^{os}

Fólio 88

Majores pedindo que lhe fizessem dehuãCapitania naCosta do Brasil por que a queria jr pouoar econquistar o sertão dela a cujo requerimento elRej Dom João o 3º. dePortugual satisfez fazendolhe m, de çincoenta legoas deterra aolongo da Cos ta no dito estado comtoda aterraperas osertão que coubese nasua de marcação , Comesando onde aCabase pero do campo capitão deporto çeguro . Comtente esteñi dalgo com a m. quepedio peras atisfazer agrandeza deseus penssamentos ordenou asua custa huãfrota de Nauios muj prouida demoradores , e das moniçoeș de Guerra neçessarias com todo o que mais conuinha aesta Eempreza , em a qual se embarcaraõ antrefidalgoș EE Criados delRej: 60 . pessoas defeito entre as quais foj Dom Jorge demenezes o de maluco , eDom simaõ deCastelo. Branco , quepor mandando desuaAlteza hiaõComprir suas penitências, aessaspartes . e mbarcado este Valerozo. Capitão comsua gente nafrota que estauaprestes partio do porto delixboa com bom tempo , e fez sua uiagem para o Brasil onde chegou asaluamento hasua capitania em aqual desembarcou , Epouoou aVila de Nossa Snorã daVis-toria , aque aguora chamaõ aVila uelha , ondeselogo fortificou, a qual Em breue tempo sefez huãnobreuila pera na quelas partes . Derrador destaVila sefezeraõ

Fólio 89

logo. quatro engenhos dasuquar muj bem providos e aCabados.
os quais comessaraõ delaurar asuquar como tiueraõ Cannas~
pera isso, quese naterrra deraõ muitobem. Nestes primeiros tem
pos teueVascofernamdez coutinho alguãs esCaramussas comho
gentio seuvezinho , com o qual seouue de feição que entendẽdo
Estes Indios quenaõ podiaõficar bem dopartido, seafastaraõ da
Vezinhamça doar por aquelaparte por esCuzarẽbrigas queda
Vezinhamça seseguiraõ. A este gentio chamão goajnazes dequẽ
diremos adiante . como Vascoferraz uio o gentio quieto e asuaCa
pitaniatanto aVante eemtermos defloreçer de bem em melhor
ordenou dese uir pera portugal perasefazer prestes doneçessa
rjo pera jr Conquistando aterra polo certaõ ate [**] descobrrir
ouro Eprata eaoutros negoços quelhe conuinhaõ , econsertã
do suas coussas como releuauasepartio, edeixou aDom Jorge
demenezes pera emsua absesia agouernar, ao qual os Tupini-
quis duã banda , e os goajnazes da outra fizeraõ tao Crruage
rra que lhe queimaraõ os engenhos, emuitasfazendas , e ho
desbarataraõ emataraõ asfrechadas, oquetambem fizeraõ
depois aDom Simaõ deCastelo branco que lhe çosedeo na Capitania
e aoutra muita gente Eposseram aVila em Çerquo , emtal
aperto que naõ podendo os moradores della rezestir ao poder
do gentio, adespouoaraõ detodo esepassaraõ allha de Duarte
delemos, onde aJndia estaõ , aqual Jlha seafasta daterra

Fólio 90

firme hum tiro deberço, esta vlla sepouoou de nouo Com
O titulo do spirito sancto , emuitos dos moradores não se aVendo
alj por seguros do gentio sepassaraõ pera outras Capitania~
etornamdosse Vascoferraz pera asua Capi tania , vendoataõ
desbaratada trabalhou todo possiuel por tomar satisfassã
deste gentio, o que nãofoi emsua mão por estar impossibi-
litado degente e moniçoes~ deguerra , eo gentio muj soberbo
Com as Victorias quetinha alcançado , antes Viueo muitos~
Annos afrontado dele naquela Ilha, onde oseu requerimen-
to, omandou socorrer Men desaá que naquele tempo gouer-
naua este estado, o qual ordenou naBaja huãArmada
bemforneçida degente Earmas que era de naujos daCos-
ta maneauis daqual mandou por Capitaõ mór aseufilho
fernaõ desaá que com ella foi entrar no rio deCricare, on-
de seaJuntou com elle agente do spirito sancto que lhe Vas-
quofernamdez coutinho mandou esendo agente todaJũta
dezembarcoufernaõ desaá Emterra edeu sobre ogentio dema-
neira que opos logo em desbarate nos primeiros enContros
o qual gentio sereformouejuntou logo , eapertou cõfer-
naõ desaá de maneira que ofez recolher pera o mar, oque
fez com tamanha dezordem dos seus que antes depoder che-
guar as embarcações mataraõ afernaõ desaá com mujta da
suagente ao embarquar, Mas jaguora esta estaCapitania

Fólio 91

Reformada com duas villas em huã das quaes~ esta hũ mustro
dos Padres da companhia etem seus engenhos dasuquar eoutras
muitasfazendas. Nopouoar desta capitania gastou Vasquo
fernandez coutinho muitos mil Cruzados que aquirio na
Jndia Etodo opatrimonio quetinha emPortugal quetudo
pera isso Vendeo, o qual acabou nela tão pobre mentr quem chegou
alhe darem deComer por amor de deões, enaõ sei seteue hũ
lançol seu em que o amortalhasem, eseufilho do mesmo=
nome viue ojena mesma Capitania tão necessitado que naõ
tem mais deseue que o titulo deCapitaõ Egouernador dela~

Cap.43.em que sevaj declarando á_

Costa do spirito sancto ate o Cabo de.saõ.tome~

Do rio do spirito sancto ao deguoarapari, saõ 8. legoas Efas
se entre hũ rio eoutro huãEnseada, e cheguado a este Rjo
deguoarapari, estão as serras que dizem dePero Caõ, e
Correse acosta do Morro deJoão moreno ate rio Norte sul, e
Defronte do morro deJoão moreno esta allha esCaluadade
Guoarapari aponta deliritibi saõ 7. legoas, eCorreseaCos
ta Nordeste Sudeste, cujaterra hemuito Alta, estaponta
tem dabanda do Norte tresIlhas obrra de duas legoas~
ao mar, e Aprimeira esta mea legoa datera firme asquaes~

Fólio 92

Tem bom sorgidouro. Digo que estão estas Ilhas defronte
Do rio guoapari, E que aterra deste ate liritibi e muj
To grrossa E boa perasepoder pouoar como amilhor do Brra
sil, aqual foi pouoada dos guajasazes. Eestaponta deliri
tibi tem hũ arriçife ao mar que bota bem huãlegoas
mea, aqual ponta E deterra baixa aolongodo mar. De
leritibe atapemirim são .4 . ou . 5 . legoas cuja costase
Corre Nordeste sudueste aqual esta em 20 . graos . E
 $\frac{3}{4}$. . DeTapemirim aManage são . 5 . legoas , aqual esta
em 21 . grao. De Manage ao rio deparaiba são 5 . legoas
eCorrese acosta Nordeste Sudueste, etoma daquarta de
Norte Sul, o qual rio deparaiba, esta em 2i . grao edous~
terços . este rio daParaiba tem barra efundo por onde
Entraõ naujos de onesto porte , o qual sepodetornar apo
uoar por que derredor dele aolongo do mar não agentio
que arreçar , por que todo uiue afastado do mar . Dapa
raiba ao cabo desaõ Tome são 7 . legoas , cuja costase
Corre Nordeste Sudueste, o qula Cabo esta em 22 .graos.
polo nome deste cabo otomou aCapitania tambem desaõ
Tome ate onde Corre olemite dos guoajsazes dequemdi
Rem os emseu lugar~

Cap.44. em que setrata decomo po degoës foi pouoar

A sua Capitania daParaiba ou de .São. Tome_ .

Fólio 93

Pero de gois foi hu~fidalgo honrrado muito Caualeiro Expermentado
o qual andou na costa do Brasil com perolopez desouza e se per
deu com ele no rio da prata Epola a feição que tomo udeste te~
po a terra do Brasil, pediu a elRej DomJoão quando repartio
as Capitanias da Costa que lhe fizesse m. de huã, da qual lhes.
A. fez m. dandolhe trinta legoas de terra a longo da Costa
que se comeriaõ onde se a Cabasse a Capitania de Vasco ferraz
Coutinho, e de da j ate onde a Caba Martim afonso desouza
e que não as a Vendo entre huã Capitania e a outra lhe daua
somente o que ouuer, o que não passarados baixos dos pargos,
Da qual Capitania foi tomar posse em pessoa em huã frota
de nauios que asua Custa pera isso fez , que prouede moradores,
Armas, e do mais necessario peratal empreza com aqua L
Frota se repartio do porto de Lisboa. E fez sua uiagem com prospero
tempo, e foi tomar terra e porto na sua Capitania , e dezem
barcou no rio de Paraiba onde se fortificou E fez huã po
uação em que esteue paçificamente os primeiros dous annos
e em paz com o gentio guoajszes seu Vezinho com quem teue
depois guerra sinco o useis annos, dos quaes se defendeo cõ
muito trabalho E risqu de sua pessoa por lhe armarem cada
dia mil treçoẽs~, fazendo pazes que lhe logo quebrauaõ com
o que lhe foraõ matado muita gente asj nestas treçoẽs Como
em Cerquos que lhe posseraõ muy perlongados , Com o quem padeço

Fólio 94

Cruueis fomes, o que não podendo os moradores sofrer, apertaraõ
Compero degoes~ rigamente que despouassi~ no quese elle
detreminou obriguado destes Requerimentos , e das necessj
dades qm que o tinhão posto os trabalhos EE uer que não era
socorrido do Rejno como diuera , EEVendosse ÿasem remedio
foi forçado despejar aterra Epassarse com toda agente para
aCapitania do Spirito Sancto , onde estaua aeste tempo Vasco
fernamdes coutinho que lhe mandou pera ÿsso alguuas~
embarcações~, Ecomo pero degoes~teue embarcação seVejo
pera estes Rejnos muj desbaratado , dos quaes~tornou
aJr ao Brasil por capitaõ mor do mar com Tomedesou
za que neste estadofoi o Primeiro gouernador geral Com
quem aJudou apouoar Efortificar açidade d oSaluador
NaBajadetodos os Sanctos . Nestapouoação queperode
goesfez nasua Capitania gastou todasuafazemda que
tinha no Rejno , e muitos mil Cruzados de Martim ferrejra
que ofauoreço muito com pertençaõ defazerem por Conta
deCompanhia grandes engenhos oque não ouue Efeito pe
llos respeitos declarados neste Capitulo.

Cap.45. em que sediz quẽ saõ os guo –
ajtazes e desuaVida e Cuthumes~.

Pois que temos de clarado quase toda aCosta que senhare
araõL

Fólio 95

Naõhe bem quenos despidam os dela passando por eles pois te
Mos dito parte dos danos quefizeraõ aos pouoadores daCapitania
Do spirito Sancto, EEaos daparaiba , os quaẽsAntiga mente
Partiaõ pela costa do mar dabanda do Sul com os tamojos e
da do Norte com os Tapanazes que ueuiaõ antre eles E os Tu
piniquis , e como eraõ seusContrarios Vieraõ ater com eles taõ
Cruuel guerra que osfizeraõ despejar aribeiradomar e
Jremse pera osertaõ , com o queficaraõ senhores daCosta ate
Confinar com os Tupiniqui~s cujos contrajros tambemsaõ,
ese mataõ e comẽhũs aos outros, antre os quaes~ estaua
por marco o rio deCricare, este gentio foi oquefez despouoar
apero degoes~, eque deu tantos trabalhos aVascofernam des~
Coutinho . estes Indios tem a cor mais baça que os dequealise
mos atraz , etem diferente lingoagem, EEhe muito bárbaro,
o qual não grangea muita lauoura de mantimentos . plãtaõ
samente legumes~ de quese mantem, e daCaça que mataõ
asfrechadas por quesaõ grandesfrecheiros , nãoCustuma
Esta gente apelejar no mato mas EEm campo desCuberto ,
Nemsaõ muito amigos deComer carne humana como ogentio
atrax , não dormẽ Em redes , mas no chaõ comfolhas de
baixo desj. Custumaõ estes Barbaros por não terẽ outro
Remedeo andarem no mar nadando esperando os Tubarois~
Com hũ pao muito agudo namaõ eem remetendo o Tubaraõ
aelles lhe dauaõ opao que lhe metiaõ pelagua rganta Comtãta
força que oafogauaõ ematauaõ , e otraziaõ aterraparaComerẽ

Fólio 96

Pera o que senão punhuaõ e tamanho perigo se não peralhe
tirarem os dentes pera os emgastarem nas pontas das fre-
chas . tem este gentio muita parte dos Custumes dos Tupi
nambas , assi no Cantar, bailar, tingirse de ginipapo, afei-
ção do Cabelo da cabeça, eo arrancar os mais cabelos do-
Corpo e outras muitas gentelidades que por esCuzarem os
proluxidades as guardamos perase dizerẽhuãso Vez~.

Cap.46. em que se de clara em soma quẽ

São os Papanezes E seus Custumes

Pareçe conveniente a este lugar perase brevemente dizer
Que em São os Papanezes~ dẽ atrás fizemos menção E por
que passamos o Limite de sua Viueza nos tempos antigos
naõ he bem que os guardemos pera mais longe . E Este gentio
Como jafica dito Viueo ao Longo do mar antre a Capitania
de porto seguro e do espirito santo , donde foi lançado pe-
llos Tupiniquins seus Contrajros E pelos g o ai tacazes~ que
tambem eraõ Esaõ oje seus inimigos . E hũs E E outros lhe
fizeraõ taõ Cruel guerra que os fizeraõ Jr pera o Certaõ
onde agoratem Sua Viven da, cuja lingoagem entemdem
os Tupiniquins , E guaitacazes~ a Jnda que mal , este gentio
dorme no chaõ sobre filhos como os guaitacazes~, tamẽ
senão ocupaõ em grandes lauouras, mantẽse estassaluagẽs~
dacaça

Fólio 97

Da caça epexe do rio que mataõ , os quaes são grandesfrecheiros Epe
lejaõ com arcos efrechas , andaõ nuus com o mais gentio , não cõsentẽ
Cabelo nenhũ no corpo senaõ os da cabeça . Pintaõse EE emfeitaõse com
penas de cores, dos pássaros, cantaõ EEbailão tem muitas gentelidades
das que usaõ os Tupinambas . Mas antresi tem hũ Custume que não
hetaõ bárbaro como todos os outros , quetodo gentio costuma quehe,
sehũ Jndio destes mata outro da mesma geração em alguãbriga
oupor desastre , são obrigados os parentes do matador entregalo
aos parentes do morto que logo oafogaõ e o enterraõ estando hũs
e os outros . presentes . etodos neste ajuntamento fazem grande
pranto comendo ebebendo todos Juntos por muitos dias . eassj –
fiquaõ todos amigos , EEsendo casso que o matador fuja de maneira
que os parentes onãõ possaõ tomar, lhe tomaõ o filho ou filha se
o tem ou Jrmaõ, ese não tẽhũ nẽ outro, entregaõ pelo matador
o parente mais chegado ao qual não mataõ masfica catiuo do mais
chegado parente do morto; e cõ jssoficaõ todos contentes eamigos
Como eraõ antes do acontecimento do morto_.

Cap.47. em quesetorna adizer de como Corre

A costa do cabo desaõTome ate o cabofrio_.

Do cabo de saõtome, allha de. S . Anna são 8.legoas EECorrese

A Costa Nordeste Sdueste. aterrafirme desta Costa he mujto

Fólio 98

fertil Eboa . esta Ilha de S. Anna esta em 22.graos Ehũ terço , há qual esta afastada daterra firme duas legoass pera omar Etem duas Jlhas junto desj , e quẽ uẽ de mar emfora pareçelhe tudo-huãCousa, tem esta Ilha da banda da costa bom sorgidouro e abrigada por ser tudo limpo , ondetem de fundo çico Eseis braças , e naterra firme defronte dallhatem boa agoada , ena mesma Jlha há boa agoa duã alagoa . Por aqui naõha dequem. guardar senaõ do que uirem sobreagoa , equem uem de Mar emfora per asaber se estaõ tanto aVante como esta Jlha oulhe pera aterra firme euera no meo das Cerras hũ piquo que pareçefrade com capelo sobre as costas , o qual de mora aloes Noroeste , epodem os naujjos entrar por qualquer das Bandas da Jlha como lhe mais seruir o uento , eancorar afouto antre ela E aterrafirme . Dallha de . S Anna aBaja do Saluador saõ treslegoas , e desta Baja a Bajafermoza saõ 7.legoas . DaBajafermoza ao cabofrio saõ duaslegoas , e correse aCosta Nordestul , e ate esta Bajafermoza corriaõ os guoajtacazes~ noseu tempo , mas uiuẽ ja mais afastados domar , polo que naõha que areçar perasepouoar qual quer parte destaCosta do spirito santo ate oCabofrio ~.

Cap. 48 . em que se explicaõ os
Reconcauos do Cabofrio ~.

Fólio 99

O cabofrio esta em 23. graos, o qual parece aquẽ uẽ demar emfora
Jlha redonda cõhuãformada nomeo, por que aterra que esta antre
O cabo e as çerras he muito baixa, equandp se uẽ chegando aela
Aparece huã rocha com riscos brancos por onde e muito bom deCo
nheçer , e aIndia que polo quesejulga do mar aterra do cabo pa
reçe Ilha e onaõ seja por onde opareçe , na uerdade ocabohejlha
por que ocorta omar por onde senaõ emxerga defora, mas he de
maneira quepode passar hũ naujo por antre ele eaterra firme há
Vontade. etem hũ baixo neste canal bẽ no meo de duasbraças
defundo, o mais he alto que basta perapassar huãnao . pertodo
Cabo estaõhuãs Jlhas nomeo das quaes~ helimpo Ebomporto pera
surgirẽ nãos detodo porte, enaõha senaõ guardar do queVirem .
Duas legoas do cabo da banda do Norte esta aBajafermoza e
Defronte dela ficaõ asIlhas , EE antre esta Baja eIlhas he obom
Surgidouro . Nofim desta Baja pera o Norte esta acassa dapedra
perto da qual esta hũ rio pequeno que tem defora bõ surgidou
ro dedez ate 15 . bracas defundo afastado hũ pouco duãIlha
que esta na boqua daBaja . Eperto desta Jlha he alto per a ancora-
rem naos, mas perigoso por quese uenta sudueste eoestefaz
aqui dano no primeiro ímpeto por que uem com muitafuria
Como trauada deguine , aqual trauada hede uento sequo
e claro . Custumauaõ osfrãçezes aentrar por este rjo pequeno
cõ Zauras acarregar opao do Brasil quetraziaõ pera as naos

Fólio 100

que estauão surtas na Baja aolongo dasIlhas . por esta Baja em
tra amare muito pelaterra dentro quehe muito baixa . onde
de 20 . dejaneiro ateto dofeuerejro . secoalha a agoa mujto depre
ça esem auer marinhas tiraõ osIndios osal Coalhado e duro
muito aluo as mançheas de debaixo dagoa chegandosse sãpre
amare sãficar nũqua em seco_ .

Cap. 49 . emquesedeclara aterra que
há do cabofrio ate orjo de Janeiro~.

Do cabofrio ao rio de Janeiro . saõ . 18 . legoas que serepartẽ desta
maneira. Do cabofrio ao rio de Sacorema saõ 8 . legoas . dessa-
corema has Jlhas de Maricaá saõ . 4 .legoas . e de Maricaá ao
Rjo dejaneiro . saõ seis legoas . cuja costa seCorre leste oeste, ho
qual rio esta em . 23 . graos , etem sobresi huas~serras muj
altas que se uẽ de muito longe uindo de mar emfora aque
chamaõ os orgaõs Ehuã destas çerras parece do mar gauea
de não por onde se conhece aterra bem . este rjo tẽ deboca
depona aponta perto de mea legoa , e na do les sudueste
tem hũ pico depedra muito alto emuj apique sobre abor-
ra . Na outraponta tem o utro padastro , mas nãohetaõ
alto nẽ tão áspero , e dũ ao outro sedefendera abarra ~
Valerossamente No meo desta barra antreponta Eponta

Fólio 101

Criou anatureza huãlegea de çincoenta braças decomprido E
Vinta cinco delargo hondese podê fazer huãfortaleza queseja
huã das milhores do mundo , o quese fara com pouca despeza , Cõ
oque se defendera este rio ato do poder que o quiser entrar , por
que ofundo da Barra he por junto desta lagea atiro despingar
da dela , Eforçado as nãos que quiserem entrar dentro haõ
dir afala dela e naõlheficara outro padraço mais que odopico
depedra dondelhe podê chegar em artelharia grossa , mas he
estepiquo taõ áspero quepareçe impossivel poderseleuar asima
artelharia grossa . esegurandose estepiquo ficara afortaleza
dalagea inespunhavel, ehuãCoussa eoutra sepode firtificar
com pouca despeza pola muitape[*]da^r quepera isso tem aolomgo
do mar bem defronte asi pera cantaria como pera aluenaria,
egrande aparelho peras efazer muita Cal dostras do que neste Rjo
ha jnfinidade ~.

Cap. 50 . em que se declara aentrada do _

Rjo de janeiro E as Ilhas quetê defrõtre ~

Defronte da barra do rjo de janeiro ao sul dela quatro ou cinco
Legoas estaõ duas Jlhas baixas , e ao Noroeste delas estahũ
porto darea bem chegado aterra onde há a brigada do uẽto
sul, sueste, leste, EEnoroeste, ecomo for outro Vento conuem

Fólio 102

fugir na uolta de leste ou do Norte que serue pera quẽ uẽ pera ho
Rejno, equẽ ouueer dancorar aqui podese chegar a terra ate . 4 –
E cinco bracas de fundo pera ficar bem . Equẽ ouuer dentrar
no rio dandilhe o Vento lugar Entre pola banda de leste, esem-
do a uento o este vapola barra do este pelo meo do canal que
esta antre aponta de cara de caõ e alagea , mas abarra de leste
he melhor por ser mais larga , e por cada huãdellas tem de
fundo . 8 . ate 12 braças ate allha de viragalhaõ , equanto ma-
is forem aloeste tanto menos fundo acharaõ depois que pa-
ssarẽ allha , e pera a banda de leste acharaõ mais fundo em
passando allha de viragalhaõ que se chama asj por sereste
O nome do Capitaõ françes que esteue cõ huã fortaleza nesta
Ilha que he aque Mendesa ã tomou E arazou . De frente da
Barra deste rio ao mar dela , esta huã Ilha aquem chamaõ Mesa
redonda, e afastado dela pera a banda de leste , esta outra
Ilha aque chamaõ allha raza , e de frente destas Ilhetas antre
ellas E aponta da lagea estaõ três ilheos em meo, echeguado
hatterra , e aponta da lagea esta outra Ilheta aquem chriamaõ
leribituba derredor da qual estaõ quatro ilhotes ~.

Cap. 51 . em que particularmente se
explica a Baja do rio de Janeiro
da ponta do paõ dasuquar para dẽtro ~.

Fólio 103

Hetamanha cousa orio de Janeiro . da boca pera dentro que nos O
briga agastar o tempo em o declarar neste lugar pera que se ueja
Como he capaz desefazer mais conta dele do que sefaz e comese
mos do pao dasuquar que esta da banda defora da Barra que
he hūpiqueo depedra muito alto da feição do nome quetẽ , Do
qual aponta da Barra que se diz de cara de caõ hapouco espa=
ço e a terra que fica antre esta ponta Eo pao dasuquar he baixa
e chã, EE uirando desta ponta pera dentro da Barra se chama
açidade uelha onde se ela primeiro fundou. Aqui sefaz huã~
enseada em que podẽ surgir na uios sequiserem por que ofundo
he de uaza , Etem 5 , 6 , ate 7 , braças . esta enseada se chama de
Francisco Velho por ter aqui sua uiuenda e grangearia , aqual
he afeioada em meo compaço ate a outra ponta adiante que se
chamada Carioqua, junto da qual entra huã Ribeira que se
chama do mesmo nome donde bebe açidade. Da ponta de Cara-
de caõ a cidade pode ser mealegoa , esta ponta de Carade Caõ
fica quase em padrao da lagoa , mas não he muito grande
por ela não ser muito alta A cidade se chama de São sebastião,
aqual edificou Men de saá em hū Alto em huã ponta de terra
que esta defronte da Ilha do Viragalhaõ , aqual esta lançada
destẽ alto por huã ladeira a Baixo, etem ensima no Alto
hū nobre mosteiro e Colegio dos padres da companhia, e opé
dela esta huã Estança com artelharia pera huã banda, E

Fólio 104

Pera aoutra hũ modo defortaleza em huãponta que defende
Oporto mas não abarra por la não chegar bem aartelharia, Ao
pé desta cidade defronte daponta do arrecife dela tem bõ sur=
gidouro que tem defundo , 5, 6, braças, echegandose mais
aterra tem três equatro braças onde os nauios tem abrigo pera
osVentos geraes~ do inuerno quesão sul esusueste, E quẽ quiser
Jr pera dentro há depassar por hũbanquo que [*]em depreja
mar ate 20 . palmos dagoa Epassado este banco uiramdo
pera detras daponta da cidade acharaõbomfundo , onde os
naujos estão seguros detodo tempo por aterrafazer aquj
huãEnseada, equando os naujos quiserẽ sajrdesteporto
Carregados aõ debotar fora por antre allha e aponta dase
Rrafirme pola banda do Norte e aõ de rodear allha em
Redondo peratornarẽ assurgir defronte da cidade, e
Surgirão junto daIlha deui rgalhaõ antre ela e açida
de, no qual lugar acharaõ defundo tresbraças Etres Emea,
onde tem porto morto , e defronte desteporto heo dezembar
cadouro da cidade , onde se diz as cassas de Manoel de Brjto -.

Cap. 52 em que se explica aterra da Baja

Do rjo deJaneiro dapõntadacidadepara dêtro ate tomar

A barra - .

Naponta desta cidade e Ancora douro dos Naujos quem estão

Fólio 105

Detras da cidade esta huãilheta que se dis adamadeira pos se
tirar dela muita aqual serue a os naujos que a qui serecolhem
de conçertar as uellas , e desta ponta ahuãlegoa esta outrapõ
ta fazendo aterraem meo huãenseada onde esta o Porto
que se diz de Martim afonso , onde entra nesta Baja hũ riacho
que se diz jabiburaçiqua , defronte deste porto de Martin afos~so
estão espalhados seis ilheos de arvoredos, edestapontapor diã-
te setorna a aterra arecolher amaneira denseada , e dalj amea
legoafaz outra ponta , eantes dela entra outro riacho no sal
gado que se chama Vnsa uma, e aponta se chama braço pequeno,
Desta ponta que se diz braço pequeno por diante foge aterra para
tras muito onde se faz hũ estejro por onde entra amare três
legoas , e fica aterra na boqua deste estejro de ponta aponta
hũ tiro de berço , donde começa aterra afazer outra enseada
que de ponta aponta são duas legoas , aqual terra he alta há
te aponta . defronte desta enseada esta a Ilha desaluador Co-
rrea que se chama pernapicu que tẽ tres legoas de comprido
e huãdelargo , em aqual esta hũ engenho dasuquar que
laura cõbois que defez . Atravesãdo desta Ilha por mar há
cidade são duas legoas , a qual Ilha tẽ derrador de sej oito
ou noue ilhas que dão pao do Brasil . do cabo desta Enseada
granda E ponta de terra alta se faz outra enseada apertada
na boca , em aqual se mete hũ rio que nasce ao pee da serra

Fólio 106

dos orgãos que esta çincolegoas pela terra dentro , o qual se
Chama Magripe , emais adiante legoa emea entra outro riacho
Nesta baja que se chama Sururuj . Deste rio Sururuj aduas
legoas entra outra rio nesta Baja quese chama Macucu que
Senauega pel aterra dentro . 4 . legoas , em oqual se mete outro.
Rjo quese chama dos guojatacazes~ que uẽ demuitolonge.
Defronte do rio Macucu esta huãIlha que se chama curiata ,
E desta Ilha ahuãlegoa estaoutra quese chama pacata . e des
ta ha desaluador Correa he legoa e meja , eestaõ estas ilhas~
todas três em derejto leste oeste huas~ das outras . DestaIlha
Pacata dereito ao sul estaõ seis Ilheos , epera o sueste estaõ
sinco em duasCarreiras . Daponta do rio Macucu pera abã-
da deleste serecolhe aterra Efaz huãEnseada ate outra
ponta daterrasaida ao mar , emque entrahũ riacho
quese chama Baxindiba , e daponta deste riacho a de Macu-
cu he legoa emea . defronte deBaxindiba esta outra Ilhe
ta chea daruoredo . De Maxindiba setorna aafastar aterra
pera dentro fazendo outra ençeadã cõ muitos Mangues no
meo , em aqual se mete outro rjo quese diz Suasunhacon e
auera deponta aponta duaslegoas , enomejo bem em dentro
das pontas esta outra Ilha chea de arvoredõ . eaoutra
ponta desta enseada se diz Mutũgabo . Daponta de Mutũ
gabo se esconde aterra pera dentro bem dous terços delegoa

Fólio 107

Ondesemete hũ rio que se chama pao doce Efaz huã uilta tor
nãdo aterra asajr perafora bem mea legoa , ondefaz outrapõta
que se chama Vrumare . Desta ponta a de Mutũgabo hehuãle
goa ebem em dereito destas pontas emeo desta enseada esta
outra Ilha daruoredó . Desta ponta de Mutũgabo ha de Ma-
cucu saõ . 4 . legoas . Daponta de Vrumare adous terços de
legoa esta outraponta ondesse comesaõ as Barreiras verme-
lhas queficaõ defronte da cidade onde Bate omar daBaja.
e defronte destaponta pera o Norte esta huãilha quesediz
deJoaõferraz diante daqual esta outra mais pequena . Das
Barreiras uermelhas se uaj afeiçãoando aterra ao longo
da goa como cabeça de quajado ondes efaz huãEnseada
quese chama depiratinimga Eponta Elingoa deterra
dela uem quase emdereito deViragalhaõ , a qual ponta
se chama delerj , eocotouelo desta lingoa deterrafaz huã
ponta defronte da de cara deCaõ quefica empadastro sobre
alagea daBarra , naqual ponta esta outra lagea que osal-
gado apartada terra qual quer coussa , aqual fique ao pee-
do piquo Epadrasto que esta sobre aBarra . entraõ per esta
Barra do rjo de janeiro nãos detodo porte , as quaes~ podẽ estar
neste rio seguras comofiqua dito . Demaneira que terra esta
Baja do rjo dejaneiro em redondo daponta deCara deCaõ andado
por dentro ate omar haoutraponta dalegea uinte legoas

Fólio 108

Pouco mais ou menos que se nauegaõ em barcos , Epelo mais largo
Há uera de terra a terra seis legoas~.

Cap. 53 . que trata de como o governador

Men desá foi ao Rio de Janeiro_.

Naõ he bem que passem os aũte sem primeiro se dar conta da mu-
ta que os anos passados sete ue cõ orio de janeiro . E como El Rey
Dom João o 3º de Portugal fosse enformado como os frãezes
tin haõ feito neste rio huã fortaleza na Ilha de Viragalhaõ
que foi o capitão que nela residia que se asj chamaua , Man-
dou a Dom Duarte da Costa que neste tempo era governador deste
Estado que ordenasse de espiar esta fortaleza e Barrado
Rio , o que Dom Duarte fez com muita deligencia e a Vizou
Disso a Sua Alteza a tempo que tinha electo pera governador
geral deste estado a Men desá , aquẽ encomendou parti-
cular mente muito que trabalhase por lançar esta ladroej-
ra fora deste rio E falecendo El Rey neste cõflito , soçedeo
no governo do. Rejno a Rainha Dona Caterina sua mo-
lher que esta em gloria , sabendo da Vontade de sua . Alteza .
escreueo ao mesmo Men desá que cõ abreuidade posiuel
fosse aeste Rio Elançaçe os francezes dele ao que obedecen-
do o governador fez prestes a armada que do Rejno pera

Fólio 109

Jssso lhefora deque hia por capitaõ mor Bertolameu deVascõcelos
ha qual ajuntou outros naujos delRej que na Baja auja e dez ou
doze carauelloes~ , Efeita afrota prestes mandou embarcar nella
as Armas e moniçois deguerra , E mantimentos necessários , em A
qual se embarcou á mor parte degente nobre da Baja , EE os omẽs
darmas que sepuderaõ ajuntar com muitos esCrauos Ejndjos
forros , e jndo o gouernador cõ esta armada correndo acosta de
todas as capitancias leuou gente que por sua Vontade o quiseraõ
acompanhar nesta empresa , eseguindo sua Viagem chegou ao
Rjo dejaneiro cõ toda a Armada junta . onde ouieraõ ajudar
Muitos dos moradores desaõViçente . onde foi recebido dafor-
taleza do Viragalhaõ , queneste tempo era jdo . afranca , Com
muitas bom bardas , o que nãofoi Bastante pera Mendesaá dej
xar desechaguar hafortaleza cõ os naujos de major porte aua=
rejar co artelharia grossa , ecõ os naujos pequenos mandou
dezembarcar agente em huãponta dailha onde mandou a
sestar artelharia donde bateraõ afortaleza rijamente,
e como osfrancezes se uirãõ apertados despejaraõ oCastelo E
fortaleza huãnoite Elançarançe A aterra firme cogentjo
Tamojo que osfauoreçia muito, EE entrada afortaleza mãdou
o gouernador recolher a artelharia emoniçoes~ deguerra
que nela auja , e mandoua desfazer e arazar por E
auizou logo do soçedido haRajinha nuã naõfrança que

Fólio 110

Neste Rjo tomou . e como ouue monsaõ se Recolheo ogouernador
Pera aBaja uisitando as Capitania todas onde chegou asalua
mento, mas não alcançou esta vitoria tanto aseu saluo que lhe
naõ Custase primeiro auida de muitos Portuguezes Ejndios Tu
pinambas que lhe osfrãçezes mataraõ as bonbardadas ees
pingardadas , mas como a Rainha soube destaVitoria , entendẽdo
quanto conuinha acoroa deportugal pouoarse Efortificarse
o Rjo dejaneiro estranhou muito aMendesaá o arazar aforta
leza que tomou aosfrãçezes enaõ deixar gente nela que
aguardasse Edefendese per asepuoar este rjo . Co que ele não
fez por não ter gente que bastase perpoder defender esta
fortaleza e que logo sefizeseprestes Efosse pouoar este
Rjo Eofortificasse edificando nele huãCidade quese chamase
Desaõse bastiaõ , Epera que isso pudesefazer com maisfaçi
lidade lhe mandou huãArmada detres galioes~ deque hia
per capitaõ mor **puaõ deBarros com aqual ecom dous na_
uios delRej que andauaõ na Costa eoutros seis Carauelois
separtio ogouernador daBaja com muitos moradores dela
Eleuaraõ muitos esCrauos cõligo , epartiose pera orjo dejaneiro
onde lhe socedeo o que neste Capitulo sesegue ~.

Cap. 54 . que trata de como Men desaaa
foi pouoar o Rjo dejaneiro

Fólio 111

Partindo Men desaá pera o rio dejaneiro . foi visitando as Capitancias dos Ilheos, Porto ceguro ; e a do spirito santo, das quaies leuou mujtos Moradores que como aVenturejros oforaõ acompanhado cõ seus es Crauos nesta jornada e como chegou ao Rjo dejaneiro ujo que lhe auja de Custar mais d** o que cuidaua como lhe custou por que o achoufor tificado dosfrancezes naterra firme ondetinhaõfeito ser quas muj grandes~ Efortes demadeira cõ seus baluartes eartelharia que lhes huãs nãos que alj foraõ Carregar depao deixaraõ, cõ muitas es pingardas nestas ç*rquas estauaõ recolhidos cõ osfrancezes osJndios Tamojos que estauaõ ja taõ adestrados deles que pelejauaõ muito Bem com suas espingardas pera o que lhe naõfaltau poluora nem onecessario por detudo estarẽ bempruidos das nãos asima ditas Dezembarcando ogovernador naterra tiueraõ os Portuguezes grandes esCa= Ramuças cosfran cezes . ETamojos , mas hũs e os outros serecolhe raõ contrasua Vontade pera as suas cerquas que logoforaõ Çer quadas Epostas em grande aperto , mas primeiro quefossẽ entradas Custou aVida aestaço desaá sobrinho do gouernador, Eagaspar Barbossa pessoa muito principal e de grande estima e aoutros muitos homes~ EesCrauos , ecõ tudo foraõ as çerquas entradas e muitos dosContraijos mortos e os mais catiuos ecomo os Tamojos naõ tiueraõ antre sj francezes se recolheraõ polaterra dentro, donde uinhaõ muitasVezes fazer seus saltos deque nũ qua saj raõbem , e como Men desaá ujo que tinha lançado os jnimigos

Fólio 112

Daponta ordenou defortificar este Rjo fazendo lhe huãEstança
ao longo dagoa pera defender aBarra , aqual depois redeficou
Christouaõ debarros sendo Capitaõ deste Rjo, easentou acida
de que murou de muros detaipa cõ suas terras emquepos Ar
telharia neçessaria onde Edeficou algumas~ Jgrejas cõ suaCaza
demisericordia , e hospital EEhũ mosteiro dePP da Compan hia
que agora he colégio emque os PP . ensinaõlatim pera o que
lhe faz sua Magestade . m . cadanno deddous mil Cruzados , eacabada
defortificar Epouoar esta cidade , ordenou ogouernador dese
tornar pera aBaja , deixandobeuo nela por Capitaõ aseusobrinho
Saluador Corre desaá , com muitos moradores Eoficiaes
dajustiça e dafazenda cõuenientes ao serviço delRej e ao bem
daterra , o qual saluador Correa defendeo esta cidade al-
gũs anos muj valerossa mente fazendo gerra ao gentio
dequealcançou grandes Vitorias , e dosfrançaes que
do Cabofrio os uinhos haõ ajudar Efauoreçer , aos quaesfoj
tomar dentro no cabofrio huãnao quepassaua de 200_ toneis
Com canoas que leuou do Rjo dejaneiro com as quaes~ abal
rroou Etomou aforça darmas . Aesta cidade mandou de
pois ElRej Dom sebastiaõ por Capitaõ egouernador fepuaõ de
Barros que aCreçentou , fazendo nela em seutempo mujtos
Serviços asuaAlteza que se não pode particularizar
emtaõpequeno espaço~

Fólio 113

Cap . 55 . que trata de como foi governador Do Rio de Janeiro Antonio Salema

Enformado ElRej Dom sebastião que aja gloria do rio de janeiro e do muito pera que estaua desposto ordenou departir este estado do Brazil em duas gouernamças e deu huã delas ao Doctor Antonio salema que estaua na capitania de pernambuco por mando de Sua Alteza Com alçada , aqual Repartição de entendia da Capitania de porto seguro atesaõ Vicente e era cabeça desta gouernamça açidade de saõ sebastião do rio de janeiro . onde o gouernador assistio e Comesou huã engenho que lhe Sua Alteza mandou fazer pera o que lhe mandou dar quatro mil cruzados , o qual senaõ acabou sendo muito necessário pera os moradores fazerem suas Canas . E pera a terra Jr em grade Cresimento . No tempo que Antonio salema governou o Rio de Janeiro hjaõ cada nãõ naos francezas resgatar cõ o gentio ao Cabo frio onde ancorauaõ com suas nãõs na Baja que a tras fica de clarado , e Carregauaõ de pao da tinta a sua Vontade , e Vendo Antonio salema tamanho desaforo determinou de tirar esta ladroeria deste lugar , E fez se prestes pera Jr fazer guerra ao gentio do Cabo frio pera o que ajuntou . 400 _ omeê brancos E sete semtos jndios Com os quaeê por conçelho de Christouaõ de Barros foraõ ambos empessoa ao cabo frio que esta 18. legoas do Rio honde acharaõ os Tamojos com çerquas muito fortes Recolhidos~.

Fólio 114

nelas com algũsfrancezes dentro onde huê e os outros sedefem
deraõValerosamente as espingardadas efrechadas enaõ podêdo
osfrancezes sofrer o aperto em que estauaõ selançaõ Com ogovernador que
lhes deu aVida , com o que os Tamojos foraõ entrados EE mortos
infinitos , EE Catiuos oito ou dez mil almas , e com estaVitoria que
os Portuguezes alcançaraõficaraõ os Tamojos taõ atemorizados
quedespejaraõ aribanceira do mar , Es eforaõ pera õ sertoã pelo que
naõ tornaraõ mais naõsfrancezas ao Cabofrio aResgatar , e
por que este sucesso fez Antonio salema hũtratado , auemoê
por esCuzado tratar mais deste casso neste Capítulo~.

Cap. 56 . em que se conclue cõ o Rjo deJaneiro
Coa tornada deSaluador Correa aelle

Vendo ElRej Dom sebastiaõ que aja gloria opouco de que lhese
uia diuidir oestado do Brasil em duas gouernãças , asentoude
hjo tornar ajuntar como dantes estaua , e de mandar por capitaõ
egovernador ao Rjo dejaneiro somente asaluador Correa desaá,
eque uiessẽ as apelaçoẽs aBaja como dantes era , onde o dito –
Saluador Correa foi Esta oje em dia, onde temfeitos muitosserui-
ÇOS a Sua Magestade no modo como proçede na gouernãça e defen-
çaõ desta cidade, e no fazer dagerra ao gentio dequetẽ alcã-
çado grandes vitorias . etambem seruio asuaMagestade , Enpelejar

Fólio 115

Com tres naos francezas que queriaõ entrar pela Barra do Rio de Janeiro, o que lhe defendeo as bombardadas . enaõ quis consentir que Communicasẽ cõ agente da terra por sedizer trazerẽ cartas de Dom Antonio , e foi esta cidade em tanto crecimento em seu tempo que Pola engradecer ordenou de fazer hũ Engenho da suacar na sua Ilha que faz muito asuacar , E fauoreço a Christouaõ de Barros para mandar fazer outro que tamẽ esta moente e corrente cõ os quaes ~ esta cidade esta muito a Vante , e cõ hũ fermozo colégio dos PP da Companhia Cujas obras saluados Correa ajudou E fauoreço muito . Neste rio de Janeiro se podẽ fazer muitos Engenhos por ter terras e agoas para isso, em o qual se daõ as Vacas muito bem e todo o guado despa_nha, onde se da trigo , Ceuada, uinho, marmelos, Romas ~ figos, E todas as frutas do pinho , E hem ^{du}farto de pescado e marisco e de todos os mantimentos que se daõ na Costa do Brasil , onde ha ^{to} pao do Brasil E muito bom . ~ .

Cap . 57 . em que se declara a Costa do Rio de

de Janeiro Ate saõ Viçente ~ ~ .

Da ponta de Cara de caõ do Rio de Janeiro aponta do rio de Marãbaja. saõ noue legoas onde se faz huã Enseada , e de fronte desta enseada esta huã ilha da uoaredo que se chama allha grande , a qual faz de cada banda duas Barras cõ a terra firme , por que tẽ em cada boqua hũ penedo no meo que lhe faz duas aberturas , e nauegase

Fólio 116

Por antre esta Ilha e a terra firme com naujos grandes e naos de todo porte . ao mar desta Ilha esta hũilheo que se chama de são grego . Esta Ilha grande esta em 23 . graos E $1/3$. aqual tem 7 . ou oito legoas de comprido , cuja terra he muito boa toda cheia Daruoredo com agoas boas pera engenhos . quẽ uẽ de mar em fora parece lhe esta Ilha cabo de terra firme por estar chegada a terra , Esta Ilha se deu desse maria ahũde de zembragador que he falecido e não apouoou sendo ela tanto per a fazer muita Contadela, em aqual há muito bom porto perasurgirẽ Naujos Defronte desta Ilha na ponta dela da banda de loeste . esta _ a angra dos Rejs, e correse esta Costa digo Ilha leste o este, E quẽ nauegar por antre ela E a terra firme não tem que ha Reçar; por quetudo helimpo sem baixo nenhũ . Da ponta da Ilha grande ao morro de Caraçu são . 9 . legoas , o qual morro esta Em 23 . graos E $1/4$. Etẽ hũilheo na ponta . e antre ele EA. Ilha grande na enseada juto a terra firme tem duas ou tres Ilhetas de arvoredo . Do morro de Carasu a Ilha das Coues são 4. legoas , aqual esta chegada a terra . Da Ilha das coues ao porto dos porcos são duas legoas , o qual porto he muito bom , e tem defronte huãilha do mesmo nome . Do Porto dos porcos a ilha de são sebastião são sinquo legoas aqual esta em 24. graos . E tem 5. ou 6. legoas de Comprido , cuja terra he boa peras e poder pouoar . E pera boa nauegação~.

Fólio 117

Hase denauegar antre esta Ilha E aterra firme, mas aCostar âtes
ha banda dailha por ter mais fundo . Ao sudueste desta ilha esta
outra Ilha que se chama dos alcatrazes , a qual tẽ três piquos de
pedra e hũ deles muito mais comprido que os outros . por dẽtro
desta Ilha desaõ ssebastiaõ daj atreslegoas ao sudueste dela, es-
taõ duas Ilhetas, huãsediz davitoria , EE outra dos búzios . Dajlha
desaõ sebastiaõ ao Monte do trigo saõ . 4 . legoas . Do môte do trigo_
há barra desaõ Vicente . saõ . 4 . Legoas . eCorrese esta costa dajlha
grande ate saõ Viçente les nordeste oes sudueste ~.

Cap . 58 . en quese declara quẽ he ogentio
Tamojo dequetantofalamos~.

AJnda que pareça ser jafora deseu lugar tratar aqui do gentio
Tamojo , naõlhe cabia outro por acosta daserra que eles senhorearaõ
passar além do rjo de **janeiro** ate aAngra dos Reis pelo que senãopo
dia dizer delles em outra parte mais acomodada . estes Tamojos ao
tempo que os Portuguezes descobriraõ esta **ca.** do Brasil senhorea
uaõ acosta dele desno rjo do Cabo desaõTome ate a angra dosRejs~,
Do qual lemitte foraõlançados pera osertaõ onde agora Viuẽ, este
Gentio he grande deCorpo emuj robusto , saõValentes omes~ e
muj belicosos , e contrários detodo gentio senaõ dos Tupinãbas
dequẽ sefazem parentes , cujafaltas epareçe muito huãAoutra

Fólio 118

etem as mesmas gentelidades, VidaE Custhumes , esaõAmigos
hũs dos outros . saõ estes Tamojos muj inimigos dos guoajtacazes
dequẽ jafalamos cõ quẽ partẽ de que jafica dito eCadadia
semataõ eComẽhũs aos outros . por estoutra parte de .Saõ.Vicẽte
partẽ com os guoajtacazes~ , com quẽ tambẽ continua guerra
sems eperdoarẽ . pelejaõ estes jndios cõ arcos Efrechas no que
saõ muj destros , e grandesCaladores , Pescadores delinhaE
grandes mergulhadores , e afrecha mataõ tambẽ muito pexe
dequese aproueítuaõ quando não tinhaõ anzalos , as suas
Cassas saõ maisfortes que as dos Tupinambas nẽ do outro gen
tio . etem assuas aldeas muj fortificadas cõ grandesCer
quas de madeira . saõ auidos estes Tamojos por grandes
muzicos entretodo ogentio Ebailadores, osquaes saõ grã
desCompoedores deCantigas semprouizo pelo que saõ muito
Estimados do gentio por onde quer queVaõ . Trazẽ osbeijos
debaixofurados Enelles huãs pontas de osoo Campridas
Com huãCabeça como prego em quesetẽ estaponta para que não
Caja, aqual cabeça lhefica de dentro do beijo por onde A
metẽ . Custumaõ mais nassuas festas enfeitarẽse cõ Capas
eCarapusas depenas deCores depassaros . cõ este gentio ti .
ueraõ grande entrada osfrãçezes de quẽforaõbem
Reçebidos no cabofrio e no rio dejaneiro onde os deixaraõ
fortificar eViver ateque ogouernador Mendesáá osfoi lançar fora

Fólio 119

e depois o Doctor Antonio salema no cabofrio . Nestes dous
Rjos Custumauão osfrancezes resgatar cadanno muitos mil
quintaes depao do Brasil , ondeCarregauão dele muitas na-
os quetraziaõ perafranca . ~.

Cap. 59 . em que se declara aBarae
Pouoação daCapitania desaõVicente ~: .

Esta orio E barra de São Viçente. en altura de 24 . graos e mejo ,
oqual rio tẽ aboca grande e muito aberta , onde se diz abarrade
esteuaõ daCosta equẽ uem demar emfora pera com heçer abarra
Verasobrela huãilha cõhũ mõte dafeiçaõ duã muela dega linha,
Com três momilhoes~. por esta barra entraõ nãoos detodo porto , as
quaes~ficaõ dentro no rio mui seguras detodo otempo , polo qual en-
tra ámaré cercando aterra de maneira quefica em Ilha muito chegua-
da aterra firme Efaz este braço muitas uoltas . Naponta desta
Barra da banda deleste esta auila de . Nossa . Snorã da cõçepsaõ .
e desta ponta há outra quese diz de esteuaõ daCosta seEntende
aBarra de.São.Viçente , e entrando por este rio asima esta aterrato
dapouoada duãbanda . E daoutra , defazendas muitofrescas , E
Antes que cheguẽ aVila estaõ os Engenhos dos esguetes defrandes.
EE onde Josepreto adorno . e no rio esta huãilheta alem daqueaL
ha maõ dereita esta aVila desaõ Viçente , que he Cabeça desta

Fólio 120

Capitania. pelo sertão desta Capitania noue legoas esta a Vila de São Paulo, onde geralmente se diz o campo em aqual Vila esta hũmosteiro dos Padres da companhia, e de derredor dela 4. ouçico legoas estão quatro aldeas de Índios forros sepuaõs que os Padres. doutrinaõ, e eserue-se desta Vila para o mar pelo esteiro do Ramalho. tem esta uila mais dous outros engenhos dasuquar, Nallha eterra firme, mas todos fazem pouco dasuquar por não ir a naujos que o tragaõ: e apartase esta capitania de São Vicente de Martim afonso de Souza com a de Sancto Amaro de seu irmão, pero lópez pelo esteiro da Vila de Sanctos donde se Comesa A. Capitania de Sancto Amaro.~.

Cap. 60. em que se declara cuja e

A Capitania de São Vicente~

Parece que he necessário antes de passar mais a Vante de Clarar cuja he a Capitania de São Vicente e que foi o pouoador dela. Da qual fez El Rey Dom João o 3º. de Portugal m'ha Martim afonso de Souza cuja fidalgia e esforço he tão notorio a todos, que he escurado bolir neste lugar nisso, e os que dele não sabem muito Vejam os ljuos da Índia e Veraõ os feitos maravilhosos que nela acabou sendo Capitão mór Domar, e depois governador, sendo este fidalgo mancebo

Desejoso

Fólio 121

Dezeiosso de cometer grandes Emprezas aseitou esta capitania com 50_
legoas de costa como as de que jafizemos menção , aqual determinou de
Jr pouoar en pesoa . pera o que fez prestes huãfrota de nauios que proueo
de mantimentos emonições deguerra como conuinha, em aqual ēbarcou
muitos moradores cazados queo acompanharaõ cõ os quaeê separtio Do-
porto delixboa donde começou fazer sua uiagẽ Ecõ prospero tempo che-
gou aesta pã do Brasil eno cabo dasua Capitania tomouporto no
Rjo que se agora chama desaõVicente .. onde sefortificou e assentou
Aprimeira Vila quesediz do mesmo nome do rio que fez cabeça da
Capitania , esta uila foi pouoada de muita Ehonrrada gente que
nesta armadafoi aaqual assentou em huãilha donde lancou os
guoajna que he ogentio que apossuja Esenhoreaua aquela Cos-
ta ate conquistarẽ cõ os Tamojos . Aqual uila floreçeo muito nes-
tes primeiros annõs por ela ser aprimeira onde se fez asuquar na
Costa do Brasil donde se as outras capitancias prouer aõ deCanas
Dasuquar peraplantarẽ edeVacas pera Criar ejnda agoraflo-
reçe etẽ emsj hũ onrrado mosteiro dos Padres da companhia , e algũs
engenhos dasuquar comofica dito . com ogentio teue Martim Afonso.
Pouco trabalho por ser pouco belicoso Efacil de contentar EComo
Fez pazes com ele e acabou defortificar avila desaõVicente e
ada concepção se embarcou em sertos naujos quetinhaEfoi Corren-
do aCosta descobrindo a e os rjos dela ate chegar ao rio da prata
pelo qual nauegou muitos dias cõ muito trabalho , onde perdeo al-
gũs dos Nauios pelos baixos do mesmo rio em quese lhe afogou
alguãgente donde setornou arecolher pera asua Capitania que

Fólio 122

que acabou de fortificar como pode, e deixando nela quẽ agoueer
naçe E defendese se ueo pera Portugal chamado de sua Alteza. que se
naõ ouue por seruido dele na quel as partes donde o mandou para
a Índia, e depois de as governar se ueo pera estes reynos quẽ tãbem
ajudou agouernar cõ elRej Dom Joaõ que o fez do seu concelho do
Estado, e o mesmo fez Rejnãdo ElRej Dom Sebastiaõ no tempo_
que gouernaua a Rainha Dona Catarina sua aVo. e depois o Cardeal Dõ
Anrique pera o que tinha todas as partes cõ uenientes nestes fe
Lições annõs de Martin afonso fauoreço muito esta sua capita
nia com naujos E gente que a ella mandaua e deu ordem cõ que
mercadores poderosos fossẽ emandasẽ a ella fazer E Engenhos
da suar E grandes fazendas. como tem oie em dia do que
jafizemos menção. Tem este Rio de São Vicente. grande Cõmo
cidade pera se fortificar E defender, ao que he necessário a Cudir
cõ breuidade por ser muy importante esta fortificação ao seruido
de sua Magestade, por que se se apo derarẽ desta terra os ini-
migos seraõ mais de lancar fora, pelo comado que tẽ na mes
ma terra pera se fortificarẽ nela. e defenderem de quẽ os qui
ser lancar fora. Por mo ete de Martin afonso erdou es Ca
pitania seu filho pero lopes desouza, por cujo falecimento A
erdou seu filho lopo desouza ~.

Cap.61 en que se declara a capitania de. Santo. Amaro Equẽ a Pouou ~.

Esta taõ mistica a Capitania de sancto Amaro cõ a de. São. Vicente

Fólio 123

que senaõforaõ de dous Jrmaõs amaçaraõse muito mal os moradores
dellas , as quaeê jremos diuidindo como poderemos , jndo polo
Rjo de.São.Vicente. asima . antes que cheguẽ aIlha que nele esta,amaõ
dereita dele esta aboca do estejro Eporto daVila de Sanctos por
onde entra amare, Çerquãdo estaterra ate se ajuntar cõ estou
tro estejro de . São . Vicente . e entrando por este estejro desanctos amaõ es
querda dele esta situada a uila do mesmo nome , aqual ficatabẽ
em ilha Çercada dagoatoda Ese nauega cõ barcos Ehedajurdi
çaõ daCapitania desancto Amaro , etornãdo aponta desteuaõ
daCosta que esta na boca da Barra de . São . Vicente . dela atreslegoaõ
ao longo daCosta esta a uila deSancto Amaro Junto d aqual esta
o engenho defrancisco deBarros . De sancto Amaro fez pero lopes de
souza cabeça desta capitania . Desta Vila de sancto Amaro ha
Barra da britioga saõ duas legoas onde esta huãtorreCõ ar
Telharia E bonbardeiros quese chama desaõfelipe . por esta bar-
ra entra amare Cercando esta terra ate se ajuntar cõ o estejro
desanctos , por ondefica sancto Amaro tambẽ ilha , e auamte
daponta onde esta estafortaleza estaõ no rjo duas Ilhetas de
frente dafortaleza desaõ felipe faz aterrafirme huãpõta
muito chegada a estroutra . onde esta outratorre Com bonbardeos
e artelharia quese diz desaõtiago, Epor ante huãE aoutra
podem entrar naos grandes por ter fundo pera isso se destasfor
talezas lho não impedirẽ . Epassãdo auante destas torres pelo estejro
asima da banda daterra firme estaõ os rios seguintes que estaõ

Fólio 124

Pouoados cõ engenhos e outras fazendas , os quaeêseuẽ meter aqui
no salgado : o rio dos lagartos , Piraque , o de saõJoão , o desaõ Mj-
gel, o da Trindade , o das cabrras, o do engenho depaulo deprou-
ença orio dos sanctos digo dosfrades, onde esta o engenho deDo
mingos leitaõ que he ÿa da capitania desaoVicente , o desancto
Antonio, o do engenho de Antonio do Vale , eo de manael dou lãura
E Coneruindo he marco antre aCapitania desaõViçente, e a de
sancto amaro: o estejro desanctos . Atrasfica dito como per oLo-
pez desouza não quis tomar as 50 . legoas deCosta de que lhe
ElRej fez m todas Juntas , e quetomou ametade Emtamaraqa
e a outraen santo Amaro de que agora tratamos . Esta Capitania
foi pouoar empessoa estefidalgo , Efez per ao poder fazer huuã
frota de nauios em quese embarcou com muitos moradores
Com os quaeê partio do porto delixboa . Esefoi apagado do Brasil
pera onde leuaua sua derrota Efez aspouoaoeê Efortalezas asima
ditas no quepassou grandes trabalhos Egastou muitos mil
Cruzados , aqual agora pusue huã sua neta por não ficar
dele erdejro barão aquẽ ela co ad eTamaraqua o uesẽdejuiz~

Cap. 62 . em que se declara parte

Da fertilidade da terra de . São . Vicente~

Nestas Capitánias desaõ Vicente , Esancto Amaro são os Ares~

Fólio 125

Nestas capitánias desaõ Viçente . Esancto amaro saõ os ares frioâ
Etemperados como em espanha cuja terra he muj sadia Edefres
cas edalgadas agoas, en as quaeâ de da asuquar muito bom, Ese
datrigo , ECeuada , deque se naõ Vza na terra por os mantimẽtos
serem bõs Efacilissimos degrangear dequeõ os moradores saõ_
muj abastados E de muito pescado emarisco , ondesedaõ tama
nhas ostras que tẽ aCasca major que hũ palmo Eha algumaâ
muitasfaçanhezas . Do trigo Vsaõ so mente perafazerẽ ostias
E algũs mimos . Tem estas capitánias muita Cassa deporcos he
Veados eoutras muitas aljmarías e aues , Ecrianse aqui tâtos
Porcos Etamanhos que os esfolãõ pera fazer ãbotas Ecouros de
Cadeiras , o que achaõ os moradores destasCapitánias mais
proueitozos Emilhor que doCoiro das Vacas dequeõ nestas Capij
tánias ha muita quãtidade por se naterra darẽ milhor que Em
Espanha , onde asCarnes saõ muito gordas Eg*ossodozas , Efa
Zem uentagẽ as das outrasCapitánias por aterraser mais
fria , Daõse nestaterra todas asfruitas despinho milhorque
em espanha , as quaeâ aformiga naõfaz nojo nẽ ao utraCou
ssapor se naõ Criar naterra como nas outras capitánias , daõ
se nestas Capitánias Vuas , figos, Romãs , maçãs , e marmeloâ
EmCantidade , eos moradores daVila desaõPaulo tem já muitas
Vinhas , ehaomeâ nela que colhẽ jadas pipas deVinho cada
nno Epor caussa das planctas e muito Verde Eperase naõha
Vinagrar lhe daõhuãferuuia nofogo , Etambem haja nesta

Fólio 126

terra alguas oliveiras que dão fruto , emuitas Rezas eos marmelos são tãtos que os fazem de Conserua etanta marmelada que aleuão a Vender por as outras Capitãias , e não ha duuidasenaõ que a nestas Capitãias outra fruta melhor que he prata o que senaõ acaba de desCubrir por não Jr a terra que a saiba tirar das minas E fundir~.

Cap. 63 . que trata de quẽsão os guoianaze e de seus Custumes

Ja fica dita como os Tamojos são fronteiros de outro gentio que se chama os guoianazes os quae têm sua de marcação a olongo da Costa pola Angra dos Reis , e daí ate orio da Cananea onde ficam uizinhamdo com outra Casta de gentio que se chamaõ os Carijos , estes guoianazes têm continuamente guerra Com os Tamojos de huã banda e Com os carijós da outra emataõ se huã aos outros Cruel mente , não são os guoianazes maliciosos nem resfalçados, antes simplex. E bẽ a Condiçõados E façelissimos de Crer qual quer coussa, he gente de pouco trabalho muito molar, não Vzaõ antresi lavouras, uiuẽ da caça que mataõ Epexe que tomã nos rios , e das frutas siluestris que omato da , são grandes frecheiros , e inimigos de Carne humana, Não mataõ aos que Catuaõ , mas a sei taõ nos por seus esCrauos , se encontraõ com gente branca

Fólio 127

Naõlhezem nenhũ dano antes boaCompanhia, e quẽ aserta
deter algũ esCrauo guojanas Enaõ sabetrabalhar digonaõ es
pera dele nenhũ serviço , por que he gente folguazam de na ture
za , e naõsabe trabalhar . Naõ costuma este gentio fazer gue-
rra aseus contrajros forados seus lemites , nẽ os uaõCus quar
nas suas uiuendas por que naõ sabẽ pelejar antre omato senaõ
no Campo onde uiuem esedefendem com seus arquos Efrechas
dos Tamojos quando lhe uẽ fazer guerra com quẽ pelejaõ no Cam
po mui Valente mente asfrechadas , as quaeßsabẽ empregar
tambẽ como seus contrajros , Naõ uiue este gentio enAldeaß
Com cassas arrumadas como os Tamojos seußVezinhos ,maß
EEn couas pelo campo de Baixo do chaõ ondetemfogo denoite
ededia, Efazem suas camas deramaepelles de alimárias que
mataõ , alingoagem deste gentio ediferente da deseusVezinhos
mas entendesse cõ os Carijos . saõ nacor Eproporsaõ doCorpo co_
mos os Tamojos , etẽ muitos gentelidades como omais gẽtio daCosta~-

Cap. 64 . em que se de clara acostado Rjo

Desancto Amaro ate aCananea~.

Atrasficadito como se divide aCapitania desaõVicente . dade São
Amaro polo esteiro desanctos , EComo a uila desancto Amaro
he aCabeça destaCapitania daqual ao rjo daCananea saõ
25 . legoas outrinta antes do qual se acaba aCapitania de

Fólio 128

Sancto Amaro eCorrese esta costa desancto Amaro ate aCananea . Nordeste sudueste , Etoma da quarta de leste oeste, a qual terra he toda boa peras epoder aproveitar , e tem muitos riachos que se uẽ meter no mar antre os quaeſ he hũ que esta onze legoas antes que cheguẽ haCananea o qual faz na boca huãEnseada que tẽ huãilha junto ao Rjo quese diz aIlha branca . este rio daCananea esta Em 25. Graos Emeo em o qual rio Entraõ nauios daCosta Esenaue Gapor ele asima alguãs legoas Ehe muj capaſperasepo der pouoar Eperasepoder fazer muita Contadeleper ser muj abastado depescado emarisco , Epor ter muita Caça cuja terra he muito fértil Em aqual se daõ muitos mantimentos dos naturais Esse daratudo o que lhe plantarẽ Etoda aCriação degado que lhelancarẽ por ter grandio Como e pera isso . Tem o Rjo deCananea na boqua huãabrra grande nomeo daqual bem defronte do rio tem huãIlha e nesta abrra esta grandeporto eabrigadapera os nauios , ondepodem estar seguros nãos detodo po ete por ter fundo pera Jsso~.

Cap . 65 . em quese de clara aCosta da

Cananea ate oRjo desaõfrancisco~.

Do Rjo daCananea ate o cabo do Padrão saõ sincolegoas Junto do qual esta huãilheta chegada aterra , E chamase

Fólio 129

este cabo do padraõ por aqui se assentar hūpelos primeiros descu
bridores . Desta costa do cabo dopadraõ ao Rjo de santo Antonio saõ
8. legoas, o qual esta em 26. graos esforcados E $2\frac{1}{3}$. neste rio entraõ
barcos da Costa auontade . Do rio de Sancto Antonio ao alagado saõ cinco
legoas , EE entre hū Eo outro esta huãllheta chegada aterra.Do
Rjo alagado ao desaõfrancisco saõ .5.legoas , o qual esta em 26 . graos
e dous terços Etẽ na boca tres Ilheos . Neste rjo entraõ naujoş
da costa onde estaõ çeguros detodo otempo chamase este rio do Saõ
Francisco por que afirmaõ os pouoadores daCapitania desaõViçente
que se enformaraõ do gentio donde uinha este rio que entra no
mar desta Costa , e que lhe afirmaraõ ser hūbraço dopara
aque os Portuguezẽs chamaõ desaõfrancisco Ehe o de queja dizemos ,
o que naõ parece possiuel segundo olugar ondese uaj meter no
mar taõ distante deste , por este rio entra amare muito , por on
dese nauega cõ barcos , em o qual se metẽ muitas ribeiras , este
Rjo tem grandes pescarias Emuito marisco , E a terra de aolõgo
dele tem muita caça egrandeComodo perasepoder pouoar por
ser muitofertil , E que dera tudo o que lheplantarẽ , aterra des
te rio he alta , Efragoza , Epouoadade gentio Carijo . Corre
se esta Costa daCananea ate o rio desaõfrancisco Nordeste sudu
este , etodas estas Ilhas que estaõ por ela EE as que estaõ a bo
ca do rio desaõfrancisco tem bõ porto Esurgidouro para os nauios amanarẽ_.

Cap.66. en que se declara acosta do rio de

SaõFrancisco , ate o de Jumirim ouJtapucuras~.

Fólio 130

Do Rjo desaõfrancisco, ao dos dragos saõ . 5 . legoas , pelo qual Em
traõCaraeloeê Etem na boqua tres Ilheos . Do rjo dos Drra
gos a Baja das seis Ilhas saõ . 7. legoas. Desta Baja ao rjo
Jtapucuru saõ . 4. legoas , oqual esta em 28. graos escaçoê
ECorrese acosta do Jtapucuru ate o rio desaõfrancisco . Norte
Sul este rio asima dito aque outros chamaõ Jumirim tẽ
a boca grande e ao mar dele três Ilhetas pelo qual Entraõ~
Caraeloeê eCorrese por ele asima leste oeste , pelo qual
Entra amare muito , onde há boas pescarias emuito maris
Co , aterra deste rio he alta Efragoza, Etẽ mais arvoredos
que aterra atraz especial mente agoas vertentes ao mar,
haterrado serto e deCampinas como adespanha Ehuã
eoutra he muitofertil e a bastada deCaça , E muito aCo-
modada perasepoder pouoar por que se nauega muito espaço
por ele asima . Este rio estapouoados dosCarijos cõtraj-
ros dos guoajazeê , deque jafalamos , estesCarijoê
estaõ depaz cõ os portuguezeê que uiuẽ naCapitania de
saõViçente EEsancto Amaro , os quaeê uem por mar Res-
gatar cõ eles neste rio on deseContrataõ sã antre huê
nẽ outros auer dezaueença nehuã ; -

Cap. 67. en que se declara aterra há

DeJtapicuru ate o Rjo dosPatoê

Do Rjo Jtapicuru ate o rio dos Patos saõ 4. Legoas . ho

Fólio 131

qual esta em 28 . graos, este rio he muito grande cuja boca sesera
Co aIlha desancta Cruz por onde entraõ os nauios os da costa EA .
mare muito espaço por ondese nauega, metense neste rio muj
tas ribeiras que uẽ do Çertaõ , o qual he muito acomoda do
perasepoder pouoar , por aterraser muito fertil . pera todo oque
lheplantarẽ, aqual tẽ muita Caça deueados Eporcos Ede muj
tas aues , eo rio hemuj prouido demarisco , Etẽ grandes pes
carias ate onde pusuem aterra os Carijós edaqui perdiente
he auiuenda dos Tapujas . EE estapor marco entre hũs Eos outros
este rio dos patos . ha bocadeste rio esta situada aIlha desãcta
Cruz no que uaj fazendo abrigo ha terra ate junto do Jtapucuru
Quefica amanei ra dẽseada . Tem esta Jlha de comprido oito_
legoas , eCorrese Nortesus , aqual da bandado mar naõtẽ
nenhũsorgidouro saluo hũllheo que esta naponto doSul , e
outro que tem na pontado Norte , aquaL IlhaEE Cuberta
degrande aruoredado , etẽ muitas ribeiras dagoadentro
Etẽ grandeComodidade perasepoder pouoar porser aterra
grossa e muito boa . Etergrandes Portos en que podẽ estar
saeguros detodo tempo muitas naos . mostra esta Ilha huãba
yã grandes que uaj por detraz antre elae aterrafirme onde
hagrandesurgidouro e abrigada pera naos detodo porte
Nesta enseada quese faz daIlha pera aterra firme estaõ muitas
Ilhetas . esta esta boca Eponta daIlha da bandado Norte
Em 28 . graos deAltura ~.

Cap. 68 . en que se declara parte
dos Custumes dos Carijós~

Atrasfica dito como os carijos são contrairos dos guoainas e como se mataõ huê aos outros . Agoralhe cabe aqui dizer deles o que se pode alcançar Esaber desua uida e Custumes . este gentio posue esta Costa des no rio daCananea hondeparte com os guoianazeê , aqual sefazem huê aos outros muj cõtina eCrruel pelejando com arcos Efr_echas, o queos carijós sabê também ma[*]rear como seus Vezinhos eContraírosê , este gentio hedomestico , pouco belicoso , de boa rezaõ, segundo seuCustume , nãoCome carne humana nê mata a homeê brancos que cõ eles uaõ Resgatar , sus tentaõse daCaçae do pexe que mataõ Edesusaslauouraê quefazem, onde plantaõ mandioqua, Elegumes cõ os Tamojos ETupiniquinê . uiuê estes Jndios emCazas bem Cubertaê Etapadas com casca de aruores por amor dofrio que há na quelaparte , esta gente he debom corpo , cuja lingoagêhe diferente da deseus Vezinhos . fazê suas brigas cõseus Contrajros em campodesCuberto , especialmente cõ osguo-Ajnazes cõ quê tem suas entradas deguerra , ecomo os des Baratados se acolhê no mato setê por seguros por que nem huê nê outros sabê pelejar por antre le Custuma estegentio noJnuerno lançar sobre sj huaêpelles deCaça quemataõ

Fólio 133

huã por detraz E outra por diante , tem mais muitas gentelidade
manhas eCustumes como os Topinambas em cujo titolo seContamuj
Particularmente ~.

Cap. 69 . em quesedeClara acosta do rjo
dos Patos ate o da aLaguna ~

Do Rjo dos Patos ao Rjo deDom R . são 8. legoas. e Correse aCos
ta Nortedul . ate onde aterra he algũ tanto alta , o qual porto
esta em 28.graos Ehũquarto . Este porto . este porto esta no Cabo
daIlha desanctaCruz na oqual esta dehuã Baja que aterr afaz
pera dentro , onde há grande abrigada EEsorgidouro pera
os nauios estarem seguros detodos osVentos tirando o Nor
deste queCursa no ueraõ queuenta Jgoal Com o qual senaõ
em crespaoamar . Doporto deDom Roiz ao porto ERjo da lagrima
são 13 . legoas , o qual no metomou per oporto ser huãCalhetagrã
de redondo Efechada na boca quepareçe alagoa , ondetambem
entraõ nauios da costa EEestaõ muj seguros, Do rjo dosPatos
ate qui he estaterra auista do mar sã mato, mas estaVestida
de erua uerde como a despanha ondesedaõ muito bem todos
osfrutos que lheplantaõ, Em aqual se dera marauilhozamẽte
aCriação das Vacas , etodo omais gado quelhe lançarẽ por ser
aterrafria E ter muitas agoas perao gado beber, esta terra E
possuída dos Tapujas aJnda que uiuẽ algũ tanto afastados
domar por ser aterra desabrigada dos Ventos , mashoporto

Fólio 134

DeDomRo he sofficiente perasepoder pouoar pola fertelidade
Daterra Epola Comodidade que tem ao longodo mar depeê
carias e muito marisco , Epor ter aterra muita Caça Eoportoda
lagoa cõ quẽ cõ cluimos este Capitulo tem hũilheo junto da bocae
Barra~.

Cap.70 . em quese de clara a costa do
Porto dalagoa ateRjo de Martim afonso ~.

Do Porto da Alagoa , ao porto Erio de martim afonso . são 22
Legoas as quaeê seCorrẽ pela costa nordeste sudueste , Etoma
Daquarta de Nortedul, este rjo esta em 30 . graos E hũquar
to , e chamase de Martin afonso desouza por ele odesCobrir quã
do andou correndo esta Costa desaõ Viçente ate o Rjo da
Prata, este rio tẽ muito bomporto defora pera naujos gran
deê , e denro pera os daCosta cujaterra he baixa e da Ca
lidade da de atraz . tem este tjo duas legoas ao mar huã
Ilja honde há bom porto eabrigada perasurgirem naujos
detodoporto . entra amare por este rjo muito, onde há muito
Marisco Cujaterra he deCampinas que estãosempre cheaê
de erua uerde cõ alguas rebolejras de mato ondesedara
tudo o que lheplantarẽ EseCriara todo gado que lhe Cam
çarẽ por ser aterrafria Eter muitas agoas delagoaê
E ribeiras per ao gado poder beber, pelo que este rjo sepode
pouoar onde os moradores que nele ujuerẽ estaraõ muj

Fólio 135

descansados, o qual he pouoado dos Tapujas como amais terra atras.
Antre o Porto dalagoa eo de Martim afonso estão Porto quese
diz daterra alta EE en hũ e em outro podem surgir os Carauelo
es da Costa .

Cap. 71. en que se de clara acosta do

Rjo de Martin afonso ate o Porto desaõPedro_

Do Rjo de Martim afonso há baja dos arrecifes saõ 20 legoas e da baja
do rjo Eporto desaõ pedro saõ 15 . legoas . o qual rio esta em altura
de 31 . grão Emeo , cuja costa se corre Nordeste Sudueste , deste
Porto desaõ Pedro se faz huãponta dareaque bota ao mar bem le
goaemea, neste porto abom sorgidouro Eabrigadapera os naujos
estarẽ seguros sobre a marra , em o qualseuẽ meter no salgado
hũ Rjo dagoa doce , esta terra he muito baixa E naõse eu de mar
emfora senaõ de muito perto , etoda hedeCampos cuberta de
erua uerde muito boa pera manutença deCriaçoes̃ deguado
Vacum , edetodaasorte , por onde ha muitas alagoas ERibei
ras deagoa pera o gado beber, Etem esta terra alguas̃ rebolej
ras de mato auista huãs das outras , onde há muita Caça de
Veados Eporcos que andaõ em bandos , e muitas outras alj̃mari –
As eaues e ao longo daCosta hagrantes pescarias , Esiticos aCo
modados pera pouoacoes̃ com seus portos onde entraõ Caraueloẽs̃
em a qual terra se aproveita o gentio . Tapuja em suas roças E
lavouras que fazem afastados do mar tres quatro legoas por .

Fólio 136

Estarem la mais abrigados dos uentos domar que Curçaõ no Jn_ uerno onde ao longo dele não tem nenhũ abrigo , Eporque lhe fica alenha muito longe .~

Cap.72 . en que se conta o como Corre a
Costa do rjo desaõPaulo ateoCabo de .S. M^a

Do Porto desaõPaulo ao cabo desancta maria saõ . 42 . legoaõs
as quaeõs seCorrẽ pola costa Nordeste sudueste , o qual
esta em 34 . graos . EEtem da banda do sueste duas lego
as ao mar trẽs Ilheos altos que dizem os Castilhos , antre os
quaeõs E aterra firme a boa abrigada Esorgidouro pera
naos detodo porte . Toda esta terra he baixa sã arvoredo ,
mas chea derua uerde emtodo anno , e apartes tem algumas
Reboleiras demato Aerua destes Campos hemuito boa pera
Criaçoẽs degado detoda asorte ondese dará muito bem por
Ser aterra muito temperada no Jnuerno EE no Veraõ laua
dra deboos ares frescos Esadios , pelaqual amuitas agoaõs
frescas pera os gados beberem asi de alagoas como deRj
beiras , ondese daraõ todos osfrutos , despanha muito bẽ
Como Em saõViçente . Epelo rjo daprata asima nas pouoa
çoẽs dos Castelhanos , ondese datanto trigo , que aConteçeo
o annode 83 . uir ao rjo dejaneiro huã das nãos em quepasou
Dom alonçoVizo Rej dapã de chile que dezembarcou en

Fólio 137

boinos Ajres , aqual carregou neste porto detrigo quese uendeo no
Rjo deJaneiro atres Reales asanega , oqual se dará muito bem do
Rjo deJaneiro por diante donde sepodeprouer toda acosta do Brazil
esta costa desno Rjo dos Patos ate aboca do rjo daprata hepouoa
da deTapujas gente do mestica Ebem aCondicionada que nãoCo[*]me
Carne humana nem faz mal agente branca que os Comunica como
saõ os moradores daCapitania desaõViçente . que uaõ em Caraue
loeê resgatar por estaCosta este gentio algũs esCrauoê
Çera daterra , porcos galinhas , e outras coussas com quẽ não tẽ
numqua dezauenças . Epor que aterra he muito Raza . EE descoberta
aosVentos Enaõ tem matos nẽ abrigadas não uiuem estes Tapu
ÿas ao longo do mar , Etemsuas pouoaçoẽs afastadas perao
Certaõ ao abrigo da terra , e uem pescar Emariscar poLaCosta,
Não tratamos aqui daVidaeCustumes , destegentio porque se
declara aodiante no Título dos Tapujas que uiuem no Certaõ
daBaja , e ajnda que uiuaõ taõ afastados destes saõ todos
hũs etem quasi huãVidaeCustumeê ..

Cap.73 . en quese declara a Costa doCabo de
Sancta Maria . ate aboca do Rjo daprata .

Do Cabo desancta Maria. aIlha dos lobos saõ 15 . legoas , cuja costa
seCorre Nornordeste susudueste , aqual esta em 34 . graoê
Edous terços , Cuja terra firme faz defronte daIlha amanejra

Fólio 138

depona , antre esta ponte e aIlha esta boa abrigada Eporto para
Nauios , Destaponta se uai recolhendo aterra pera dentro ate
Outraponta onde esta outra Ilha que se diz adasflores que
Esta legoaemea afastada destaponta que se chama dos arrj .
çifes pelos auer dalj pera dentro ate

Fólio 139

Muitos lugares, o qual rio da prata he poucado muitos lugares digo
Legoas por ele asima dos Tapujas atras de Claradao ~.

Cap. 74 . en que se declara a terra e Costa da ponta do_
Rio da Prata da banda do sul ate alã da Bajada. s. matias

A ponta do rio da prata que se diz de sancto Antonio que esta da banda do sul demora em 36 . graos E meo , defronte da qual são baixos huãlegoa ao mar . Da ponta de Sancto Antonio ao Cabo branco são 22 . legoas , E ficalle no meo hua enççada que se diz de sancta apelsonia a qual he cheia debaixo Etoda a Costa de ponta aponta huãE duas legoas ao mar são todo baixos este Cabo branco esta em 37 . graos e 2\3. E correse acosta Nordeste susudueste, Do cabo branco ao Cabo das Correntes são 25 legoas , E fica antre huãCabo e outro a angra das areas alamar , da qual sete ou oito legoas são tudo baixos . Este cabo esta em 36 _ graos , cuja costa se Corre Nornordeste . Do Cabo das Corentes ao cabo aparçelado são 86 _ legoas , e Correse a Costa de ponta aponta le nordeste oessudueste , o qual Cabo aparçelado esta Em 4i – grao cuja costa he cheia de Baixos , E apartes os tem Como seis legoas ao mar E he toda de area E a terra muito baixa Poronde se metẽ alguê esteiros do salgado onde se podem recolher Caraueloeê da Costa que são naujos duãJo cuberta que não aõ Em seis sete Palmos dagoa . Deste Cabo aparçelado setorna

Arecolher a terra pera dentro leste oeste ate a Ponta da baía.
Desão matias que esta na mesma altura de 41 _ grao que seraõ 27.
legoas , e da ponta a parcelada a 4 _ legoas En huã Enseada
que faz a terra esta huã Ilheta, ena ponta desta enseada
da banda de loeste esta outra Ilha huã legoa ao mar . Da pōta
da Baja desaõ Matias ate a ponta da terra de Março saõ 38 _
legoas Cujã costa se corre, Nortesul , a qual he toda a parçela
da E antes dese chegar a esta ponta de Março esta outra Ilha
a terra que he baixa E pouco proueitoza , Nesta pōta de Mar
ço , Se acaba a demarcação da Coroa de Portugal nesta Costa
do Brasil que esta Em 44 _ graos pouco mais ou menoõ
segundo ao piniaõ do Doutor Pero nunẽz Como sgrafo del Rej
Dom Sebastiaõ que esta en gloria, que nesta arte foi Em
Seu tempo o mar homẽ despanha~.

Considerações finais

Com motivação análogo à de Varnhagen, um dos objetivos principais desta pesquisa é situar a presente cópia manuscrita encontrada na BBM – USP em uma trajetória editorial, da qual fazem parte um conjunto maior de cópias que se encontram na Europa (Portugal, Espanha e França). Justamente por este texto presente na cópia manuscrita contar apenas com cópias, entende-se que não se fez ainda o estema, ou no limite, um esboço, conforme dito anteriormente.

Como o texto presente na cópia manuscrita se mostrou de vital importância para entender genuinamente como o Brasil se formou e como a ele se amalgamou a língua que passaria a adotar paulatinamente.

Como principal contribuição da presente pesquisa de mestrado aponta-se a identificação das perspectivas de leitura do próprio texto da presente cópia manuscrita - conforme Orlandi (2008, 20):

Como resultados, tem-se efeitos de sentido que nos colocam uma marca de nascença que funcionará ao longo de toda a nossa história: o discurso colonial. É esse processo que faz com que o “ter sido colonizado” deixe de ser uma marca histórica para significar uma essência. Uma vez colono ...

- e a identificação de dois momentos evolutivos da língua portuguesa, segundo Galves (2006), conforme já citado.

O cotejo com as edições impressas póstumas pontuou de maneira muito precisa o que se quer dizer com um determinado texto em épocas completamente diferentes, ainda que este texto seja substancialmente o mesmo, como no caso do texto da presente cópia manuscrita e as edições impressas póstumas.

Outra questão que se evidenciou com especial relevo foi a questão da procedência,

pois conforme Biblioteca Nacional (2005, 172):

Existem vinte cópias do manuscrito apógrafo. A nossa é uma delas. Está datada de 1587 porque foi nesse ano que Soares de Sousa apresentou um manuscrito à Corte Espanhola, tentando publicação, o que não conseguiu. Na encadernação original em pergaminho consta essa data; o manuscrito, no entanto, pode ser realmente desta data ou do do começo do século XVII...

Não se pode afirmar com precisão a datação e a origem desta cópia.

Particularmente, esta se mostra como a mais inquietante das questões, pois pontua duas outras questões fulcrais da trajetória da obra:

1^a.) Mesmo com o advento da imprensa bem estabelecida em território europeu, optou-se por fazer uma série de cópias. Isso é muito curioso, levando em consideração a extensão do documento. Seria importante levantar futuramente um breve histórico destas obras, onde se encontram, quando foram feitas e etc. Este estudo enriqueceria muito a produção de uma futura edição crítica.

2^a.) Em termos filológicos e linguísticos, o que se pode observar em um documento escrito, independentemente de sua procedência, são fatos e fenômenos da própria língua em um determinado tempo e espaço, de modo que, mesmo sem poder se fazer nenhuma afirmação sobre a procedência, o trabalho de cotejo e de levantamento prévio das questões e dos problemas que se podem encontrar ao longo do texto da presente cópia manuscrita se mostrou muito válido para a futura edição crítica digital.

Em uma análise mais detalhada de todo o trabalho empreendido até o presente momento, esta pesquisa objetivou apresentar considerações preliminares acerca de *Notícia do Brasil*, atentando para o fato de que houve modificações pontuais relevantes e com isso pôde-se identificar alterações empreendidas, o que auxiliará a compreensão de como essas modificações se processaram na totalidade do texto analisado em questão.

Permitiu ainda perceber que as maiores alterações foram de ordem sintática, pois houve reestruturação das orações na pontuação, outra diferença também bastante relevante

ocorre na grafia da quase totalidade das palavras. Ao estabelecer essas diferenças, poderá se identificar com precisão em que medida as nuances semânticas das palavras, e de algumas formulações, foram reconstruídas e o que toda essa reestruturação ocasionou ao texto tomado como original, partindo sempre dos aspectos linguísticos e filológicos. Através dessa comparação surgirá o glossário de variação de grafias que contribuirá com diversos projetos na área.

De extrema valia se mostrou a análise dos dois contextos de surgimento e publicação, ou seja, os séculos XVI e XIX, respectivamente; pois ainda que estejam distantes no tempo, a relação entre esses dois períodos, no caso específico deste texto, se mostra inquestionável. Qualquer trabalho que se pretenda crítico precisa considerar os diferentes momentos em que a língua portuguesa se encontrava nessas duas épocas. Esta reflexão será aprofundada oportunamente na futura edição crítica digital.

Por fim, retomando a questão do original perdido e da tardia cópia manuscrita, que compõe a *corpora* desta pesquisa, fica nítido que é necessário, antes de tudo estabelecer o real posicionamento desta tardia cópia manuscrita. Dada a falta de informações pontuais sobre a mesma, torna-se obrigatória uma análise profunda e acurada do próprio texto e do próprio suporte, o que não foi o objetivo do presente trabalho, mas que é muito relevante pontuar, para que se chegue ao profundo conhecimento desta tardia cópia manuscrita.

Todo esse trabalho de se analisar a língua portuguesa presente nesta cópia tem como meta final entender como esta se encaixa na trajetória editorial desta obra. No decorrer da presente pesquisa, este se mostrou como um dos fatos não explicados, de modo que todas as diferentes vertentes pesquisadas, que compõem a totalidade da presente pesquisa, têm como objetivo final esclarecer este que parece ser, até o momento, a verdadeira questão central da existência desta tardia cópia manuscrita. De modo que, ao

retomar o que foi explicado até o momento: este texto existiu para relatar sobre o território recém-descoberto e para esclarecer e explicar algumas informações que corriam na época sobre a América e o próprio Brasil. Evidentemente não se descarta a possibilidade da obtenção de mercês e privilégios do rei para continuar a exploração de ouro e minérios. Estas mercês foram obtidas e o autor acaba morrendo próximo ao local em que seu irmão teria falecido. Contudo, algumas décadas mais tarde, descobriu-se ouro naquela região. De caráter estritamente confidencial, e ainda assim com uma circulação parcial, esta cópia manuscrita nos revela uma questão importantíssima a respeito de sua trajetória: o caráter lacunar em que se encontra. Ainda que o próprio Dr. José Mindlin não soubesse (BIBLIOTECA NACIONAL, 2005, 172) – ou não tenha tido informações detalhadas sobre essa cópia manuscrita, a única etapa que pode confirmar todas as dúvidas é a comparação deste manuscrito no Brasil e os demais na Europa. Como afirmado anteriormente, há fortes indícios de que esta cópia manuscrita seja uma cópia tardia. Posto isto, é necessário reforçar que a intenção deste trabalho foi justamente de levantar questões pertinentes a uma futura edição crítica digital, de modo que respostas definitivas não foram dadas, antes se delineou um relevante campo de ação para que se possa fazer essa futura edição crítica com a profundidade que se faz necessária.

Como objetivo maior e mais abrangente deste presente trabalho, procurou-se apresentar o contexto da duas épocas de surgimento e publicação do texto da cópia manuscrita bem como apresentar, ao longo do texto, um levantamento de todas as questões pertinentes necessárias para serem resolvidas em uma futura edição crítica digital.

Referências Bibliográficas

Bibliografia

Corpus

- SOUSA, Gabriel Soares de. **Roteiro geral das coisas do Brasil**. Manuscrito autógrafo, 1587. Acervo da BBM-USP. (em fase de catalogação).
- SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Impresso, 1851 (ed. F. Varnhagen). Acervo da BBM-USP. (em fase de catalogação).
- SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. [organização e prefácio de Fernanda Trindade Luciani] São Paulo, Editora Hedra, 2009.

Referências Bibliográficas

- ABAURRE, Bernardete; PFEIFFER, Claudia; AVELAR, Juanito (orgs.). **Fernão de Oliveira: um gramático na História**. Campinas: Pontes, 2009.
- ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, **A história da província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil**. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858.
- ALGRANTI, Leila MEGIANI, Ana Paula Torres. **O império por escrito**. São Paulo: Alameda, 2009.
- ANASTÁCIO, Vanda. **“Meter a mão na massa”. Aspectos da prática editorial**. In: José Rodrigues Seabra Filho, Luiz Antônio Lindo e Marcia Arruda Franco (orgs.), atas da II Semana de Filologia na USP, p. 194-205, 2009.
- ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- ANSELMO, Artur. **Camões e a Censura Literária Inquisitorial**. Braga. Barbosa & Xavier. 1982.
- _____. **História da edição em Portugal I: das origens até 1536**. Braga. Lello & Irmão, 1991.
- ASSIS, Maria Cristina de. **História da língua portuguesa**. Recife: UFPE, 2013.
- ASSUNÇÃO, Carlos; SANTOS, Maria Helena. Gramáticas Portuguesas de Quinhentos no quadro do Humanismo europeu in: **Fernando Oliveira: um humanista genial**. Universidade de Aveiro. Braga: 2009.
- AZEVEDO, Gabriela Soares de. **Leituras, notas, impressões e revelações do Tratado Descritivo do Brasil de 1587 de Gabriel Soares de Sousa**. dissertação, UERJ, RJ, 2007.
- BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica: História Externa das Línguas**. São Paulo: EDUSP, 2013.
- BIBLIOTECA NACIONAL. **Destaques da Biblioteca InDisciplinada de Guita e José**

- Mindlin**. Vol.1 Brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 20015
- BLACK, Jeremy. **Mapas e História: Construindo imagens do passado**. Bauru: Edusc, 2005.
- BOSCH, Robert. **Biblioteca brasileira**. Rio de Janeiro: Kosmos, 1992.
- BOUZA, Fernando. **Corre Manuscrito**. Una historia cultural del Siglo de Oro. Madrid: Macial Pons, 2001.
- BOXER, Charles R. **O império marítimo português**. São Paulo: Cia.das Letras. 2008. 3ª reimpressão.
- BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico**. VOL I. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1983.
- BROTTON, Jerry. **Uma história do mundo em doze mapas**. São Paulo: Zahar, 2014.
- BURKE, Peter e HSIA, R.Po-chia (orgs.). **A tradução cultural**. São Paulo: Editora UNESP. 2009.
- CASTRO, Ivo. **Introdução à História do Português**. Lisboa: Edições Colibri. 2004.
- CAMBRAIA, César Nardolli. **Introdução à Crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CATTOZZI, V. W. "BOUZA, Fernando. Corre Manuscrito: Uma historia cultural Del Siglo de Oro. Madrid, Marcial Pons, 2001." **Revista Aulas** 02 (Dossiê Subjetividades. Org. Adilton Luís Martins.), 2006.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Editora ao Livro Técnico, 1976.
- CUESTA, Pilar Vásquez. **A Língua e a Cultura Portuguesas no Tempo dos Filipes**. Madri. Publicações Europa-América, 1989.
- CURTO, Diogo Ramada. A Língua e o Império. In **História da Expansão Portuguesa**. Vol.I Orgs. Bethencourt, F. e Chaudhuri, K. Círculo de Leitores.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2013.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho; RAMINELLI. **Andanças pelo Brasil colonial: catálogo comentado (1503 – 1808)**. São Paulo: UNESP, 2009.
- GALVES, C.M.C. ; BRITTO, H. S. ; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2005) The Change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, p. 39-67.
- GALVES, Charlotte. **A língua das caravelas: periodização do português e origem do português brasileiro**. Este trabalho é parte do projeto “Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança linguística, Fase II. UNICAMP, 2006.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- LAUFER, Roger. **Introdução à textologia**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- LIMA, Francisco Ferreira de. **O Brasil de Gabriel Soares de Sousa & outras viagens**.

Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português arcaico: um aproximação**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2008.

MEGIANI, Ana Paula. Memória e conhecimento do mundo: Coleções de objetos, impressos e manuscritos nas livrarias de Portugal e Espanha – sécs. XV – XVII in: ALGRANTI & MEGIANI, **O império por escrito**. São Paulo: Alameda. 2009.

MEGIANI, A. P. ; SANTOS PÉREZ, J.M ; VANDERLEI SILVA, K. (orgs.). **O Brasil na Monarquia Hispânica (1580 – 1668): novas interpretações**. São Paulo: Humanitas, 2014.

MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, Tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo**. Tese, UNICAMP, SP; 2001.

_____. **Unidade, diversidade e a invenção dos índios: entre Gabriel Soares de Sousa e Francisco Adolfo de Varnhagen**. Revista de história, São Paulo, v. 149, p. 109-137, 2003.

MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia brasileira do período colonial**. São Paulo: IEB, 1969.

_____. **Bibliografia brasiliana: livros raros sobre o Brasil publicados desde 1504 até 1900 e obras de autores brasileiros do período colonial**. São Paulo: EDUSP, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista**. Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo. Campinas: UNICAMP, 2008.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600**. Tese, UNICAMP, SP, 2004.

_____. **Sistema de Edições Eletrônicas do Corpus Tycho Brahe**. Campinas, 2007.
<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/manual/prep/manual_frameset.html>

_____. Linguística Histórica in: **Introdução às Ciências da Linguagem: Linguagem, História e Conhecimento**. Campinas: Editora Pontes, 2006.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara; MIRANDA, Bruna Baldini de; LOMBARDO, Elena; MENEZES DA SILVA, Gilcéia. **As Crônicas Históricas Portuguesas como Fontes para a História da Língua**. VII MiniEnapol. São Paulo, 2013.

PIEL, Joseph-Maria. Origens e estruturação histórica do léxico português" (1976) in **Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa**, Lisboa, IN-CM, 1989,

pp. 9-16.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **Cronistas do Século XV posteriores a Fernão Lopes**. Instituto de Cultura e Língua portuguesa. Maia. 1989.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Edição comentada por Francisco Adolfo de Varnhagen. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1971. 4ª edição.

SPAGGIARI, Bárbara & PIERUGI, Maurizio. **Fundamentos da Crítica Textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo (org.). **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TORRES, Amadeu & ASSUNÇÃO, Carlos. **Gramática da Linguagem Portuguesa** (1536). Fernão de Oliveira. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa, 2000.